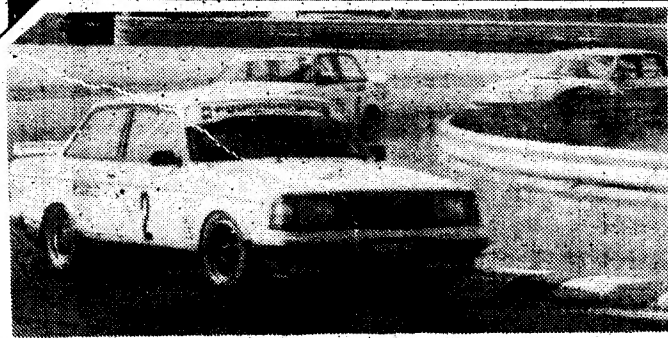




## Corrida do Estoril dita novos campeões

À passagem pela 115.ª volta pela longa recta do Autódromo do Estoril, três horas e quarenta e cinco minutos depois de terem iniciado a prova, a dupla Brancatelli/Lindstrom, tripulando um Volvo 240 Turbo, consagrou-se campeã da Eu-

ropa de Turismo. Os melhores portugueses, em sexto lugar, foram António Rodrigues e Ferrerira da Silva que conduziram um carro idêntico ao da equipa vencedora.

Pág. 27



**Michel Raptis:**  
o amigo grego  
de Otelo

Pág. 12

# Diário de Lisboa

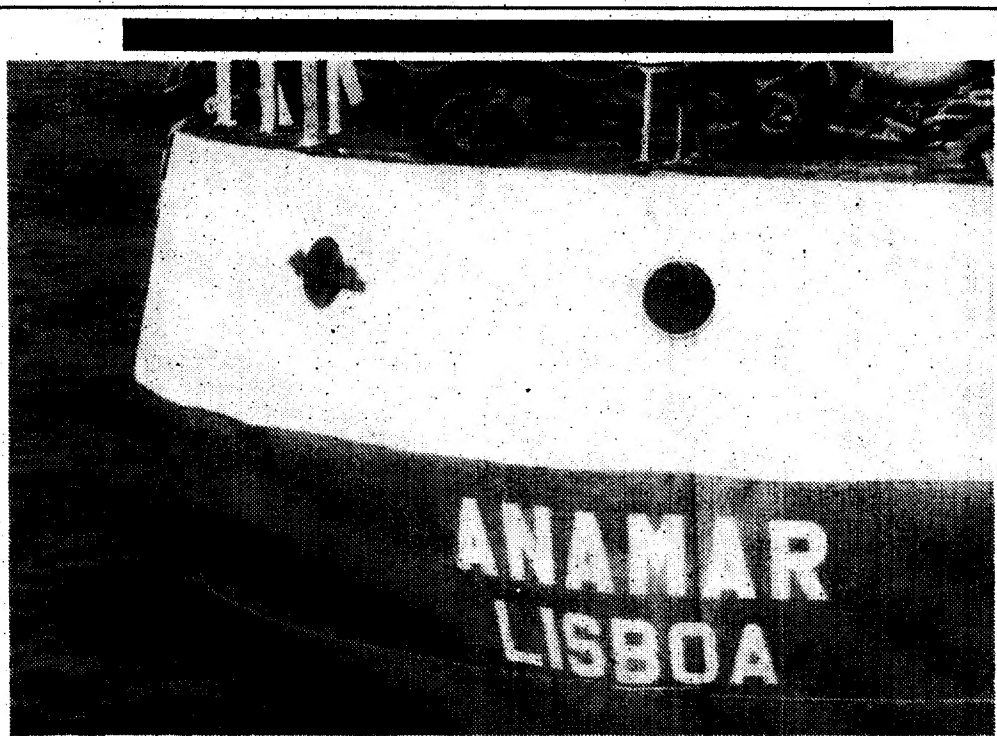
ANO 65 N.º 21 884 Segunda-feira, 14 de Outubro de 1985 Preço 40\$00

## Livros escolares mais caros 50 por cento

Os livros escolares para os graus de ensino básico elementar, preparatório e secundário estão mais caros em média 53,2 por cento do que no transacto ano lectivo, refere um estudo divulgado pela CGTP-Intersindical. Num universo de 172 livros adoptados para

aqueles três graus de ensino, o relatório refere que é nos livros tradicionalmente mais baratos que o aumento de preço se faz sentir, em média, com maior intensidade.

Pág. 7



Por trás da vigia da esquerda do «Anamar» estão presos dois guineenses (um de Conacri outro de Bissau) que queriam entrar ilegalmente em Portugal

### Retidos a bordo, na Docapesca

## Guineenses falham entrada clandestina em Portugal

Pág. 32

## Sismo mortífero na Ásia soviética

Numerosas pessoas morreram, vários edifícios ruíram e registaram-se desabamentos de terras em consequência de um sismo que atingiu o grau sete da escala de Richter, registado às 19 horas de Moscovo (16 de Lisboa) de ontem, na República asiática soviética do Tadjiquistão. O epicentro do sismo localizou-se em Kayrakkim, onde residem mais de dez mil pessoas. As autoridades soviéticas não especificaram o número de vítimas, e referiram que ondas sísmicas não especificaram o número de vítimas, e referiram que ondas sísmicas foram também sentidas em Tachkent e no vale de Ferghana.

Pág. 14

## Nobel da Medicina para dois norte-americanos

Pág. 32



Vizela, ontem como dia 6: é assim enquanto não for cancelho

## Não haverá eleições em Vizela e Lever

Em Raiva houve 63 por cento de abstenções

Pág. 4

**GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIENCIA**

**CLINICA DE TELEVISÃO A CORES**

**SOS CTC**

OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VIDEO

**ESTACÃO DE SERVIÇO PERMANENTE**

**88 27 86**  
**89 98 26**

**18 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRONICA • SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS**

**AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B • R. DE MACAU, 9, 1.º - LISBOA**

**A MELHOR ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO SEU TELEVISOR E VIDEO**

# Mulheres, idosos

## — que presente... que futuro!

Carlos Jorge

O conjunto das pessoas idosas, segundo previsões das Nações Unidas, deverá aumentar 225 milhões entre 1980 e o ano 2000.

As mulheres, com maior esperança de vida que os homens, porque vivem mais, constituem a maioria das pessoas com 60 ou mais anos, com maior preponderância, sobretudo, nas idades acima dos 80 anos.

A estrutura demográfica em Portugal não difere da tendência mundial, pois a percentagem das mulheres idosas portuguesas em 1973, representava 16% da população total, enquanto a percentagem dos homens ficava pelos 12,5%, verificando-se, todavia, como nos outros aspectos demográficos, grandes assimetrias regionais.

Tal como nos demais países, a tendência portuguesa é para um maior e mais rápido envelhecimento da população, sendo estimado que, no ano 2000, haverá duas vezes mais portugueses com 60 e mais anos do que em 1980, o que, com uma política do «deixa andar» como a actual, alterando cada vez mais a relação entre activos e não activos, terá profundas implicações na distribuição dos recursos do país.

O envelhecimento da população, isto é o crescimento relativo do número de idosos, resulta, não apenas do aumento da esperança de vida dos portugueses, da mortalidade infantil e do movimento migratório, mas sobretudo do declínio da fecundidade que levou a uma renovação demográfica negativa a partir de 1980, o que aliás não admira, pois as graves condições de vida desestimulam os casais portugueses de terem filhos e o próprio abono de família deixou de ser estimulante.

### A vulnerabilidade das mulheres idosas

As mulheres idosas para além de serem o maior número da população idosa, concentram-se, também, particularmente as isoladas — viúvas e solteiras — na camada mais empobrecida da sociedade.

O analfabetismo, a ignorância e o obscurantismo, predominando ainda mais nas mulheres idosas do que nos homens, dificultam em grande medida a auto-defesa de direitos que desconhecem e leva-as, em muitos casos, à triste resignação perante a miséria, como se esta fosse uma fatalidade dos seres desprotegidos e não a consequência de dumanas políticas de exploração dos mais débeis.

A maior vulnerabilidade das mulheres idosas é agravada pela evolução das sociedades industrializadas — leia-se desumaniza-

zadas — que, desprezando cada vez mais as famílias, impede que os membros mais jovens atendam os mais idosos.

### Recomendações das Nações Unidas

O Secretariado das Nações Unidas, através de conclusões e de recomendações aprovadas por delegações oficiais de mais de uma centena de países, entre as quais representantes do governo português, em reuniões internacionais, como a Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento (Julho de 1982, na Áustria) e a Conferência Mundial sobre a População (Agosto de 1984, no México), tem chamado a atenção dos governos dos Estados Membros para o impacto que o grande crescimento das populações idosas, em números absolutos e relativos, terá no desenvolvimento sócio-económico e em factores como a produtividade, o consumo, as poupanças, as despesas com a saúde, a habitação, o bem-estar das populações, etc...

Porém, os governantes portugueses, autoritários e «sabi-chões», sem sentimento social nem humanista, desprezando recomendações ponderadas por centenas de técnicos e especialistas das mais variadas matérias, representantes de numerosos países do mundo capitalista e socialista e de todas as religiões, têm inviabilizado o presente e o futuro dos portugueses, subvertido a Constituição da República e traído a democracia.

O Plano de Acção da Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento foca os mais variados aspectos da vida e da situação das pessoas idosas e apresenta recomendações sobre a melhoria da capacidade económica daquelas, saúde e nutrição, habitação e ambiente, bem-estar, emprego, educação, apoio oficial às famílias que apoiam idosos, e destaca a responsabilidade nacional no relativo às medidas económicas, sociais e humanistas, contra a degradação económica e social das populações desprotegidas. Porém, os governantes portugueses agem ao contrário do recomendado.

Segregação em vez de participação

Como no passado, os nossos governantes continuam a ver o sector idoso como dependente, sem terem em conta a contribuição activa que as pessoas idosas deram ao país, nem consideraram que, em certa medida, muitas poderiam continuar a dar muito dos conhecimentos e das

experiências acumuladas se em vez de marginalizadas, fossem apoiadas e chamadas à participação directa, como têm direito, na acção colectiva e na solução de problemas que os afectam, como afectam a comunidade.

A Comissão Económica para a Europa, dirigindo-se aos Estados Membros, como é o caso de Portugal, recomenda: «a população idosa constitui uma componente válida e importante dos recursos da sociedade humana e, assim, devem ser tomadas medidas para a criação e a extensão de oportunidades na sociedade e na economia a favor das pessoas idosas, adaptadas ao seu potencial e capacidades.»

Mas, os governantes e os autarcas que não estão ao serviço do Povo, em vez de integrarem as pessoas idosas na sociedade, preferem segregá-las, retirá-lhes o Estatuto Social e não conferirem a qualidade de Parceiro Social ao órgão associativo com vocação para os representar — o MURPI.

### Política anti-social

Porque a filosofia social dos governantes portugueses se limita aos seus interesses de classe, antagónicos dos interesses colectivos dos jovens, dos trabalhadores e dos idosos, a política praticada tem sido de recuperação do grande capital, com o corolário de maior miséria e maior empobrecimento, através da redução do poder de compra dos salários e das pensões, agravamento da qualidade dos cuidados médicos e do preço dos medicamentos, aumento das rendas de casa, desemprego, salários em atraso, eliminação de apoios sociais num conjunto de medidas desumanas e anti-sociais que tem infernalizado a vida das pessoas idosas, injustamente despersonalizadas e atiradas para a maior solidão, à espera da morte, cansadas de viver.

Se são difíceis as condições de vida dos homens, as das mulheres idosas isoladas são bastantes mais graves, quer por continuarem absolutamente desintegradas da sociedade, quer por sofrerem ainda as consequências da discriminação de que a maioria foram vítimas no trabalho, no lar e agora na velhice.

A mulher idosa, isolada, ou vive de uma pensão de direito próprio — invalidez ou velhice — cujo miserável valor, em consequência da exploração salarial de obrigações familiares e de leis iníquas, é muito inferior a um terço do salário mínimo nacional: ou vive de uma pensão de viúva, cujo montante é 60% da miséria que recebia o marido; ou se não casou nem exerceu actividade abrangida pela Previdência, tem de estender a mão

à caridade, apanhar cartão velho ou procurar uma «bucha» nos caixotes do lixo, porque a pensão social não dá para viver.

Inconstitucionalmente, as companheiras de trabalhadores falecidos continuam segregadas do direito a pensão de viuvez, sendo vítimas de uma dualidade de tratamento em relação às companheiras de funcionários públicos falecidos.

### Tomemos a nossa vida nas nossas mãos

A Conferência Mundial sobre a População recomendou a necessidade de aprofundar a análise da questão do envelhecimento, em especial nas suas incidências sobre o desenvolvimento, considerado no conjunto dos serviços sociais, cuidados médicos e outros campos conexos, incitando os governos a, na base dos dados recolhidos, tomarem as medidas que se impõem para garantir o bem-estar e a segurança das pessoas idosas, com particular atenção no que se refere às mulheres muito idosas.

As mulheres, jovens ou idosas, tal como qualquer homem, têm direitos constituídos pela sua gestação e pelo simples facto de ter nascido.

Direitos que, para muitas mulheres, só foram conhecidos depois do 25 de Abril, como o direito ao bem-estar económico, à saúde, à cultura, etc., insertos na Constituição da República, traída por políticos que a aprovaram em 1976, e, desde então, têm governado o País.

É pesada a carga que resulta da massa de dependentes — crianças, jovens em idade escolar e idosos — e recai na economia nacional; carga que, com a evolução demográfica, será bastante mais pesada no início do próximo século; carga que é uma responsabilidade do Estado e que, por isso, exige a tomada, desde já, das medidas adequadas e a criação das infra-estruturas necessárias para assegurar um final de vida condigno.

Porque a justiça social não pode ser o restos do festim dos ricos, como a experiência demonstra, é incompatível com a exploração capitalista, a melhoria das condições de vida das pessoas idosas de hoje, e das do futuro, exige desde já cumprimento integral da Constituição da República, o que só será assegurado por outra política e uma maioria na Assembleia da República disposta a fazer cumprir a Lei Fundamental tal como está em vigor, o que não seria o caso dos políticos da direita que têm governado o país nos últimos 9 anos, pois estes prometem destruí-la...

(\*) Colaborador do MURPI



José Fernando,  
22 anos,  
estudante

## "Ficarmos pior do que já estamos é difícil"

— O que estuda?  
— Estou no 5.º ano do curso de Gestão de Empresas.  
— Porque fez essa opção?  
— Acho que estou vocacionado para esta profissão.  
— Quais as perspectivas de trabalho com esse curso?

— De um modo geral são más, mas no meu caso particular, como estou a tirar um estágio, julgo que não vou ter grandes problemas. No entanto, pelo que vejo acontecer com os meus colegas, a situação não está boa.

— Como analisa o crescente desemprego juvenil?

— Penso que é fruto de retracção da Economia. Acho que se os governantes fizessem uma política desenvolvimentista, o caso do desemprego juvenil ficaria resolvido.

— Face aos resultados eleitorais, acha que algo vai mudar?

— O PSD está à prova e tem que governar bem porque está pressionado na Assembleia pelos outros partidos. Se governar bem, é bom para o País; caso não o faça haverá novas eleições e o PSD perde a percentagem de votos que neste momento tem.

— Tem esperança de que alguma coisa melhore?

— Como jovem que sou tenho de ter esperança. Se os governantes fizerem um bom trabalho e desenvolverem o tipo de política que já referi, e ainda com a entrada na CEE, é possível que alguma coisa melhore. Ficarmos pior do que já estamos é que é difícil.

— Mais uma vez, as aulas começaram com graves problemas. É o caso, por exemplo, de 50 mil alunos que estão sem aulas. O que pensa sobre esta situação, que se repete ano após ano?

— O País deve estar munido de todas as infra-estruturas, como é o caso de escolas, porque a educação é um dos pilares da sociedade. Este é um dos problemas que tem que ser resolvido a curto prazo.

— E como se poderia resolver o problema?

— Acho que devia haver uma política global e uma melhoria na qualidade de ensino, ou seja, um professor para leccionar devia primeiro prestar provas pedagógicas para se ver se na verdade está vocacionado para essa profissão. Não se justifica que os alunos sejam prejudicados, seja a nível primário, secundário ou universitário.

— Se pudesse governar o que começava por mudar?

— Penso que mudava quase tudo, pois quase tudo está mal. Julgo que teria que actuar com rapidez na alteração da política económica, no ensino e acabar com a corrupção.



Arquitectura reflexa

# Polémica frustrada

Pedro Vieira de Almeida

Para falar com clareza direi à partida que o Centro das Amoreiras, recentemente inaugurado, me parece ser uma obra de interesse menor, que não fosse a dimensão que tem, o que na arquitectura é factor de peso, e a sua localização na cidade, o que inevitavelmente determina a sua presença urbana, não apetecia referir sequer, pela mesma razão que não apetece perder muito tempo a analisar e para citar um caso concreto que imediatamente vem à ideia, o leticismo fantasioso desenvolvido ao longo de quase toda a estrada Lisboa-Porto. Num e noutro casos não por usarem da fantasia, mas pela qualidade da fantasia que usam.

Não parece que se possa dizer com rigor, constituírem as Amoreiras um conjunto polémico se ao termo polémico se conferir algum sentido crítico consistente, que não seja o da publicidade mais ou menos encapotada, ou a da referência meramente jornalística.

Grande de certeza, espalhafatoso indiscutivelmente, mas também excessivamente pobre e suburbano, para que possa ser uma peça excitante a merecer debate.

Não se trata aqui da recusa liminar de uma linguagem arquitectónica que as Amoreiras, por hipótese, assumiram agressivamente. Trata-se da verificação da incapacidade de controlo dessa linguagem, do

seu desenvolvimento inconsequente, da insuficiência da sua exploração.

Não vou portanto analisar exaustivamente o Centro, mas apenas indicar alguns pontos que creio relevantes por poderem situar em parte o carácter de suburbanidade que atribuo ao conjunto.

Começando por uma ponta diminuta mas significativa, chamaria a atenção daquele — ou aqueles poucos certamente — que tenham a paciência de ler esta crónica e que tenham a paciência acrescida de lá ir verificar o que aqui se diz, para um detalhe construtivo que aparece ao nível do primeiro piso em todas as floreiras e é portanto fácil de encontrar: é o capeamento dos muretes constituído por uma laminasinha de mármore de 15 milímetros de espessura.

Aquela pedra, assim colocada com aquela fragilidade de dimensão, projectando-se dimensão idêntica para fora da face do murete, é um pormenor de mau desenho e pior noção de materiais, de expressiva tacadilha formal típica de obras de carácter suburbano, carácter menor que vai mesmo assim surgir intersticialmente em todo o conjunto e em todos os planos.

Vamos então adoptar aquele pormenorzinho, como guia da nossa visita ao Centro Comercial das Amoreiras.

A tacadilha a que atrás se faz

referência não é estorvada pela alacridade algarviada do tratamento da volumetria geral, pelo contrário, esse excesso de barulho formal diz exactamente o mesmo em termos culturais que diz o modestinho pormenor que nos vem servindo de guia: suburbanidade.

Sobretudo sensível no interior do Centro, a gritaria formal torna-se particularmente inadequada, funcionalmente inadequada, num percurso que se pretende de rua comercial, que sendo excessivamente carregado, absorve os esforços das lojas para a sua própria individualização.

Aqui é curioso verificar como por um lado sendo a linguagem utilizada excessivamente constritor por outro se vai admitir uma livre utilização dos espaços comerciais, aparentemente sem estabelecer qualquer regra (que mesmo em termos urbanos de rua exterior seria exigível) o que vai implicar algumas tentativas bem desesperadas de notoriedade comercial com resultados frequentemente próximos do caricato.

As melhores lojas parecem ser nas Amoreiras as que a tempo entenderam que a sua presença se deveria marcar no meio da gritaria circundante, não pela tentativa de gritar mais que todos, mas por uma contenção de expressão formal, no fundo por uma distanciamento em relação à envolvente. Dumas e doutras não darei exemplos.

Outra relação estabelecida entre o suburbano pormenorzinho-guia e os decibéis formais do centro, vem do facto de esta gritaria implicar ainda a saturação do espaço interior que mesmo quando funcionalmente não definido de maneira tímida o que nem sempre acontece — particularmente nas galerias que comunicam com pisos inferiores, — resultam sempre insuficientes, tancanhos, curtos nas mangas. Mas esta ausência de controlo no uso do espaço e das formas, é particularmente sensível nos episódios em que a sua articulação era fundamental, como por exemplo na escadaria.

O dinamismo que aqui naturalmente se pretendia introduzir acaba por se perder, quer pelo facto de a escada como objecto ser lançada sem dimensão (a relação cobertor-espelho é insuficiente para um espaço público) o que faz com que essa escada tenha o mesmo sentido de acanhamento e atrofia formal que verificamos no pormenorzinho-guia.

Mas além disso é insuficiente também em extensão e pé-direito, o espaço de entrega no piso inferior, o que para quem sobe dá uma presença excessiva e saturante ao objecto que a escada é.

Acentuando esta incapacidade de definir correctamente o «objecto-escada» e a sua relação espacial, é construído um «objecto-fonte» que corta a vista superior, que desse nível poderia verificar a anima-

ção local, objecto-fonte que além da sua fraquíssima qualidade plástica satura uma vez mais o espaço, agora precisamente o único que poderia servir de respiro em todo o conjunto.

Mas esta indigência na invenção e controlo formais, verifica-se também por exemplo no lançamento das galerias envidraçadas que acabam por não ser tratadas como elementos estruturados e estruturantes dos espaços públicos, ou nas incidências de pilares e condutas de estruturas elevadas que atravessam esse espaço público um pouco ao calhar.

É então tudo negativo nas Amoreiras?

Deliberadamente não falei na desajustada relação com a cidade, nem no facto de se tratar de uma não muito feliz versão, embora disfarçada por pueris formas, do velho tema do podium e torres, mas temo bem que não haja no conjunto muito de qualificado para assegurar a base mínima que uma polémica crítica, responsávelmente teria de exigir.

Não se trata de uma incapacidade intrínseca da linguagem adoptada, mas de uma definida incapacidade do seu controlo até do seu aproveitamento, e gostaria de apontar uma única perspectiva nas Amoreiras — pode ser que haja mais mas eu não encontrei outras, — que apresenta uma outra capacidade de agenciamento espacial, que

utiliza de outra maneira as potencialidades da própria linguagem.

Na entrada do lado da Av. Duarte Pacheco — a única entrada dimensionada à escala do Centro — para um observador que se situe junto ao pilar que está no ângulo da rampa de entrada frente às futuras instalações de um Banco e que desse local olhe na direcção de Monsanto, percebe nesse único episódio arquitectónico, o que a adopção de sucessivos ecrãs se devidamente trabalhados, podia permitir como jogo de luz, o que a cor se devidamente entendida poderia representar em toda a organização de planos de profundidade.

No entanto, este episódio, que é demasiado breve para que no contexto não surja como involuntário, serve para demonstrar que com aquelas mesmas opções formais ou aquela mesma apetência de cor, era possível ter chegado a outros níveis completamente diferentes de proposta arquitectónica.

Aí valeria então a pena levantar polémica sobre o sentido e o significado cultural da obra.

Tal como é, decididamente não vejo como.

Que me desculpe por isso o amigo que me dizia ser necessário que a «Arquitectura Reflexa» participasse numa polémica que lhe parecia existir sobre o Centro das Amoreiras.

Não participa.

## Gentes e paisagem

# ...E vive longe do mar

Dias de Melo

Vou com o meu filho José Manuel e o meu neto João, três, quatro minutos o automóvel a rodar na estrada para Castelo Branco e Lisboa, orvalho branco das flores das cerejeiras nas encostas, logo tomamos à esquerda, Vale de Prazeres, Orca, pegada toponímica das sandálias de Roma que os séculos não apagam, metemo-nos à planície, de onde em onde casas dispersas, mais altivas umas, mais humildes outras, casas arrebanhadas em aldeias, vilas talvez, vira-as na véspera, de longe, ao cair da noite, vejo-as agora de perto, em pleno dia deslumbrante de sol, silenciosas, sem olhos que nos olhem nem lábios que nos sorriam neste imenso tapete de veludo verde, empregnado de primavera e como que ausente de vida humana, apenas topamos com um velhinho e mais uma velhinha, secos, ossudos, encarquilhados, escurinhos, de escuro vestidos lado a lado cavam de sacho nas mãos ásperas e costas

magras dobradas para a terra — neste imenso tapete de veludo verde como que ausente de vida humana e florestado de penedos de granito espesso, há-os que se assemelham a baleias do mar ou a monstros da terra, há-os que se assemelham a caveiras do tamanho de capelas, ermidas, igrejas, conventos, por vezes negros, digo estes são basalto, o meu filho José Manuel sorri, não, pai, aqui só há granito, teimo, a ignorância é teimosa, a minha não foge à regra, mas é negro, da cor do basalto, e ele, é negro, mas é granito. À nossa passagem, espantada pelo barulhar da máquina, uma ave, enorme, preta, levanta voo à ilharga da estrada, eu levanto os olhos, não vejo sorrindo, é um corvo, a pretidão lustrosa a luzidia do corvo mancha, asas pesadamente abertas, a pureza azul do céu caindo, à nossa volta, nos pináculos das serras que cercam, de longe, os horizontes, serras de Espanha a leste, serras de Portugal aquém

da fronteira, a Estrela ao norte coberta de neve, a Gardunha a oeste, corvos que aparecem nos livros de Fernando Namora, por estas paragens andou, a presença dele buscámos, detemo-nos junto deste ribeiro, ribeiro ou ribeira, rio é que me não parece que seja.

O meu filho José Manuel nasceu nas ilhas, ele e todos os meus filhos, no meio do mar e para o mar nasceu, queria ser oficial da marinha mercante, é bancário, também eu o quis no meu tempo, acabei em mestre-escola. Na adolescência e na juventude passava ele o verão nadando, mergulhando, com resistência de golfinho, quando estávamos de férias no Pico, Agosto de fogo, Setembro de oiro, todos os dias nos chegava a casa com bateladas de lapas e arrastos de polvos, apanhava-os no fundo do mar, com o peixe que eu pescava de pedra com a cana, de barco com os arames, era uma farura nunca vista, tínhamos lapas cruas, para mim as melhores, fresquinhas, tenri-

nhas, com aquele saborzinho de mar, molhadinhas em vinagre, temperadinho de malagueta e trincadinhas no dente não há nada que lhes chegue, tínhamos lapas guisadas, lapas à molhosa, cozido no caldeirão com vinho e com cebola, alho e canela, cravinho, jamaica, pimenta preta, a folhinha de loirol fino não podia faltar nem a pontinha de malagueta, tínhamos peixe de caldo, peixe de caldeirada, peixe de ensopado, peixe frito, peixe assado nas brisas com molho cru, salsa, assaflor, malagueta, alho sal, já se vê, triturava-se no gral, caldeava-se com vinagre, e era malagueta, e alho, e sal a atafolhar a barriga e os lanhos abertos, um de cada lado, no peixe de churrasco assado numa telha em cima do brasido), de um ou outra coisa tínhamos sempre à nossa mesa, em frente à porta da cozinha aberta para o mar, ao jantar, no Pico em volta de meio-dia, e à ceia à noite, e de tudo à uma

tinhamos, pelas tardes de domingo e pelos serões das vindimas, nas merendas pantagruélicas no pátio à porta da adega, em baixo, na loja, a lua no céu, a cantinela do mar na costa, o pinga-pinga do mosto, lá dentro, a cair, lento, cadenciado, da bica do lagar para a selha — e a gente, irmãos, primos, tios, meu Pai, amigos, a comer, a beber, na barrica arrumada no canteiro a torneira sempre aberta escorria para o cânjero, cá fora o cânjero sempre cheio escorria para as teladeiras empinadas umas atrás das outras, a tornar mais gostoso na goela o gostinho do luminho bom da malagueta (enquanto trabalhei a vinha e tive vinho na adega e minha mulher pôde cozinhar para lhes encher o bandulho, nunca me faltaram em casa amigos, de perto e de longe, até do Cais do Pico, a quarenta quilómetros, de S. Miguel a cento e cinquenta milhas mesmo do Continente a novecentas), contávamos histórias, cantávamos, tocávamos guitarra e bandolim,

bandolim tocava-o eu, armava-bailarico, rapazes e raparigas, novos e velhos, cirandavam nas voltas da chamarrita, as tardes de domingo acabavam pela noite dentro, as noites de vindima cresciam até de madrugada. Era assim. Hoje...

O meu filho José Manuel nasceu para o mar e vive longe do mar, qualquer gota de água lhe serve para, sequioso, matar saudades do mar, dos tempos em que andava nadando, mergulhando, apanhando lapas e polvos nos fundos dos mares do Pico — naquela gota de água, límpida, transparente, ribeiro ou ribeira, seus olhos mergulham ávidos de mar.

O meu neto João, desensofrido, vamos, vamos...

Olho o meu filho José Manuel. Não lhe digo nada. Compreendo-o. Sinto o que ele sente. Olho o céu. Já nem vejo o corvo. O círculo das serras. A planície. No meio da planície — o espinhaço de Monsanto.

## Entrada do PRD motiva reunião do Parlamento

Representantes de todos os grupos parlamentares e ainda do PRD vão reunir-se hoje à tarde num primeiro encontro informal com o presidente da Assembleia da República.

Esta primeira reunião destina-se a uma abordagem acerca da questão da futura localização da bancada do PRD no hemiciclo e ainda da atribuição de salas no Palácio de São Bento para os serviços de apoio deste partido.

Posteriormente, «amanhã ou na quarta-feira», e para debater os mesmos assuntos, será então convocada formalmente a primeira reunião da conferência dos líderes parlamentares (o que de momento exclui o PRD, pois este ainda não tomou posse como partido parlamentar).

Entretanto, a Comissão Permanente da Assembleia da República foi convocada para se reunir na quinta-feira, com o objectivo de dar o assentimento parlamentar à próxima deslocação do Presidente da República, no dia 21 de Outubro, às Nações Unidas, em Nova Iorque.

Nesta reunião deverão também ser tomadas deliberações acerca das instalações para o PRD.

### Eanes e mulher juntos nos EUA

O Presidente Ramalho Eanes parte no dia 21 para Nova Iorque, onde vai discursar por ocasião do 40.º aniversário das Nações Unidas, aproveitando para ficar quatro dias naquela cidade, numa altura em que a sua mulher também estará nos EUA.

Durante a sua estada, Eanes terá encontros com o presidente Ronald Reagan (durante uma recepção onde estarão também todos os outros presidentes) e com alguns chefes de Estado que ali estarão para assistirem às comemorações, designadamente José Eduardo dos Santos, de Angola, e Aristides Pereira, de Cabo Verde.

O regresso a Lisboa do Presidente da República está previsto para o dia 25.

Entretanto, Manuela Eanes estará também durante estes dias nos Estados Unidos, para onde partirá já no dia 17, a fim de estar presente, no dia 19, numa cerimónia relacionada com o apoio de uma fundação norte-americana ao Instituto de Apoio à Criança, de que é presidente.

A mulher do Presidente Eanes participa depois, no dia 21, na segunda reunião (a primeira teve lugar em Maio de 1984), promovida por Nancy Reagan, com mulheres de chefes de Estado de todo o mundo, para debate de questões da droga.

## POLITICA



A «força» erguida pela população de Vizela como símbolo do seu protesto

### Raiva dá vitória ao PS mas abstém-se 63 por cento

# Em Vizela e Lever tudo como há uma semana

Dos três actos eleitorais que, em repetição, se deveriam ter efectuado ontem, apenas na freguesia de Raiva entraram na urna os boletins de voto dos eleitores, tendo-se verificado uma vitória do Partido Socialista e uma abstenção de cerca de 63 por cento. Em Vizela e Lever, tudo como na semana passada. Ou seja, dois boicotes em tudo idênticos.

Em Vizela imperou a violência, com a população das freguesias de S. João e de S. Miguel a destruir todo o material preparado para o sufrágio. Nestas duas freguesias estavam inseridos cerca de 6300 eleitores cujo voto, todavia, não influi na atribuição dos mandatos do círculo de Braga, que ficam distribuídos da seguinte forma: PSD, 6; PS, 4; PRD, 3; CDS, 2 e APU, 1.

O governador civil de Braga já manifestou a intenção de não mandar repetir o acto eleitoral em Vizela.

#### O boicote de Lever

Em Lever, o boicote teve outra origem: nenhum dos 15 membros nomeados para as mesas compareceu, pelo que o presidente da Junta, uma hora depois da abertura das urnas, deu o acto eleitoral como encerrado.

Em Lever estavam inscritos cerca de 2300 eleitores. O seu voto, porém, também não influi na atribuição dos mandatos pelo círculo do Porto, embora eles não tivessem sido oficialmente publicados na íntegra.

Segundo um estudo informático da agência NP, ficará assim a distribuição dos deputados pelo círculo do Porto: 12 para o PSD, 10 para o PS, 8 para o PRD, 5 para a APU e 4

para o CDS.

No passado dia 6, o acto eleitoral não se efectuou, em Lever, por populares terem destruído as urnas.

Na origem dos boicotes está a disputa sobre delimitação territorial entre as freguesias de Lever e Crestuma, que em 1983 provocou graves incidentes.

Pinho da Silva, presidente da Comissão Administrativa de Lever, que substitui os órgãos autárquicos da freguesia de Lever, disse, referindo-se à ausência dos elementos das mesas, que o presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia «nomeia as pessoas por edital sem saber da sua disponibilidade».

«Das 15 pessoas nomeadas, sete encontram-se ausentes e das restantes nenhuma se apresentou», acrescentou.

Nas últimas eleições realizadas em Lever, em 1983, o PSD foi a força política mais votada, com quase o dobro dos votos do PS, segunda força política da freguesia.

#### Como foi em Vizela

A população de Vizela boicou ontem a repetição das eleições legislativas nas duas freguesias desta vila do distrito de Braga, sufrágio que não interfere na atribuição de mandatos por este círculo.

Centenas de populares, que se tinham concentrado na Praça da República ao toque de uma sirene e ao estalar de foguetes, invadiram às 7h36 a assembleia de voto instalada no posto de turismo da vila, tendo destruído todo o material das eleições.

No espaço exterior fronteiro ao posto de turismo, antiga dependência da Câmara Municipal de Guimarães, milhares de boletins de voto misturados com as folhas de cadernos de recenseamento modificaram completamente o aspecto asseado das ruas da vila.

Os populares organizados em manifestação dirigiram-se depois às assembleias de voto instaladas nas escolas primárias de São Miguel, onde repetiram a acção empreendida no posto de turismo.

As urnas e câmaras de voto retiradas das assembleias foram posteriormente colocadas numa força instalada na principal artéria de Vizela, que serviu igualmente de percurso aos manifestantes para se dirigirem ao posto local da GNR.

Junto ao aquartelamento da GNR, os populares, gritando «Vizela é assim, luta até ao fim» e «Concelho sim, colónia não», lançaram pelo ar dezenas de boletins de voto que tinham sido retirados das assembleias.

No final da marcha, os vizelenses concentraram-se de novo na Praça da República, onde se realizou, à tarde, um espectáculo musical em que participou o Grupo de Cavaquinhos de Braga.

Entretanto, o governador civil de Braga, Sousa Lopes, disse que não se repetirão em

Vizela as eleições para a Assembleia da República.

«Em face do novo boicote e de acordo com a lei eleitoral, é dado por encerrado o processo das eleições legislativas pelo círculo de Braga», sublinhou o governador do distrito.

Sousa Lopes precisou ainda que só seria repetida no próximo domingo a eleição caso dela dependesse a atribuição de algum mandato partidário no círculo de Braga.

«Não sendo assim, concluiu o chefe do distrito, dou por encerrado o processo».

#### Abstenção dominou Raiva

O Partido Socialista venceu o escrutínio na Freguesia de Raiva, concelho de Castelo de Paiva, para as eleições legislativas, que decorreu em ambiente calmo, a despeito do boicote de há uma semana.

Perante uma elevada percentagem de abstenções, 622 votantes para 1771 eleitores inscritos, o PS conseguiu 212 votos, seguido do PSD (197), PRD (99), APU (62) e CDS (15).

A votação dos restantes partidos concorrentes foi a seguinte: MRPP (2), PSR (7), PDC (6), POUS (2), UDP (4) e PC(R) (3).

Nas duas secções de voto entraram cinco votos brancos e oito nulos.

A repetição do escrutínio deveu-se ao boicote de há uma semana como protesto contra a decisão do presidente da Câmara de Castelo de Paiva de transferir a assembleia de voto do lugar de Raiva para Oliveira do Arda.

JÁ À VENDA

**UMA SOLUÇÃO PARA PORTUGAL**

Num momento particularmente importante da vida nacional, um candidato a Presidência da República apresenta as suas reflexões sobre o Portugal de hoje e um Portugal de amanhã.

O leitor que se preocupa com o futuro, e nele quer desempenhar um papel interveniente, tem aqui uma obra que deve ser lida e ponderada... para fazer as suas opções.



**um livro de Diogo Freitas do Amaral**

Colecção: «Estudos e Documentos»



PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

**PRECISA-SE**

**DACTILÓGRAFA**

Idade até 25 anos, experiente e rápida. Telf.: 524233

# PRD concorrerá pelo menos a 60 Câmaras Municipais

O PRD concorrerá nas próximas eleições autárquicas a um número de Câmaras Municipais que oscilará entre 60 e 80, com especial predominância nos distritos de Castelo Branco e Portalegre. Poderá no entanto concorrer a um número mais elevado de assembleias municipais. O facto de ter definido como critério não opor listas para a presidência de Câmaras nas autarquias que considere bem geridas, não exclui a intenção de procurar ter a sua representatividade naqueles órgãos.

Esta informação foi dada pelo porta-voz daquele partido, Carlos Lilaia, no final do Conselho Nacional que esteve reunido no sábado, durante quase todo o dia, num hotel de Lisboa.

O Conselho Nacional do PRD decidiu também que nenhum militante deste partido participe em listas de outro partido, mesmo na qualidade de independente. O critério definido para a elaboração de listas prevê que sejam as concelhias, de acordo com as distritais, a escolher os nomes mas, nas capitais de distrito ou autarquias com mais de 60 mil eleitores, deverá haver uma aprovação expressa da Comissão Directiva Nacional.

Carlos Lilaia sublinhou que o PRD não está a pensar em ganhar todas as câmaras a que concorre mas que, tal como a nível nacional encetou um processo de mudança, «temos um desejo de alternativa e de presença».

## Nomes

O PRD vai recolher durante esta semana os resultados dos contactos efectuados com vista às listas para as autarquias mais importantes e só então divulgará os respectivos nomes. Alguns são já conhecidos, como é o caso do Fundão, cujo cabeça de lista será António Paulouro.

A grande expectativa reside em relação às Câmaras de Lisboa e do Porto, onde o PRD se prepara para apresentar duas candidaturas fortes «para ganhar», segundo nos afirmaram responsáveis daquele partido.

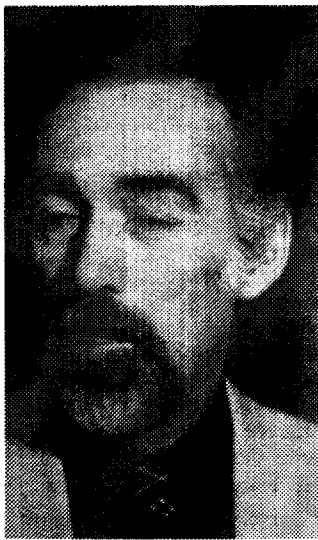
Para Lisboa foram ventilados diversos nomes e o de Vítor Alves seria um deles. Informa-

ções que recolhemos posteriormente permitiram-nos concluir que o candidato do PRD nas legislativas por Beja, que não foi eleito apenas por uma margem de 600 votos, poderá estar destinado para outras funções, porventura mais importantes e adequadas ao seu perfil, mas não à Câmara de Lisboa.

Quer os dirigentes nacionais quer os distritais escusaram-se a revelar aos jornalistas os nomes que têm em vista. Há todavia razões para acreditar que o candidato forte que os renovadores pretendem para Lisboa será o eng. Correia Gago. Em relação a este nome surgem todavia dois problemas. Um deles é que este compromisso autárquico iria colidir com as funções que actualmente exerce no porto de Lisboa. Por outro lado, há quem pense no seio do PRD, que não deve ser excluída a eventualidade de, num prazo não muito longo, o PRD poder vir ser chamado a exercer funções governativas — caso ocorra um novo acto eleitoral que lhe dê a maioria — e Correia Gago poderia vir a fazer falta para funções diferentes.

Sobre os apoios que poderá ter o candidato do PRD à Câmara de Lisboa, Carlos Lilaia declarou aos jornalistas que eles poderiam ser provenientes da APU e do PS, mas não explicitou como se conciliariam.

O caso do Porto é significativamente diferente. O nome que o PRD deseja ver como candidato, e que só hoje será oficialmente contactado «é um nome para ganhar», asseguram-nos, e tem a disponibilidade necessária para aceitar se quiser. De



Vítor Alves e Correia Gago

acordo com as escassas informações disponíveis, a concretizar-se esta candidatura será grande a surpresa e o impacto.

Pode, no entanto, afirmar-se, desde já que não se trata nem de Pedro Feytor Pinto nem de Vasco Graça Moura, conforme foi posto a circular em alguns meios de Comunicação Social, no final da semana finda.

## Nenhuma responsabilidade governativa

Embora expressamente reunido para deliberar sobre várias questões relacionadas com a sua participação nas autárquicas, o Conselho Nacional do PRD analisou também os resultados das eleições legislativas, com base na apreciação do seu Gabinete de Estudos.

Manifestou satisfação com os resultados obtidos «os quais vieram demonstrar que o aparcamento do partido novo corresponde efectivamente a uma necessidade imperiosa do sistema político português e às aspirações profundas de vastas camadas do novo povo», conforme pode ler-se no comunicado final distribuído aos jornalistas após uma longa espera.

O comunicado refere, noutro ponto, que o Conselho Nacional

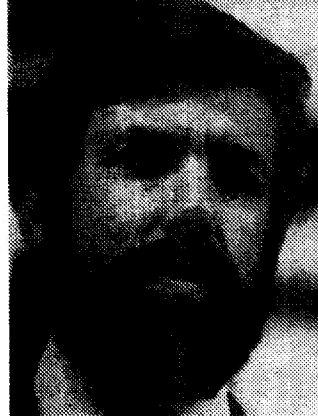


do PRD manifestou a sua concordância com as «condições exemplificativas» que a Comissão Directiva tornou públicas na própria noite das eleições como garantias mínimas para não inviabilizar o próximo Governo, «sem prejuízo da apreciação que venha a ser feita do seu programa, da sua estrutura e da sua constituição».

Aquele órgão do PRD acentua, no entanto, que a não inviabilização de um Governo que dê aquelas garantias mínimas «não pressupõe qualquer tipo de aliança, que o PRD expressamente exclui, nem corresponde a qualquer tipo de corresponsabilização governativa que o PRD expressamente rejeita».

## Apreço a Manuela Eanes

No decorrer dos trabalhos foi aprovada uma moção que torna público o louvor do Conselho Nacional do PRD ao trabalho e esforço desenvolvidos durante a campanha eleitoral pelos militantes e apoiantes do partido, e pelas diversas estruturas, «em particular a Comissão Técnica Eleitoral, presidida pelo major Marques Júnior» e exprime «o seu maior apreço pela forma activa e corajosa como a dr.<sup>a</sup> Manuela Eanes participou na mesma campanha eleitoral».



Lucas Pires



Nogueira de Brito

## CDS sem Lucas Pires

O Conselho Nacional do CDS aprovou este fim-de-semana, por grande maioria, uma proposta que mantém à frente do partido a Comissão Directiva anterior, mas sem o seu presidente, Francisco Lucas Pires. José Luís Nogueira de Brito, que era o primeiro vice-presidente do CDS e o anterior líder do grupo parlamentar democrata-cristão, é desde a noite de sábado, o novo «número um» do partido.

Desde a sua origem, o CDS teve, antes de Nogueira de Brito, apenas dois dirigentes máximos: Diogo Freitas do Amaral, hoje candidato à Presidência da República depois de dois anos sem actividade política e Lucas Pires, que se demitiu esta semana por querer assumir «toda a responsabilidade» pela quebra de votação do CDS, nas eleições de 6 de Outubro.

O Conselho Nacional aprovou por grande maioria uma proposta de Nuno Abecasis, Manuel Queiró e outros pedindo à Comissão Directiva para se manter em funções até ao próximo Congresso extraordinário do CDS.

Lucas Pires despediu-se, entretanto, dos seus colegas dirigentes do CDS e deixou os trabalhos do Conselho Nacional antes do seu termo. O presidente cessante do CDS interveio na sessão de trabalhos da manhã, não tendo apresentado propostas para uma nova direcção do partido, disse a mesma fonte.

A solução agora adoptada, pelo Conselho Nacional permite ao CDS preparar o Congresso extraordinário com «mais tempo», nas palavras de um dirigente, e não ter de enfrentar dificuldades legais como as surgidas no PSD, devido à substituição do secretário-geral, no caso de apresentação de listas para as autarquias.

Segundo um dirigente democrata-cristão, a Comissão Directiva, sábado reempossada, sem Lucas Pires — e cuja primeira reunião decorre hoje em

Lisboa — vai propor ao Conselho Nacional uma data para o Congresso, tomando em conta factores políticos e internos.

A nova direcção do CDS é, portanto, a mesma que vinha dirigindo colegialmente o partido, mas sem aquele que a impulsionou, Lucas Pires.

Nogueira de Brito foi cabeça de lista do CDS pelo círculo de Braga, tendo sido reeleito deputado à Assembleia da República. A sua actividade política começou antes do 25 de Abril, tendo sido secretário de Estado da Habitação, quando era presidente do Conselho Marcelo Caetano.

Nogueira de Brito é acompanhado na direcção do CDS pelos restantes vice-presidentes da anterior direcção, José Vieira de Carvalho e Gomes de Pinho, e pelo mesmo secretário-geral, Pedro Feist.

São os seguintes os restantes membros da Comissão Directiva: Miguel Anacoreta Correia, Cavaleiro Brandão, Narana Coissoró, Miguel Seabra, Andrade Pereira, José Gama e Rui Seabra.

## MDP/CDE defende a formação de Governo centro-esquerda

O MDP-CDE defende a constituição de um Governo de centro-esquerda «de viragem democrática, assente numa base de consensos mínimos», base esta da qual não deve estar ausente a iniciativa do Presidente da República. Instados a indicar quais os partidos que poderiam ser abrangidos na sua noção de centro-esquerda, dirigentes do MDP-CDE referiram, além do seu próprio partido, o PCP, o PS e o PRD.

Dirigentes nacionais do parceiro do Partido Comunista na aliança eleitoral APU apresentaram ontem aos jornalistas as conclusões da reunião da Comissão Política, de 42 membros, do MDP-CDE, que durante dois dias reuniu na sua sede nacional.

Durante a conferência de Imprensa, Luís Catarino disse que o seu partido «não está disposto a viabilizar o governo do PSD sozinho» e aventou a possibilidade de o Presidente da República convidar um partido menos votado que o PSD a formar Governo.

Na análise do MDP-CDE, o PSD «foi derrotado no seu projecto ambicioso de reconstituir a AD, de bipolarizar a vida política portuguesa e de revisão total da Constituição».

«Desde 1975, nunca um partido ou coligação vencedor das eleições obteve, como agora obteve o PSD, menos de 30 por cento dos votos», afirma a Comissão Política do MDP em comunicado, onde se considera a votação no PRD como de «oposição à política do Governo PS-PSD».

Tal como o PCP, o MDP considera que, apesar da «baixa não acentuada» da APU, «os resultados gerais» das eleições

de 6 de Outubro «revigoram as forças sociais e políticas do campo democrático».

Relativamente aos resultados obtidos pelo MDP, o documento salienta que aquele partido não diminuiu o número dos seus deputados, mantendo a mesma representação entre os seis partidos políticos com assento no Parlamento.

Na sua análise eleitoral, o MDP conclui que «o resultado obtido pelo PRD confirma que o quadro partidário não corresponde às opções do eleitorado», acrescentando que a votação no PRD significa «oposição à política do Governo PS/PSD e veio reforçar o campo

de defesa do regime de Abril».

Na sua proposta de «plataforma mínima» para um Governo de «centro-esquerda», o MDP defende que esse executivo deveria basear-se no respeito da Constituição e da legalidade, no «combate à fraude fiscal, à evasão de capitais e à corrupção», numa «política económica de desenvolvimento assente no crescimento controlado» e na «reposição desde já do poder de compra ao nível do início da governação PS-PSD».

O MDP propõe também que esse Governo assente na «isenção e pluralismo dos meios de Comunicação Social».

**FERIADO**  
1 A 3 NOVEMBRO

**SEVILHA-ARACENA**  
1 A 3 NOV.º — 8600\$00

**ANDORRA-MADRID**  
30 OUT.º A 3 NOV.º — 25 500\$

**VIGO E MINHO**  
1 A 3 NOV.º — 8600\$00

**MADRID-ESCORIAL**  
31 OUT.º A 3 NOV.º — 14 400\$

**GERÊS-CANIÇADA**  
1 A 3 NOV.º — 8600\$00

**FÉRIAS NO ALGARVE**  
HOTEL ALFA-MAR • LUXO  
1 A 3 NOV.º — 5300\$00  
VISITAS

HOTÉIS DE 1.ª  
PULLMANS DE LUXO  
QUALIDADE SUPERIOR

**LUSANOVA TURISMO**  
Av. João XXI, 9-A, M. Moniz, 6-A  
Tel. 89 43 11 89 44 80

# Militantes do PS e PRD aderem a Pintasilgo

— diz movimento de apoio à candidatura

Um número «significativo» de militantes do PS e do PRD tem aderido, em Lisboa e Setúbal, ao Movimento de Apoio à Eleição de Lourdes Pintasilgo, anunciou aquela organização sem contudo especificar o número dessas adesões. Num comunicado emitido no final do II Encontro Regional do Núcleo de Apoio de Lisboa e Setúbal, que sábado decorreu na capital, diz-se: «Após as eleições legislativas de 6 de Outubro, nota-se uma adesão significativa de militantes de diversas forças políticas.»

Neste encontro, que contou com a presença de 350 delegados, foram discutidas as acções de pré-campanha que o movimento vai desencadear nos dois distritos, tendo sido aprovado um plano que inclui a legalização da candidatura, uma campanha de fundos e propaganda junto das populações.

Durante o encontro, Maria de Lourdes Pintasilgo reafirmou que a sua candidatura às presidenciais «é para ir até ao fim e não é negociável». Salientou ainda que a sua candidatura «postula uma grande flexibili-

dade no sistema e não se subordina a táticas partidárias».

Por seu turno, o coordenador dos Núcleos de Apoio à candidatura em Lisboa e Setúbal, Fonseca Ferreira, considerou que os resultados das eleições legislativas de 6 de Outubro, e diversos outros sinais, «apontam a necessidade de se construir um novo quadro de reformas e práticas, no plano ético-político, económico e social».

Interviu também na reunião o major Sousa e Castro, coordenador geral da campanha, o qual expôs a estratégia de acção a



desenvolver e aspectos práticos da legalização da candidatura.

## Deslocação ao Norte

Ontem, Lourdes Pintasilgo esteve no Minho.

Falando em Vieira do Minho, Pintasilgo insistiu em que a sua candidatura vai continuar a ser «a única independente de interesses nacionais ou estrangeiros».

As declarações foram proferidas durante uma visita à «feira da Lada», integrada nas festas do concelho de Braga.

Rodeada por uma pequena multidão de populares, Pintasilgo revelou que a sua candidatura à Presidência da República está implantada em 280 dos 305 concelhos do País, verificando-se uma «dinâmica específica que já é um pensamento em acção».

A candidata insistiu na necessidade de garantir os direitos fundamentais dos cidadãos, nomeadamente no que se refere ao acesso à educação, cuidados primários de saúde e direito à habitação.

«Há uma grande camada do nosso povo que está a atingir o limite do insuportável», acrescentou.

Lourdes Pintasilgo continua hoje, segunda-feira, no Minho, onde visita uma fábrica de confecções em Braga e reunirá com o núcleo de apoio local.

## Sede em Vila Real

Também Nuno Grande, mandatário nacional de Lourdes Pintasilgo, considerou, em Vila Real, aquela candidatura à Presidência da República «irreversível, de implantação nacional, suprapartidária e independente».

Nuno Grande, que esteve sábado na capital transmontana onde inaugurou a sede da candidatura de Pintasilgo sugeriu que «só ela detém um prestígio internacional notável» e que «as balizas do seu pensamento tecem um carácter não dependente de qualquer força partidária».

«Com a eleição de Maria de Lourdes Pintasilgo, haverá a certeza do respeito pela Constituição, que não deve ser alterada, mas, se o for, ela a respeitará» — acrescentou o porta-voz.

## Conclui a sua Comissão Política

# UDP está satisfeita com vitória eleitoral

A Comissão Política da UDP congratulou-se com o que definiu como «a vitória eleitoral da UDP» nas eleições legislativas, nas quais considera ter subido 66,6 por cento a nível nacional e 96 por cento em Lisboa.

Segundo um comunicado da Comissão Política deste partido, «a vitória eleitoral da UDP é fruto da justeza da sua linha política e do trabalho desenvolvido junto dos trabalhadores e do povo pobre, durante dois anos».

Considerando apenas os votos atribuídos à UDP, o aumento entre 1983 e 1985 foi bastante superior a 66,6 por cento, mas um dirigente do partido disse que a Comissão Política tinha feito o cálculo a partir dos resultados do partido somados a dois terços dos obtidos pela coligação UDP-PSR, em 1983.

A UDP afirma que a eleição presidencial é agora a «batalha principal que está colocada ao povo português», considerando necessária «uma candidatura única» para derrotar a direita.



Mário Tomé

Sem especificar qual a candidatura que perfilha, e que parece ser a de Lourdes Pintasilgo, a Comissão Política da UDP acusa o PCP e o PRD de continuarem sem «se definir sobre as presidenciais e sobre o apoio a uma candidatura única», deixando as «mãos livres a Cavaco Silva para manobrar e procurar levar um candidato de direita à Presidência».

## Contra presidente militar

Maria de Lourdes Pintasilgo considera hoje, em entrevista ao «Diário de Notícias», não haver motivos razoáveis para que o próximo Presidente da República seja um militar. A engenheira e candidata a Belém afirma que «seria estranho, nesta altura, ser Portugal a procurar um militar para Presidente da República, pela sua qualidade de militar». «Isso colocar-nos-ia muito próximo dos países do Terceiro Mundo», comentou. A entrevistada refere que as sondagens «dão até agora uma preferência de mais de 70 por cento da população portuguesa por um candidato civil».

## Porta-voz da candidatura Lemos Ferreira afirma

# Função do Presidente da República assumiu mais importância depois das Legislativas



«As eleições presidenciais estão longe de serem consideradas como secundárias», disse hoje à agência NP um porta-voz da candidatura presidencial do chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

O mesmo porta-voz acrescentou à agência NP que «pelo contrário, a função moderadora e de arbitragem do Presidente da República assumiu nova importância face aos últimos resultados eleitorais».

«Os resultados — se concederam claramente o benefício da dúvida ao que é novo e diferente — poderão sofrer alteração em escrutínio futuro, caso não sejam agora capitalizados em sintonia com a confiança manifestada pelos eleitores».

«Cabe agora aos dirigentes políticos mais votados — disse ainda o mesmo porta-voz — confirmar a credibilidade com que se esforçaram por se apresentar ao eleitorado».

Essa confirmação, segundo o mesmo porta-voz, será conseguida «aproveitando de forma positiva os índices de voto não só nos arranjos parlamentares inerentes à viabilização do Governo, como também no apoio que necessariamente terão de manifestar a uma candidatura presidencial».

Essa candidatura presidencial, «não sendo cinzenta, reúne potencialidades reais de vitória e é germe de segurança no caminho da mudança», comentou ainda à agência NP o mesmo porta-voz da candidatura presidencial de Lemos Ferreira.

## Embaixador Shakespeare

# Embaixador dos EUA já está em Lisboa

O novo embaixador dos Estados Unidos em Portugal, Frank Shakespeare, encontra-se desde ontem em Lisboa. A chegada, declarou-se satisfeito por poder iniciar as suas novas funções, dizendo esperar fazer o melhor trabalho possível.

«Estou muito satisfeito por estar em Portugal», disse Frank Shakespeare, afirmando ter tido ultimamente acesso a muita informação acerca da realidade portuguesa.

Instado a fazer um comentário sobre o papel do Partido Comunista na política portuguesa, em relação com afirmações que produziu perante a Comissão de Relações Externas do Senado norte-americano, o novo embaixador respondeu que não foi o PCP a decidir a sua vinda para Portugal, mas os governos dos dois países.

Frank Shakespeare substitui na chefia da missão diplomática norte-americana em Lisboa o diplomata Allen Holmes, que foi no Verão passado, nomeado director do departamento político-militar do Departamento de Estado, em Washington.

O novo embaixador dos EUA entrega as suas cartas credenciais ao Presidente da República, Ramalho Eanes, durante uma cerimónia protocolar que decorrerá na manhã de quarta-feira, no Palácio de Belém.

## **Descontentamento dos pais e dos alunos**

### **Secundária de Corroios abre com atraso e sem obras...**

A Comissão de Pais da Escola Secundária de Corroios manifestou ontem «descontentamento» pela abertura tardia das aulas e «preocupação» pela não realização de obras naquele estabelecimento de ensino do concelho do Seixal.

Balizário Martins, coordenador da Comissão de Pais, manifestou-se preocupado porque «embora a abertura das aulas esteja prevista para o próximo dia 18, não foram feitas obras na escola que permitam o seu funcionamento em condições de segurança». A mesma fonte salientou que os 22 pavilhões que, de acordo com um plano do secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário, de Março deste ano, deveriam ter sido demolidos e reconstruídos du-

rante as férias, não sofreram quaisquer obras.

Balizário Martins acrescentou que dos 1200 alunos da escola apenas 150 têm acesso a refeições na cantina, onde apenas se encontra uma cozinheira e «são os alunos, que na maior parte das vezes lavam a louça». «O ano passado o funcionamento da cantina foi assegurado pelo governador civil de Setúbal que colocou duas funcionárias na cantina, mas que pelo facto de se encontrarem contratadas a prazo, não voltam este ano», sublinhou.

As conclusões da reunião de ontem serão entregues ao ministro do Equipamento Social, Direcção-Geral do Pessoal não-Docente e ao ministro da Educação.

## **Sindicato apoia escola de jornalismo no Maputo**

Respondendo a um apelo da Escola de Jornalismo de Moçambique, o Sindicato dos Jornalistas está a desencadear algumas iniciativas que visam apoiar materialmente aquele centro de formação profissional.

Neste sentido, a Direcção do SJ avistou-se, na passada terça-feira, com o presidente da Associação Industrial Portuguesa, Jorge Rocha de Matos, que manifestou o seu empenhamento pessoal em participar

nesta acção, que visa o aperfeiçoamento profissional dos jornalistas de Moçambique.

Rocha de Matos informou o Sindicato de que irá contactar com empresas associadas da AIP, convidando-as a apoiarem materialmente a Escola de Jornalista de Maputo.

O material de que aquela Escola necessita são máquinas de escrever, gravadores, um polícopador e uma máquina de fotocópias, além de diverso material de escritório.

## **Barragem da Marateca vai ser reparada**

As obras da Barragem de Marateca, que permitirá regularizar o abastecimento de água ao concelho de Castelo Branco, começam na Primavera de 1986, sob a responsabilidade da Direcção-Geral dos Recursos Hídricos. Um porta-voz dos Serviços Municipalizados albacastenses disse que «uma vez que as reservas da albufeira do Pisco estão na ordem dos 46 por cento, se as chuvas começarem a cair com regularidade não chegará a haver necessidade de cortes de água no concelho».

## **Lenta fixação de um hábito alimentar**

### **Portugueses comem (em média) 300 gramas de batata por dia**

Os portugueses comem em média uma «castanhola» por refeição — ou, em linguagem de leigo, comem 300 gramas de batata por dia — segundo dados agora divulgados. «Castanholas» era o nome que se dava à batata nos séculos XVIII e XIX em algumas regiões do País, especialmente no Norte, onde, em anos de baixa produção de castanhas, os agricultores recorriam à batata para suprirem as carências alimentares provocadas pela falta da castanha.

O cultivo da batata é relativamente recente em Portugal e na Europa, não se podendo apontar com precisão esta ou aquela data sobre a sua vinda para a Europa.

A primeira notícia europeia sobre a batata data de 1553, quando um historiador espanhol

afirma que entre as plantas cultivadas pelos índios sul-americanos se encontravam as batatas, que estes designavam «papas».

A cultura da batata ascende porém a épocas muito remotas, pois pela decoração de vasos

## **“Auto Alma” custa duzentas vezes mais**

### **Livros escolares aumentaram mais de 50 por cento**

Os livros escolares para os graus de ensino básico elementar, preparatório e secundário estão mais caros, em média 53,2 por cento, do que no ano transacto, indica um estudo divulgado pela CGTP-IN. A central sindical chegou a esse número por um estudo feito com base em informações fornecidas por casas editoriais e livrarias, incidindo em 172 livros adoptados para aqueles três graus.

A síntese do estudo, divulgada pela CGTP-IN, indica que o aumento percentual médio, entre 1984 e este ano, dos preços dos livros para o ensino básico elementar, abrangendo manuais, gramáticas e livros auxiliares de estudo, entre outros, é de 166,7 por cento.

Os livros novos que surgem este ano atingem preços, diz a

CGTP, «verdadeiramente in-comportáveis para os alunos de menores recursos».

O estudo permitiu concluir, prossegue, que «é nos livros tradicionalmente mais baratos que o aumento de preço se faz sentir, em média, com maior intensidade» e que, «também em títulos mais caros, se registaram fortíssimos aumentos».

A CGTP considera que as conclusões do estudo «permitem aferir da tendência para a desigualdade que percorre todo o sistema de ensino em Portugal, dificultando, cada vez mais, o acesso às fontes de estudo».

«Serão, assim, milhares, os alunos que enfrentarão, este ano, enormes dificuldades em estudar, não só pelos já habi-

tuais atrasos no início do ano lectivo, pelas irregularidades na colocação dos professores ou pelas deficiências infra-estruturais do ensino em Portugal, mas porque os aumentos dos livros os tornam, cada vez mais, inacessíveis a uma crescente parte da população estudantil», acrescenta o estudo.

O «Auto da Alma», de Gil Vicente, aumentou 233,3 por cento e os «cadernos caligráficos», adoptados no ensino elementar, aumentaram 166,7 por cento, afirma a Inter.

A «História da Literatura Portuguesa», de António José Saraiva e Óscar Lopes, aumentou 150 por cento, passando a custar 1500 escudos.

Segundo o estudo da CGTP, nos livros para o ensino básico elementar, «o aumento percen-

tual médio, entre os anos de 1984 e 1985 é de 166,7 por cento».

Entretanto, a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, atribuiu, hoje, às «faltas de organização do Ministério da Educação e à falta de vontade política para resolver os problemas de ensino e dos seus trabalhadores, o facto de milhares de alunos não terem ainda começado as aulas e não terem garantidas as condições mínimas para poderem aprender».

«Parte destes problemas», diz a federação, «dizem respeito ao pessoal não-docente e auxiliar, administrativo, operário e técnico-administrativo», dado que a «falta deste pessoal impede, de facto, a abertura e funcionamento normal de muitas escolas».

## **Com o objectivo de “desdramatizar a doença”**

### **Convívio de crianças celíacas no Hospital de Santa Maria**

Os Serviços de Pediatria do Hospital de Santa Maria promoveram ontem um encontro-piquenique de crianças e familiares de celíacos que habitualmente ali são tratados, com o objectivo de «desdramatizar a doença» do ponto de vista das crianças e de «proporcionar o convívio e a troca de ideias» entre os pais. Durante o encontro foi distribuído um livro sobre a doença celíaca, que incluía um conjunto de receitas alimentares sem glúten.

A doença celíaca é uma inflamação intensa do intestino, que desencadeia um processo biológico de intolerância alimentar, rejeitando o glúten e consequentemente muitos outros produtos, e originando a

perda de peso. O diagnóstico é feito por biópsias, com a supressão inicial do glúten da alimentação, e a sua posterior reintrodução para análise da evolução do doente e da sua tolerância face aos alimentos.

Os principais problemas que se põem aos pais das crianças celíacas prendem-se com a alimentação, nomeadamente a dificuldade em encontrar massas, farinhas, pão e bolachas que não contenham glúten ou elementos seus derivados.

Mães de crianças celíacas afirmaram que «a alimentação torna-se mais dispendiosa do que a alimentação normal», acrescentando que por vezes «se torna necessário recorrer

à importação de produtos alemães ou suíços adequados».

As crianças celíacas na primeira fase da doença são geralmente internadas e alimentadas a soro, dada a gravidade da situação. Porém, «têm sido feitos esforços para evitar o internamento, cuja duração média é de 10 a 15 dias», para fazer a biópsia e verificar o estado do paciente, disse o dr. Paulo Ramalho, do Serviço de Pediatria do Hospital de Santa Maria, acrescentando que «dada a rápida recuperação, a doença celíaca é uma das mais gratificantes para o médico».

Em Portugal, só uma fábrica de bolachas e produtos alimentares lançou, há cerca de dois anos, produtos sem glúten

e está a estudar a possibilidade de fabricar massas alimentícias com as mesmas características. Segundo um responsável pelo laboratório da fábrica, a «produção de géneros alimentícios sem glúten é mais dispendiosa do que de produtos feitos à base de cereais e tem uma menor aceitação no mercado nacional».

«A doença celíaca, devido ao tipo de alimentação é praticamente inexistente nos países orientais», disse o dr. Paulo Ramalho. A mesma fonte revelou que «em Portugal há um número indeterminado de crianças que são celíacas, e na Europa ocidental há um caso para cada 1500 pessoas».

da batata, as suas características e as qualidades alimentares, entre as quais se afirmava que este tubérculo não se reproduzia por semente.

No condado franco, em 1620, a batata era um alimento considerado perigoso, pois circulava a tese de que a lepra se propagava pela sua ingestão.

Com a importação, apareceu em Portugal a batata de semente que veio dar um grande incremento à produção. As colheitas passaram a ser mais abundantes e de melhor qualidade.

O professor Viegas Guerreiro, membro da Academia das Ciências, afirmou que «a cultura da batata é característica

dos pequenos proprietários, em que toda a família trabalhava».

Cerca de 90 por cento da produção nacional de batata provém de regiões a norte do Tejo, sendo os distritos de Vila Real, Guarda e Porto os de maior produção de batata.

Estatísticas de 1979 referem que Vila Real representa 14,2 por cento da produção total nacional, Guarda 11,1 por cento e Porto 11 por cento.

Os distritos de menor produção de batata são os do Sul: Faro 1,2 por cento, Évora 0,3 por cento e Beja 0,4 por cento.

A produção portuguesa de batata é de 1,1 milhões de toneladas e o consumo um dos maiores

da Europa, com 120 quilogramas por ano, só acompanhado pela Espanha, Irlanda e Luxemburgo. Os países que consomem menos batata por habitante durante o ano são a Grécia (60 quilogramas), a Dinamarca (65 quilogramas) e a França (95 quilogramas).

Da produção portuguesa, apenas 1 por cento é utilizado na indústria, 4 por cento destina-se à alimentação animal e 13 por cento fica para semente.

Em 1985, foram experimentadas 78 diferentes variedades de batata, para se tentar aumentar a produção e superar algumas doenças que afectam a produção, nomeadamente o mildio.

Com "travel-cheques" na agência do Conde Redondo

# Funcionários do BESCL envolvidos em fraude de milhares de contos

Manuel Geraldo

O Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa (BESCL) acaba de instruir um processo contra funcionários da sua agência na Rua Conde Redondo, em Lisboa, suspeitos de estarem implicados numa fraude que envolve largos milhares de contos. A informação, que reputamos de fidedigna, chegada ao «DL» apontava para o envolvimento de sete funcionários, entre os quais se incluíam o gerente e o sub-gerente.

Contactos posteriores da nossa reportagem junto de alguns dos cidadãos presumivelmente lesados, sobretudo proprietários de restaurantes, de agências de viagem e de estabelecimentos de electrodomésticos, indicaram-nos que o processo já estaria na Polícia Judiciária, tendo mesmo já conduzido à substituição do gerente.

As mesmas fontes referiram-nos que a burla fora conduzida principalmente através da emissão de «traveller's-cheques» com cobertura fictícia, em contas forjadas pelos implicados, e depois lançados no mercado nacional e estrangeiro.

As diligências que efectuámos posteriormente junto da administração do BESCL levaram-nos até ao seu Departamento de Promoção (indicado como a entidade idónea para fornecer uma informação correcta), onde nos referiram que afinal o ponto da situação apontava para quatro funcionários da agência do Conde Redondo já suspensos, sendo ainda «prema-

turo avançar com as verbas subtraídas ou com a implicação de outros elementos da agência».

A mesma fonte revelou-nos que as investigações prosseguem ainda a nível dos Serviços de Segurança do banco, «até ao apuramento definitivo das responsabilidades, não tendo até ao momento sido solicitada a intervenção da Polícia Judiciária».

A versão apresentada pelo informador do Departamento de Promoção do BESCL ser-nos-ia esta manhã confirmada pela Polícia Judiciária. «A Polícia Judiciária ainda não foi contactada para investigar qualquer caso de burla na agência do Banco Espírito Santo no Conde Redondo», disse ao «DL» o subinspector Polónio, porta-voz do Gabinete de Imprensa da corporação da Gomes Freire.

## Outras burlas já detectadas

Recorde-se que, nos últimos tempos, têm sido detectados numerosos casos de corrupção, sobretudo a nível de quadros superiores e intermédios de instituições de crédito, lançando a suspeição generalizada sobre uma classe durante anos, e na sua maioria, ainda agora, pautada por um comportamento de grande pundo-nor e honestidade cívica e profissional.

Acontece que ainda assim tem sido a intensa actividade moralizadora (e de vigilância) das Comissões de Trabalhadores dessas instituições que tem conduzido à detecção da maioria

das irregularidades já neste momento sob as malhas da justiça.

Estamos a lembrar-nos, a título de exemplo, do processo da rede de luvas na Caixa Geral de Depósitos, com a detenção do funcionário Manuel Vaz Antunes, chefe de sector, intermediário em empréstimos a empresários que lhe pagariam luvas de 20 a 10 por cento sobre as importâncias sacadas. Vaz Antunes foi detido, em 15 de Maio deste ano quando na delegação da CGD, na Rua Castilho, em Lisboa, recebia dois envelopes que continham 650 contos em dinheiro. Por outro lado, foi de cerca de um milhão de contos o total de desvio de capital num processo de corrupção de crédito detectado na agência do Banco Nacional Ultramarino, em Tomar, que levou à prisão do respectivo gerente, José Cabrita.

Esperemos assim que a actividade de vigilância das referidas Comissões de Trabalhadores prossiga de forma a tornar de novo credíveis as instituições nacionalizadas de crédito deste país, evitando a sua asfixia, e salvaguardando, por outro lado, o bom nome dos profissionais honestos que as integram, libertando-as das ervas daninhas que, a troco, de benesses quase sempre avultadas, privilegiam autênticos candongueiros em diversos ramos de actividade, com particular incidência na construção civil (apresentação de projectos fictícios), e ultimamente na agricultura, como se viu através dos escandalosos créditos concedidos, por indicação do IFADAP, a agrários alentejanos do antígamente.

## Para o comissário Santinhos

# Militares são "corpo estranho" na Polícia

O comissário Santinhos, da PSP, afirmou, sábado, no Porto, que «os Governos vêm impedindo a constituição legal da associação pró-sindical da PSP, designadamente porque temem as exigências que esta venha a formular».

Expressou, entretanto, o seu convencimento de que «o novo quadro parlamentar seja mais favorável e possa desembaraçar os propósitos e objectivos da comissão organizadora da associação».

Dezoito membros da comissão executiva nacional da associação pró-sindical da PSP, participaram numa reunião de trabalho que decorreu no Porto, seguida de uma conferência de Imprensa.

Estavam representados comissários, chefes, subchefes, agentes no activo e aposentados e funcionários administrativos da instituição.

O comissário Santinhos acusou o Ministério da Administração Interna e o secretário de Estado do Trabalho de oporem à comissão pró-sindical da PSP uma campanha de resistência e uma montanha de dificuldades, arvorando no cume a bandeira da demagogia, da ilegalidade, da prepotência e do despudor.

Nesta oposição — acrescentou — cometem

flagrantes violações dos valores democráticos, num Estado que se exige de direito».

Santinhos congratulou-se com a circunstância de, no comando distrital do Porto da PSP, «não haver perseguições, nem processos disciplinares, nem transferências, por actividades associativas sindicais». «Outrotanto não se passa em muitos comandos da PSP, observou, citando, como exemplo de «baluartes empedernidos, o comando-geral e o comando distrital de Lisboa».

O comissário Santinhos sublinhou que, nos países da NATO, e da CEE, os militares e a Polícia gozam de liberdade e direitos, designadamente, de associação e sindicais».

Denunciou, ainda, as «medidas persecutórias, processos disciplinares e sanções», aplicadas aos elementos da PSP que aderem a este movimento. «Há quatro anos que sofremos a repressão governamental e da hierarquia militar», declarou, salientando não entender porque os Governos, «defensores que são da integração de Portugal na CEE, e contra a repressão que é exercida sobre o sindicato polaco "Solidariedade", nos reprimem, a nós, em Portugal, um País democrático».

Por outro lado, o comissário Santinhos preconizou a separação da hierarquia militar da Polícia, seguindo o exemplo da Europa. «As Forças Armadas para os militares e a Polícia para os civis». Em seu entender, «os militares constituem um corpo estranho infiltrado num outro corpo, cuja rejeição, por incompatível, já se processa há muitos anos e está a evoluir».

Considera o comissário Santinhos que «é flagrantemente ilegal e violadora do direito de liberdade sindical a conduta do Ministério do Trabalho que retém, há cerca de dois anos, o processo de legalização da nossa associação sindical».

«O Ministério do Trabalho, revelou, além de reter o processo, recusa o seu registo, nega a sua publicação no boletim do trabalho e impede, assim, a obtenção da necessária capacidade jurídica para a prossecução dos objectivos previstos nos nossos estatutos».

Santinhos anunciou, ainda, que a comissão pró-sindical «vai apresentar queixa-crime contra o secretário de Estado do Trabalho, na Polícia Judiciária, em Lisboa, e dar conhecimento destes factos ao Provedor de Justiça».

## "O espanhol" ainda não foi detido

— diz o tribunal



O cadastrado espanhol Luís Abilero Caanano, que fugiu da Penitenciária de Lisboa em 21 de Setembro juntamente com 10 alegados membros das FP-25, não foi ainda detido, disse à NP o chefe de secção do Tribunal de Setúbal.

A fonte desmentiu categoricamente que Caanano tenha sido detido na região de Setúbal e interrogado no Juízo de Instrução Criminal.

A prisão e interrogatório do espanhol foi noticiada no sábado na base da informação divulgada pela «Rádio Azul», Emissora Regional de Setúbal.

## Bombeiros apagaram fogos de Vale de Santarém a Pedralvas

Vale de Santarém e Pedralvas já não ardem: o incêndio que eclodiu no sábado em Chavões, Santana e Vale de Algaes, no Vale de Santarém, foi apagado no próprio dia, depois de ter «cortado» a Linha do Norte durante duas horas; o violento incêndio que durante cinquenta horas ameaçou Pedralvas, no concelho de Vila do Bispo, foi ontem à tarde considerado extinto.

Mais de 300 hectares de sobreiros e eucaliptos foram devastados pelas chamas ateadas, ao que tudo indica, segundo os bombeiros, por «mãos criminosas».

O combate ao fogo, assegurado por 10

corporações algarvias, envolveu mais de uma centena de bombeiros e foi muito dificultado pelo forte vento que sopra na região sinistrada e pela escassez de acessos.

Embora tivesse sido solicitada a intervenção do helicóptero do Serviço de Protecção Civil, tal não viria a acontecer devido às adversas condições atmosféricas. Aliás, o vento forte de Sueste dificultou seriamente o combate ao incêndio que lavrou desde sexta-feira no concelho algarvio de Vila do Bispo, tendo impedido a utilização de um helicóptero no combate às chamas.

Mário  
Castrim



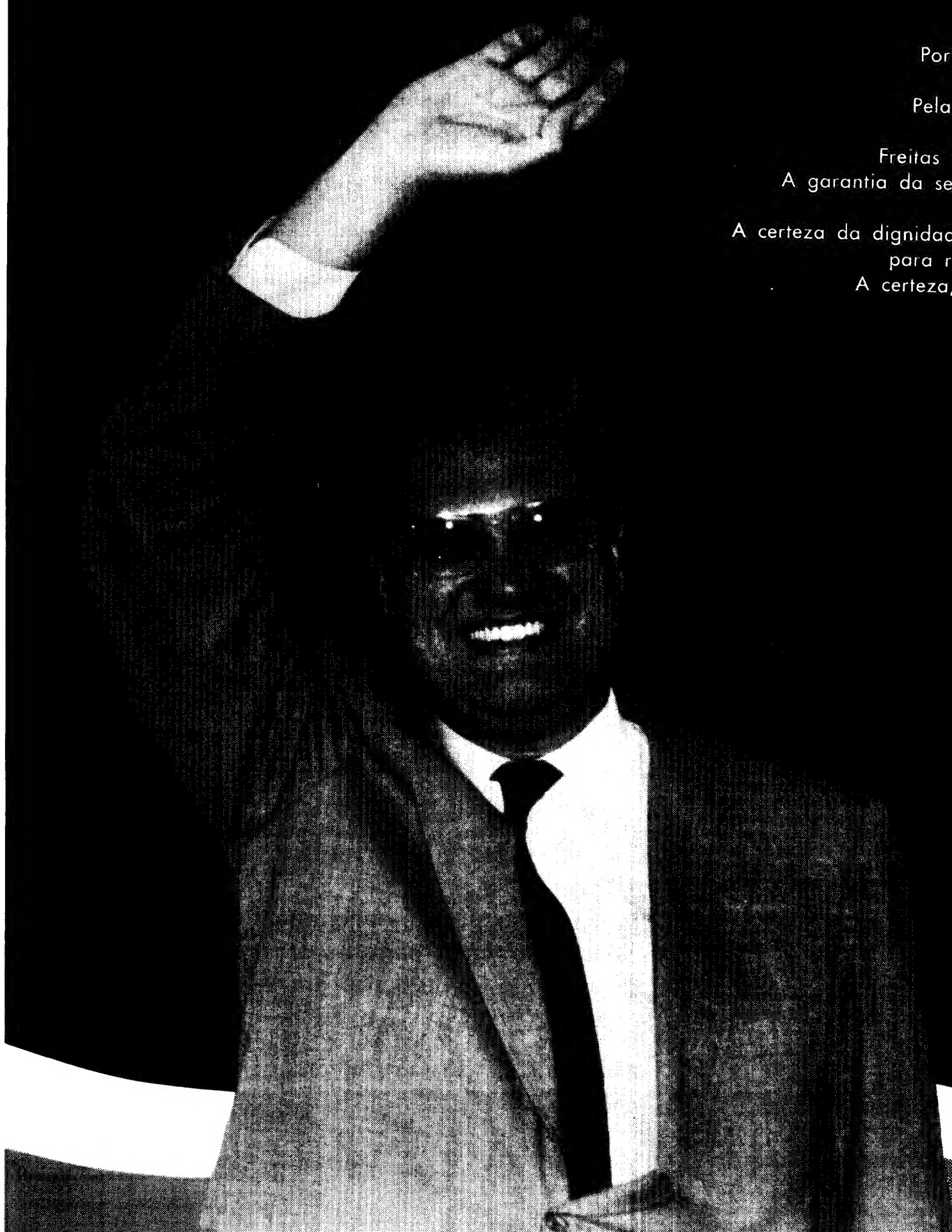
**D**epois de tudo o que se passou é natural esta sensação de insegurança e de mal-estar. «Ainda não estamos bem em nós — declarou ontem um responsável na televisão — e portanto nada podemos por enquanto acrescentar àquilo que já é do conhecimento público.»  
Compreende-se a palavra cautelosa, a preocupação de não deitar mais petróleo na fogueira... Mas a verdade é que de nada vale esconder a cabeça na areia. A política da avestruz não resolve. Exige-se uma intervenção rápida do Presidente para evitar que a situação se degrade ainda mais, com todo o infundável cortejo de aspectos negativos.  
A verdade também é que o problema não é novo. Há muito tempo já que os sintomas se acumulavam de forma assustadora — e o mais grave é que as vozes que se levantaram em tempo oportuno foram acusadas de alarmistas...  
Houve mesmo quem desafiasse os principais dirigentes para um debate na TV e a resposta obtida foi que «a televisão não era o local mais apropriado para discutir assuntos daquela natureza».  
Panfletos entretanto postos a circular denunciavam situações deveras aberrantes e um deles terminava com as seguintes palavras: «Enfrentamo-nos, na comunicação social, com um autêntico, um bem martelado complot. Abafam a voz da oposição. E no entanto nós não temos a menor dúvida de que, a não serem tomadas medidas urgentemente, nos encaminhamos para o desastre.» A esta distância, tais palavras revelam-se proféticas...  
Repetimos: longe de nós a ideia de acirrarmos mais os ânimos, mas, doa a quem doer, as responsabilidades têm de ser pedidas. E de facto parece que tudo se encaminha nesse sentido.  
Segundo apurámos já esta manhã, o Presidente convocou uma conferência de Imprensa, após reuniões parciais e globais com diversos responsáveis, que duraram toda a noite até às primeiras horas de hoje. A nossa pergunta sobre a continuação do actual treinador, o Presidente do clube respondeu que por enquanto nada poderia dizer de concreto...  
... Mas, depois desta pesada derrota sofrida em casa (!!!) perante um clube da segunda divisão, a chicotada psicológica está à vista...

Se conduzir  
não beba



ALCOOL E CONDUÇÃO

# *Está na hora!*



Nas presidenciais  
Portugal tem que ter maioria.  
Pela estabilidade política.  
Pela modernização económica.  
Pelo progresso social.  
Freitas do Amaral é o candidato.  
A garantia da seriedade e da competência  
para servir Portugal.  
A certeza da dignidade e do sentido do Estado  
para representar os portugueses.  
A certeza, a garantia, o Presidente.

*Prá Frente  
Portugal!*

## Ferrovário e ex-emigrante detidos por suspeita de homicídio

A Polícia Judiciária de Coimbra afirma ter detido dois indivíduos, cuja identidade não revelou, suspeitos de terem assassinado um representante comercial português, com interesses no Brasil, cujo cadáver foi encontrado no passado dia 25 de Julho, sob um montão de lenha, nos arredores da Marinha Grande. Embora a PJ não tenha revelado também a identidade da vítima, tudo indica tratar-se, ao que o «DL» apurou, de Francisco Jacó Palha, de 59 anos, residente em Lisboa mas natural do Ribatejo. Em poder dos detidos (um ex-emigrante de 50 anos já com antecedentes criminais e um ferrovário de 44), foram encontrados vários objectos pessoais da vítima (chaves, uma máquina de calcular, um revólver e ainda um automóvel). Um dos reus é também acusado de ter roubado 25 contos em dinheiro da casa do assassinado. O crime foi perpetrado a tiros de pistola.

# APU denuncia ilegalidades na Junta de Freguesia de Oeiras

Em conferência de Imprensa realizada esta manhã, os vogais eleitos nas listas da Aliança Povo Unido denunciaram várias ilegalidades da Junta de Freguesia de Oeiras, que, de acordo com a legislação em vigor, podem levar à dissolução, pelo órgão da tutela, daquele organismo do poder local.

Em primeiro lugar, Luís Salema destacou o não cumprimento do regulamento dos infantários, de acordo com o decidido numa assembleia de freguesia. Trata-se, como sublinhou aquele autarca, de um problema que vem de longe, quando uma nova tabela de pre-

ços, superior em três vezes à que vinha sendo praticada, foi lançada pela Junta. Após o protesto dos pais, a Junta apresenta uma nova tabela, mas, aquando da realização de uma assembleia de freguesia, uma proposta da APU — força minoritária — reúne consenso da assembleia, fixando um montante de aumento menos elevado.

Contudo, e desde logo, a Junta de freguesia afirma que não vai cumprir a tabela aprovada na reunião da assembleia. A este procedimento irregular, a Aliança Povo Unido, com os votos dos vogais eleitos pelo Partido Socialista, uma absten-

ção e um voto contra, pede um inquérito ao não cumprimento da decisão. «Mas», indica Luís Salema, «até ao final da passada semana, ou seja, quatro meses e meio depois, o processo ainda está com o presidente da assembleia de freguesia, e não foi entregue».

Em causa, segundo a opinião daquele autarca, não está apenas o futuro dos quatro infantários e dois centros de tempos livres frequentados por cerca de 200 crianças e com 40 trabalhadores. É que a decisão de aumentar os preços dos infantários surgiu como necessidade da Junta ter rendimentos, pois, como indi-

cou um dos membros da APU, «a sede da Junta de Freguesia encontra-se no edifício da sede do concelho, e os rendimentos próprios às Juntas, como as taxas de cemitérios, vão, directamente, para a Câmara». Deste modo, os eleitos da Aliança Povo Unido sustentam que a verba que a Câmara Municipal de Oeiras distribui à Junta de Freguesia não é aquela a que a Junta tem direito.

### Contas de 84 não foram apresentadas

Por outro lado, o plano de actividades para o corrente ano só foi entregue em Setembro.

«Não faz sentido discutir um plano para um ano, quando o período de vigência está a terminar: foi esta situação que nos levou a rejeitá-lo», indicou Luís Salema, sublinhando que, «segundo a lei, este procedimento é ilegal e pode levar à dissolução da Junta de Freguesia».

Outro aspecto que mereceu críticas à Aliança Povo Unido refere-se à não apresentação das contas do ano de 1984, o que viola a lei, pois as disposições legais implicam a apresentação das contas das Juntas de Freguesia até Abril do ano seguinte.

## UNIVERSIDADE LIVRE

LISBOA: RUA VÍTOR CORDON, 41  
PORTO: RUA CONDE DE VILAS BOAS, 126

# UL

**ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES E AS MATRÍCULAS EM TODOS OS CURSOS DA U.L.**

**DECORREM TAMBÉM, ATÉ DIA 18, AS INSCRIÇÕES PARA OS ÚLTIMOS EXAMES DE SERIAÇÃO PARA ACESSO AOS 1.º ANOS**

### SECÇÃO DE LISBOA

#### Licenciaturas em:

Direito • Estudos Portugueses • Línguas e Literaturas Modernas  
Ciências Históricas • Economia • Gestão  
Matemáticas Aplicadas e Matemáticas Modernas

### SECÇÃO DO PORTO

#### Licenciaturas em:

Direito • Ciências Históricas • Economia • Gestão  
Matemáticas Aplicadas e Matemáticas Modernas

Cursos reconhecidos pelo Ministério da Educação para todos os efeitos legais, conforme Dec. n.º 59/83 de 11 de Junho, mantido em vigor pelo acórdão n.º 22 798 de 25 de Julho de 1985 do Supremo Tribunal Administrativo

Informações pormenorizadas nas Secretarias da U.L.

#### LISBOA

Rua Vitor Cordon, 45  
Telefs. 37 17 22/3-37 37 71/2

#### PORTO

Rua Conde Vilas Boas, 126  
Telefs. 81 19 24-81 19 74

### Biblioteca em leilão

## Livros raros e manuscritos

De hoje, dia 14, até ao dia 25 deste mês, nas salas de «Soares & Mendonça, Lda» na Rua Luz Soriano, aqui em frente do «Diário de Lisboa», vai realizar-se à noite, a partir das 21 horas, o leilão de uma biblioteca. Alguns livros raros e alguns lotes de manuscritos e de correspondência, dão especial interesse a este leilão. No catálogo — cerca de 3000 obras —

figuram títulos dos domínios da arte, da arqueologia, da etnografia, da filologia, da literatura, da história, questões ultramarinas, etc; curiosos lotes de opúsculos e de publicações periódicas. Coleções de autógrafos; correspondência. Os lotes de correspondência pertenceram à escritora D. Ana Osório de Castro e seus familiares.

## BATAS ESCOLARES



TINTURARIA GUANABARA  
DEPARTAMENTO DE CONFECÇÕES

Av. João XXI, 5-D - 1000 (Metro Areeiro)  
R. Infância 16, 55-C - 1300 LISBOA

## AGENTES

Pretende fábrica de ferragens para construção civil, para trabalhar todo o País e que conheçam do ramo.

Resposta a este jornal ao n.º 12 102

Angústia Desespero Solidão

54 45 45

uma voz amiga e estará contigo



S.O.S.  
VOZ  
AMIGA

### Totoloto:

**15 mil contos para três apostadores**

Três apostadores acertaram na última edição do Totoloto pelo que irão receber cada um deles cerca de quinze mil contos. Quanto aos restantes prémios ficaram assim distribuídos: 2.º prémio, de 26 a 28 apostadores (340 contos cada um); 3.º prémio, de 1400 a 1490 (20 contos); 4.º prémio de 52 mil a 56 mil (750 escudos) e 5.º prémio, de 750 mil a 820 mil (77 escudos). Entretanto, os escrutinadores do Totobola apuraram de 6 a 7 concorrentes com treze resultados certos (1860 contos de prémio), de 185 a 195 com doze (60 contos de prémio) e de 2900 a 3050 com onze (3700 escudos).

CML



«não deite  
papeis no chão»

TLP inauguraram central da Venda Nova

## Novos assinantes dos telefones servidos mais depressa

As populações da Venda Nova, Damaia e Pontinha, na periferia de Lisboa, beneficiam desde sexta-feira passada da entrada em funcionamento de mais uma central telefónica dos TLP. Em consequência deste melhoramento introduzido na rede, a demora média de instalação do telefone passará de 86 meses, em Dezembro de 1984, para dois meses, no final do presente ano.

Eram 23h45 de sexta-feira quando os fusíveis saltaram. Meia dúzia de funcionários dos TLP, empoleirados em escadas ou de cócoras, puxavam as guitas encerradas que previamente haviam passado por trás dos fusíveis condenados. No meio da febre do «cut over» — designação herdada do tempo em que os ingleses eram senhores da companhia — milhares de fusíveis voam pelos ares e chovem no chão. Consumada a operação, em escassos minutos, todos aqueles assinantes são transferidos para uma outra central onde as respectivas ligações são accionadas com idêntica pericia e rapidez.

Ao todo, os telefones envol-

vidos na operação ficam desactivados durante uns dez minutos. Antes, porém, os TLP tiveram o cuidado de comunicar por escrito a todos os assinantes que, por volta da meia-noite, os seus aparelhos iriam ser ligados a uma outra central, razão pela qual não teriam linha por alguns minutos. Mesmo assim, os técnicos só lançaram o «cut over» depois de verificarem que, naquele preciso momento, o número de chamadas em curso era praticamente nulo.

À meia-noite de sábado 2360 assinantes da Pontinha passaram assim a depender da estação telefónica da Venda Nova, deixando igual número de linhas disponíveis na central da Pontinha.

Até essa altura a zona estava congestionada e a demora média de ligação de um novo telefone à central da Pontinha era de 86 meses (mais de sete anos).

Com a inauguração da central da Venda Nova e a transferência para ela de 2360 linhas de rede a funcionar, a central da Pontinha fica com outras tantas à disposição dos novos assinantes, que passarão a ser servidos num prazo de dois meses.

Além disso, a nova central permitirá igualmente o descongestionamento, dentro de dois meses, da central da Damaia, que cederá 4550 dos seus assinantes à Venda Nova. Posteriormente será a vez da Amadora, que transferirá também uma parte das suas linhas para a nova central.

O custo global do novo edifício e respectivos equipamentos ascendeu a 812 mil contos, e inclui a construção de 26,075 km de condutas. A capacidade

final da central é de 30 mil linhas de rede, mas a primeira fase de instalação abrange apenas 10 mil.

A população da área da central da Venda Nova eleva-se a 27 600 habitantes e o número de telefones instalados é de 8800, o que representa uma taxa de 32 telefones por habitantes.

De acordo com o administrador dos TLP, Júlio Rendeiro, e com o seu director-geral, Pedro Lemolino, que assistiram com alguns jornalistas à operação de transferência das linhas de uma central para outra, o investimento realizado este ano pela empresa na construção de centrais telefónicas, em Lisboa e Porto, ascendeu a 1,8 milhões de contos. Deste total, 1,5 milhões refere-se à região de Lisboa.

A próxima central a ser inaugurada em Lisboa é a das Laranjeiras e a sua entrada em funcionamento está prevista já para o mês de Novembro.

## Banco Mundial vai financiar recuperação de roças em S. Tomé

O Banco Mundial vai financiar em S. Tomé e Príncipe um projecto de recuperação das plantações de cacau, no valor de 15 milhões de dólares (cerca de 2,5 milhões de contos), foi hoje anunciado oficialmente.

Na primeira fase do financiamento intervêm duas empresas agro-pecuárias de S. Tomé, a Uba Budo e Bela Vista.

Sobre o quadro jurídico para a negociação com as firmas estrangeiras que vão materializar o projecto, uma fonte oficial disse à Anop que o governo são-tomense «quer apenas um contrato de gestão e exploração em que as firmas não tenham qualquer participação no capital».

A mesma fonte acrescentou que esse é o quadro geral de referência para negociações futuras com todo e qualquer parceiro.

Para a gestão das duas empresas agrícolas citadas, foram já escolhidas duas firmas estrangeiras, uma portuguesa (Francisco Monteiro) e outra franco-belga (Socfinco).

A firma portuguesa Francisco Monteiro é dos tradicionais compradores e revendedores de cacau santomense, tendo no período colonial roças de cacau em S. Tomé e Príncipe.

## 20 milhões para Moçambique

A Comunidade Económica Europeia (CEE) contribuirá com 145 milhões de ECU's (20,3 milhões de contos) em programas de cooperação para Moçambique nos próximos cinco anos.

O representante da CEE em Maputo, António Marongiu, revelou em conferência de Imprensa que a contribuição assumirá a forma de ajuda, sem restituição de juros ou de capitais.

Contudo, círculos oficiais do governo moçambicano mostram-se apreensivos quanto ao montante atribuído pela Comunidade Económica Europeia aos planos de desenvolvimento económico de Moçambique, que ainda este ano deverá ratificar a Convenção de Lomé III.

Com a adesão de Moçambique à Convenção de Lomé, «os programas de ajuda alimentar irão, progressivamente, integrar-se no mais vasto programa de cooperação entre Moçambique e a CEE, que define como objectivos prioritários o aumento da produção agrícola e o alcance da segurança no abastecimento alimentar».

Para o presente ano, a CEE prevê fornecer a Moçambique, no capítulo de ajuda, 50 000 toneladas de cereais, 4000 de feijão, para além de outros produtos que incluem 800 toneladas de óleos vegetais, 300 de leite em pó e 100 de manteiga. Por seu turno a Comissão da CEE, através de organizações não-governamentais fará a entrega a Moçambique de 2200 toneladas de cereais, 150 de feijão e 595 com diversos produtos, entre eles óleo vegetal, leite em pó, manteiga e peixe seco.

## Missão na CEE com 89 funcionários

A missão permanente de Portugal junto das Comunidades Europeias terá 89 funcionários, segundo estabelece uma portaria conjunta publicada no «Diário da República».

A missão terá 15 funcionários do quadro de pessoal do serviço diplomático, mais 25 do quadro de pessoal especializado e dois do quadro do pessoal administrativo.

A missão portuguesa contará ainda, com 40 assalariados, onde estão incluídos, telefonistas, porteiro, contínuos, guardas e arquivistas, entre outros.

## Dez milhões de turistas até final de Outubro

Pela primeira vez o número de turistas entrados em Portugal ultrapassará a cifra dos 10 milhões ao fim do décimo mês do ano, segundo informação divulgada por funcionário da Direcção-Geral de Turismo.

## Políticas de desenvolvimento económico e social no IED

A Conferência sobre Políticas de Desenvolvimento Económico que o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento promoveu ficou-se a dever, como o presidente do IED, dr. Francisco Salgado Zenha, afirmou na sessão de abertura, a uma iniciativa dos drs. Silva Lopes, Vítor Constâncio, Manuela Silva e dos engenheiros António Sousa Gomes e António Guterres que planearam a Conferência e se empenharam na sua concretização. Ao Instituto de Estudos para o Desenvolvimento coube o enquadramento da iniciativa e o necessário apoio logístico. À sessão de abertura dos trabalhos, nas salas da Fundação Calouste Gulbenkian, presidiu o Presidente da República.

Como disse o dr. Francisco Salgado Zenha: «Dez anos após a restauração da democracia em Portugal, todos hoje nos interrogamos sobre o futuro e sobre o modo como deveremos agir para o tornar um caminho de progresso ascendente e não a rampa de uma decadência institucionalizada». Mas, afirmando que a

«democracia política é a melhor forma de governo», e lembrando que «a democracia não se resume a fazer eleições de tempos em tempos», o dr. Francisco Zenha justifica a organização da Conferência sobre Políticas de Desenvolvimento Económico e Social e conclui a apresentação dos trabalhos com as seguintes palavras: «... iniciativas como esta têm o mérito de nos tornarem conscientes da necessidade de superarmos as dificuldades da democracia, em democracia, mas numa democracia mais livre, mais responsável e mais informada». O Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa apoiou a publicação.

Os dois volumes da «Conferência sobre Políticas de Desenvolvimento Económico e Social» inserem textos entre outros de: Francisco Salgado Zenha, J. Silva Lopes, António Guterres, J. Viana Baptista, Mário Murteira, J. Torres Campos, Aurora Murteira, A. Proença Varão, J. Barros Moura, Agostinho Roseta, Mário Valadas, Manuel Ga-

meiro, Vítor Pessoa, Vítor Constâncio, António Barreto, João Morais Leitão, E. Ferro Rodrigues, F. Gomes da Silva, Armando Trigo de Abreu, João Cravinho, Maria Manuela Silva, A. Bento da Costa, A. Fonseca Ferreira, Nuno Grande, J. Protes da Fonseca, Rui Grácio, A. Cavaco Silva, H. Medina Carreira, Maria Manuela Morgado, João Ferreira do Amaral, António Cabral.

Os trabalhos da Conferência foram publicados em dois volumes. O 1.º volume reúne as comunicações sobre os «Aspectos Institucionais» e «Orientação Estratégica do Desenvolvimento»; o 2.º volume reúne as comunicações sobre «Política Social» e «Problemas Financeiros». Entendeu judiciosamente o IED, que o interesse suscitado pela Conferência aconselhava que, para maior rapidez da publicação em volume, se optasse por uma edição em off-set. Estes dois grossos volumes, num conjunto de 1150 páginas, constituem o 10.º Caderno do IED.

## COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

### COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)  
COMPRA VENDA

|                                 |         |         |
|---------------------------------|---------|---------|
| ÁFRICA DO SUL (rand)            | 55\$80  | 61\$80  |
| ALEMANHA FED (marco)            | 60\$95  | 62\$15  |
| ÁUSTRIA (xelim)                 | 8\$60   | 8\$80   |
| BÉLGICA (franco)                | 2\$841  | 3\$041  |
| BRASIL (cruzeiro)               | \$009   | \$019   |
| CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2) | 118\$45 | 120\$95 |
| (notas de 5 a 1000)             | 118\$95 | 121\$45 |
| DINAMARCA (coroa)               | 16\$80  | 17\$20  |
| ESPAÑA (peseta)                 | \$979   | \$1099  |
| EUA (dólar — notas de 1 e 2)    | 162\$35 | 165\$85 |
| (notas de 5 a 1000)             | 162\$85 | 166\$35 |
| FINLÂNDIA (marka)               | 28\$40  | 29\$00  |
| FRANÇA (franco)                 | 20\$00  | 20\$70  |
| HOLANDA (florim)                | 54\$05  | 55\$15  |
| IRLÂNDIA (libra)                | 189\$55 | 193\$55 |
| ITÁLIA (lira)                   | \$082   | \$092   |
| JAPÃO (iene)                    | \$729   | \$764   |
| NORUEGA (coroa)                 | 20\$45  | 20\$45  |
| REINO UNIDO (libra)             | 229\$55 | 234\$05 |
| SUÉCIA (coroa)                  | 20\$25  | 20\$75  |
| SUIÇA (franco)                  | 74\$25  | 75\$75  |
| VENEZUELA (bolívar)             | 9\$95   | 10\$95  |

### Observações:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

EXT. (S) SÉNECA-S. GAMA

Av. Almirante Reis, 73 e 106 — Tel. 520092 e 822776

CICLO UNIFICADO GERAL E COMPLEMENTAR — 12.º ANO — INFORMATICA

# Raptis, o amigo grego de Otelo

João Mendes

Já rareiam os homens que, como este, são autênticos elefantes brancos da heterodoxia marxista: Michel Pablo, aliás Michel Raptis, durante 20 anos secretário da Quarta Internacional, conselheiro de Ben Bella para os assuntos da Autogestão, quinze meses preso na Holanda como falsário, organizador de fábricas clandestinas de armamento ao serviço da independência argelina, estimado pelos dois partidos comunistas do seu país — a Grécia. Originalmente engenheiro, comentador de Platão. Maître-penseur nunca, militante sempre. Aos 80 anos veio a Lisboa como correspondente do *To Vima*, o *Le Monde* grego como amavelmente se diz em Atenas, para cobrir as Legislativas de 6 de Outubro e para trazer um protesto internacional de apoio a Otelo, seu amigo. Parte para Paris mais feminista do que já era, apaixonado por Pintasilgo, Natália Correia e Manuela Eanes, mas preocupado com os nossos resultados eleitorais.

Encontrámos Raptis no seu hotel lisboeta, saboreando a sua entrevista de horas antes com Ramalho Eanes, o estadista que ele estima porque «tem uma percepção boa da vida política, gaullista, suprapartidária, fiel a aquisições essenciais do 25 de Abril e apostado numa boa relação com África e com os árabes». Ele diz que foi uma sorte para nós, «e não creio enganar-me porque ao longo da minha vida conheci muitos dirigentes políticos», ter Eanes como presidente.

Nessa mesma tarde foi avistar-se com Pintasilgo, por quem nutre a maior simpatia: «As suas posições sobre a maioria das questões políticas contemporâneas são muito avançadas. Não sei quais as suas chances como candidata. É ingrato correr sozinha, sem apoios partidários, o que, nas nossas democracias, é um **handicap**».

As mulheres, aliás, surpreenderam-no deveras, nesta campanha portuguesa:

— É curioso que a vitória do PRD esteja ligada a um certo feminismo — sublinha. Eu sou absolutamente feminista, quer dizer, desejo às mulheres um papel enérgico também na esfera política, que é a esfera dominante de toda a vida social, e satisfaz-me muito ver Natália Correia, com o seu sentido político muito agudo, e Manuela Eanes, ao que parece decisiva para o resultado do PRD, empenharem-se desse modo na acção. É bom que Portugal comece a viver a hora das mulheres. Se tivesse tido tempo, bem desejaria ter feito para o *To Vima* os «retratos» das três: Natália, Pintasilgo e Manuela.

Durante um momento, conversámos ainda sobre os resultados eleitorais. Raptis, «homem de esquerda», não está contente com o desastre do PS e o recuo do PC, e salienta que em toda a Europa os resultados de 6 de Outubro serão lidos como uma vitória de direita. Porém, essa quebra da «esquerda tradicional» é um pouco compensada pela aparição, em força, do PRD, partido ainda ambíguo

mas que se reclama do espírito do 25 de Abril...

## O que Otelo lhe disse

Na verdade porém, as legislativas e o *To Vima* foram, desta vez, o pretexto para uma outra viagem de Raptis: a que diz respeito à solidariedade com Otelo. Ele participou na conferência de Imprensa do hotel **Diplomático**, juntamente com Satis Panagoulis, deputado independente do PASOK, Manolis Glezos, presidente da EDA (antiga capa legal do PC clandestino), Papamikahil, da CGT (os gregos só têm uma central sindical), Wolf, deputado «Verde» no Parlamento Europeu, e a advogada francesa Christianne Gillmann, entre outros. Os dois últimos estiveram no tribunal de Monsanto como observadores. A delegação estabeleceu contactos com a Ordem dos Advogados e com a Procuradoria Geral da República. Mas Raptis sente que a amplitude da solidariedade internacional com Otelo não tem eco suficiente em Portugal. Eis o que nos disse sobre o acusado número um do processo de Monsanto:

— Conheço-o desde Abril de 1974. Estou perfeitamente ao corrente do papel muito importante que desempenhou nos acontecimentos dessa época. Creio que me liguei a ele com verdadeira amizade, nas várias vezes que vim, desde então, ao vosso país. O seu caso apaixonou-me desde que soube, com enorme surpresa, da sua prisão. Fui um dos primeiros a pensar que essa prisão constituía uma provocação a toda a esquerda europeia, e senti-me obrigado a agir, de algum modo, a seu favor. Conheço bem o processo e, embora não seja jurista, creio que não há acusações seriamente fundamentadas contra ele. Creio, sim, que se **extrapolou** a partir de certos factos.

«O próprio Otelo me disse, quando em Fevereiro o visitei na prisão, que se encontrava com muita gente, inclusive com pes-



Michel Raptis sobre Otelo de Carvalho:

«Ele disse-me, na prisão, que, sendo democrático o regime, se opunha a actos que geralmente se chamam terroristas»

soas que pertenceriam a essa organização que se chama «FP-25». Ele não escondia os contactos que tinha com toda essa gente, creio que tomava muitas notas sobre todos esses contactos, e que a partir dessas notas a instrução **extrapolou**. Ora, Otelo não escondia que, no caso de Portugal voltar a cair sob uma ditadura, estaria disposto a lutar contra ela inclusive ilegalmente, por todos os meios.

«Mas ele negou-me várias vezes, e creio que o fará também no tribunal (a contestação de Otelo confirma a presunção de Raptis), que achasse oportuno, na presente situação, que é de democracia independentemente da opinião que cada um tenha sobre isso, recorrer a actos, como se costuma dizer, **terroristas**. Essa hipótese estava excluída.

## A fileira grega

Em 1979 — continua Raptis

— convidámo-lo a vir à Grécia. Foi recebido por um círculo político-militar que tem o prestígio nome de Protágoras. Otelo fez, em Atenas, uma conferência pública que teve muito sucesso. A televisão mostrou-o. Ele teve contactos múltiplos com toda a espécie de políticos, inclusive com Papandreu. Visitou diversas cidades... Quer dizer: a sua figura é um pouco familiar para os gregos. Isso explica em parte o carácter «de massas» que as acções de solidariedade para com ele adquiriram no meu país.

«Formaram-se em quase todas as grandes cidades, espontaneamente, comités de solidariedade com Otelo, há milhares de assinaturas a seu favor, a CGT e o comité central do PASOK tomaram posição contra a sua prisão prolongada e exigem julgamento rápido, pondo simultaneamente em causa o bem fundado das acusações. Panagoulis, Glezos, Papamikahil, são membros activos do comité

grego, que ajudei a fundar. Leonidas Kirkos, presidente do PC do interior, também é membro. Na semana que precedeu o reinício do julgamento, houve grandes manifestações em Salónica, em Atenas e no Pireu, e marchas com milhares de pessoas, em direcção à embaixada portuguesa em Atenas, para protestar contra a situação em que ele se encontra.

«Também pertenco ao comité francês, porque, como correspondente do *To Vima* em Paris, faço parte da minha vida ali. Esse comité é infelizmente menos alargado do que o grego, e sobretudo marcado por militantes de extrema-esquerda. Mas dele fazem parte socialistas como Parmentier, e homens como Claude Bourdet, o almirante Sanguinetti, o general Dela Bollardière e Annie Girardot, Michel Piccoli, etc. O comité alemão é sobretudo animado pelos, «Verdes». E há também um comité inglês...

— Surpreendeu-me — conta

Raptis — a amplitude alcançada pelo movimento, no meu país. Mas é verdade que a Grécia conhece, actualmente, uma espécie de «primavera política», um clima muito favorável à esquerda, talvez o mais significativo de quantos se vivem, hoje, na Europa. E o facto é que os gregos conheceram, como vocês, um longo período de ditadura, de lutas clandestinas e de repressão política, de que se libertaram mais ou menos ao mesmo tempo que os portugueses, em 1974. Isto desenvolve uma sensibilidade particular à questão da ditadura e do fascismo. Ora, com razão ou sem ela — e eu creio que com razão — os gregos pensam que Otelo teve um papel de relevo no derube do fascismo em Portugal. Prender esse homem e mantê-lo preso durante tanto tempo, quando há razões para duvidar do bem fundado da acusação que sobre ele cai, obrigou-nos a nós, os homens dos comités, a agir.

Há, nas palavras deste homem enérgico, alguma incompreensão pela inércia que, em Portugal, comanda a atitude das diversas esquerdas face à situação de Otelio.

## Autogestão

Secretário da Internacional trotskista durante 20 anos, embora hoje se considere mais um «marxista revolucionário» autónomo, ele luta pela «autogestão social generalizada», única formulação que lhe parece dar sentido ao programa socialista.

— Sou — diz-nos — contra o poder de um partido único, contra a estatização generalizada da economia e da sociedade, e considero arqueomarxistas e arqueotrotskistas as concepções actuais da Quarta Internacional, que não fez a indispensável actualização do seu pensamento, para poder viver na nossa época.

«Sou partidário da autogestão desde há pelo menos 30 anos, e o facto é que essa ideia veio adquirindo uma importância cada vez maior no movimento da Esquerda europeia. Maio 68, a primavera de Praga giraram em torno da autogestão. Precisamos de redefinir o sentido do socialismo, como os acontecimentos polacos demonstraram dramaticamente. Veja como o **Solidariedade** veio a adoptar o projecto de uma República Autogerida, através da experiência e da organização espontânea das massas».

«É curioso que um dirigente do PC grego do exterior, ainda muito pro-soviético e comparável ao vosso, e que me criticou frequentemente, me tenha anunciado há pouco tempo que escreveu, também ele, um livro sobre a autogestão. Diz-me ele que a autogestão está, de facto, no futuro do socialismo, e que até na URSS vai haver discussões sobre esta matéria, na época Gorbachev...»

## Armas clandestinas e notas falsas

A autogestão acabou, aliás, por o prender à Argélia até ao fim do regime Ben Bella:

Raptis, então Pablo, era secretário da «Quarta» em França, quando De Gaulle chegou à Presidência em 1958. O seu movimento foi o primeiro a declarar apoio incondicional à luta pela independência argelina, «numa altura em que até o PCF era contra ela». Ele e outros homens do aparelho mudam-se então para a Holanda, e a Federação da FLN em França muda-se, também, para a Alemanha. O movimento prestou «uma ajuda multifórmica» aos argelinos, como ele conta.

— Eles perderam um milhão de pessoas nessa guerra terrível contra os franceses. Um décimo

da população. Precisavam de tudo. De papéis falsos, por exemplo... Mas também de armas. Ora eu, que pessoalmente nunca soube manipular nem um revólver, envolvi-me directamente na montagem de fábricas clandestinas de armas para os argelinos. Elas funcionavam em Marrocos, disfarçadas de fábricas de conservas... ainda hoje os argelinos querem fazer um filme sobre essa experiência fantástica. Além disso também era preciso muito dinheiro.

«Não lhe vou contar todos os detalhes da história das notas falsas, porque ela é um segredo de guerra argelino, mas eis o essencial: do mesmo modo que estávamos em contacto com pessoas que faziam papéis falsos, também passámos a estar com quem fazia dinheiro. Eu sabia que aquilo, mais tarde ou mais cedo, ia «dar história», e, de facto, a polícia holandesa acabou por me prender. No tribunal, acusaram-me de tudo o que puderam, mas havia poucas provas. Condenaram-me a 15 meses. Quando saí, fui expulso de todos os países europeus.

«É assim que, em 1962, me encontro em Marrocos — onde conheço os dirigentes moçambicanos Marcelino dos Santos e Aquino de Bragança, angolanos do MPLA em formação e também o meu amigo Piteira Santos. Ben Bella manda-me chamar e pergunta-me se quero ajudá-lo a levar por diante a autogestão nas terras deixadas pelos colonos, e que ele não quer estatizar. O projecto entusiasma-me. Acabei por ficar na Argélia até ao fim do regime dele, embora se possa hoje dizer que, por razões muito complexas e que ficarão para outra vez, o regime começou, para o fim, a levar «uma volta má», e que infelizmente a esperança que a revolução argelina significava não foi cumprida.

«A esperança não foi cumprida». Mas Michel Raptis é um militante, e a perda de sentido de uma Revolução é, sobretudo, um episódio de luta entre muitas lutas. Hoje, quando este escrito é publicado, está ele em Paris organizando a solidariedade francesa com Otelio. Amanhã estará em Atenas, movendo-se entre as várias esquerdas, apoiando pontualmente todas as iniciativas que lhe pareçam valer a aposta. Depois de amanhã... quem sabe? Para onde quer que leve o seu bloco-notas de jornalista, onde foi escrevendo, desde 1975, mais de 600 crónicas de política internacional para o **To Vima**, ninguém lhe dará os 80 anos que traz em si. Como todos os militantes, ele habita um sonho, embora visite permanentemente a realidade. Mas a sua militância tem pouco aparelho, traz pouca bagagem, reza pouco aos dogmas e não teme o que é diferente de si. Talvez por isso, raramente vimos outra tão jovial. E sem dúvida por isso, Raptis tem amigos.

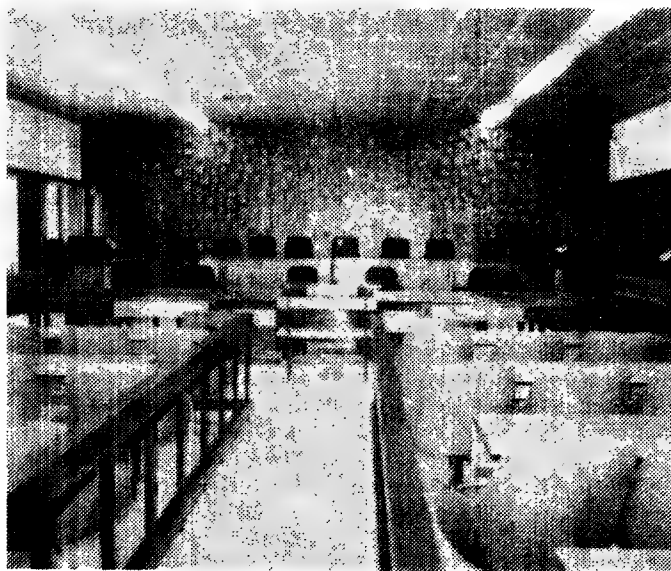
# “Psicose das escutas” instala-se no Tribunal de Monsanto

Uma semana após o reinício do julgamento do «caso FP» pode-se dizer que no Tribunal de Monsanto se instalou a «psicose das escutas» primeiro foram os réus a denunciarem: existem microfones dissimulados que permitem a escuta do que se diz no local destinado aos arguidos do processo agora em julgamento. Depois foi um advogado que, em plena audiência, transformou o boato numa acusação pública. Segundo ele, já não eram apenas os réus a serem alvo de escutas, mas também os próprios causídicos a quem compete a defesa dos acusados de pertencerem às FP-25. Logo em seguida, os jornalistas em serviço no Tribunal de Monsanto começaram a interrogar-se sobre se as alegadas escutas também os abrangiam e, no sábado, o «Expresso» adiantava que todas as sessões estão de facto a ser gravadas pelo governo.

Conforme noticiámos, a existência de microfones dissimulados na sala de audiências foi veementemente desmentida pelo juiz-presidente Adelino

Salvado que requereu, de imediato, procedimento disciplinar e criminal contra o advogado que formalizou tal acusação. No entanto, seja ela verdadeira ou falsa, o que é certo e que a «psicose» se instalou e só será ultrapassada se as declarações nas quais se nega a existência de escutas, forem corroboradas com provas.

Como as verdadeiras «psicoses», também esta poderá ter origem numa imaginação instigada pela clima policial que rodeia o julgamento do Monsanto. Seja como for, e até se provar o contrário, o chamado julgamento do século conta agora com um novo capítulo para o seu «livro negro». Não sabemos se as escutas em Tribunal estão contempladas nas convenções contra o terrorismo. Mas a este respeito, importa salientar que



Quem escuta quem em Monsanto?

tal acusação foi considerada tória da «dignidade do Tribunal» pelo juiz-presidente como atenuante.



## “Repúblicas” em debate na Universidade de Coimbra

As festas académicas da recepção ao caloiro e da tomada da Bastilha, da Universidade de Coimbra, vão realizar-se conjuntamente de 23 de Novembro a 1 de Dezembro. De acordo com a Comissão Promotora, o programa das festas engloba, entre outras actividades, a realização de um colóquio sobre temas estudantis. O funcionamento das residências universitárias, a sua construção e o apoio das autarquias, são alguns dos aspectos em debate no referido colóquio. Para além daquela iniciativa estão previstos espectáculos musicais e de teatro, bem como um festival desportivo junto à porta férrea da Universidade.

## Pequeno sismo em Évora provocou o pânico

Um sismo de intensidade três foi ontem à tarde sentido, cerca das 18 e 3, em Évora e zonas periféricas. O abalo, com epicentro na zona de Montemor-o-Novo, foi precedido de ruído e provocou o pânico na cidade. Não se registaram, no entanto, danos materiais nem vítimas.

## CONCURSO

### “MEDALHA 10.º ANIVERSÁRIO DA EDP”

A Electricidade de Portugal, EP-EDP, anuncia a realização de um Concurso Público para criação de uma medalha comemorativa do seu 10.º aniversário (01/07/76 - 01/07/86).

Neste Concurso, a que a EDP tem o prazer de convidar todos os artistas a nele participarem, serão atribuídos um primeiro prémio no valor de 150.000\$00 (cento e cinquenta mil escudos) e um segundo prémio no valor de 60.000\$00 (sessenta mil escudos).

Para obtenção do respectivo Regulamento, deverão os interessados dirigir-se a: EDP - Órgão Central Informação e Relações Públicas — Av. José Malhoa, Lote A/13 - 2.º — 1000 LISBOA - Telefone 72 30 13.

Os trabalhos, que serão apreciados por um júri, terão de ser recebidos, impreterivelmente, até às 17.00 horas do dia 20 de Dezembro de 1985.



Electricidade de Portugal  
EDP/Empresa Pública

## Vitória da unidade

Facções rivais do Partido Socialista Francês, no poder, alcançaram ontem uma trégua política e lançaram a sua campanha para as eleições parlamentares, em Março, com uma nota de unidade.

Mas o acordo sobre a estratégia eleitoral não conseguiu disfarçar profundas rivalidades pessoais entre destacadas figuras, com os olhos postos na futura batalha para suceder ao presidente François Mitterrand.

Sondagens recentes à opinião pública mostraram que os socialistas, que obtiveram uma grande maioria no Parlamento em 1981, têm o apoio de cerca de 25 por cento do eleitorado.

Os 732 delegados à Convenção votaram, quase por unanimidade, o apoio a uma declaração política de compromisso que põe de lado a possibilidade de formar alianças com partidos de direita depois das eleições.

Os delegados concordam em formar coligações só quando os socialistas forem o grupo dominante.

Uma facção liderada pelo antigo ministro da Agricultura Michel Rocard, apoiada por

cerca de 30 por cento dos delegados, incitava o partido a considerar a formação de uma coligação com os conservadores.

O grupo maioritário apoiado por Mitterrand e liderado pelo primeiro-secretário do partido, Lionel Jospin, combatu a moção de Rocard.

Os delegados concordaram ainda em escolher um número representativo de apoiantes de Rocard como candidatos às eleições de 1986.

Rocard, que, segundo as sondagens à opinião pública, é o político mais popular de França e planeia concorrer às eleições presidenciais em 1988, salientou, no final dos trabalhos, que duraram três dias, a unidade do partido.

### Mitterrand

O presidente francês, François Mitterrand, inicia hoje uma visita oficial de quatro dias ao Brasil, durante a qual será lançado o projecto «França-Brasil» para a melhoria do relacionamento bilateral.

O projecto destina-se a coordenar e ampliar as relações económicas, tecnológicas e desportivas entre a França e o Brasil.

## Sismo com muitas mortes numa república da URSS

Numerosas pessoas morreram, vários edifícios ruíram e registaram-se desabamentos de terras em consequência de um sismo de grande magnitude que assolou Domingo a República Soviética de Tadjequistão, na Ásia Central — noticiou hoje a agência Tass.

O sismo atingiu o grau sete da

escala de Richter — referiu o Instituto Sismológico de Moscovo.

A Imprensa soviética raramente faz referências a vítimas de acidentes ou catástrofes e a notícia da TASS sugere, segundo observadores, que o número de mortos deve ser elevado.

### TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

#### Segundo Juízo

#### ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção do 2.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, e nos autos de RESTITUIÇÃO PROVISÓRIA DE POSSE n.º 987/85, em que são requerente ADELINA DE ALMEIDA QUERENDO DOS SANTOS e requeridos FERNANDO PAIS FERREIRA e AUGUSTO JOSÉ MONTEIRO BORGES BICUDO, residentes que foram respectivamente na Rua Ladislau Pícarra, n.º 12 1/2, esq. e Av. Elias Garcia, n.º 145-2, esq., ambos em Lisboa, e actualmente ausentes em parte incerta, correm editos de trinta dias contados da 2.ª e última publicação do anúncio, citando os requeridos para, querendo, no prazo de 8 dias finda da que seja a dilatação dos editos, deduzirem oposição ao pedido constante da petição cujo duplicado se encontra arquivado nesta secretaria à disposição dos citados, o qual consiste na restituição provisória a requerente da posse do 1.º do 1.º do chão esquerdo do prédio sito na referida Rua Ladislau Pícarra n.º 12 em Lisboa, nos termos do art.º 393.º do CPC, com o articulado de oposição deduzida, deverão ser logo oferecidas testemunhas ou quaisquer outros meios de prova que eventualmente queiram oferecer. Não sendo deduzida qualquer oposição, prosseguir-se-á aos autos à revelia dos citados, os quais são citados a revelar-se, até final.

Lisboa, 2 de Outubro de 1985

#### O Juiz de Direito

Jose Manuel Branquinho de Oliveira  
(Lisboa)

#### O Escrivão Adjunto

(Daniel Gonçalves)

"D.L." - 14/10/85 - 1.ª Pub.

### Órgão Recuperação

- restitui os cabelos brancos à sua primitiva cor
- elimina a caspa

ENTRADA EM  
J.C. CRESPO Lda

R. da Madalena 183 187 LISBOA

### TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DO BARREIRO ANÚNCIO

Proc. n.º 63/85 1.ª Secção 1.º Juízo

FAZ-SE SABER que por este Juízo e 1.ª Secção nos autos do Acção de Divórcio Litigioso em que são autor MA NUEL LIMA ALVES DE PAIVA, casado, padroeiro, residente na Rua de São Gonçalo n.º 21/A, Esq., nesta cidade do Barreiro, e ré ADELINA MARIA ANASTÁCIO FELIX, casada, doméstica, ausente em parte incerta, com última residência conhecida em Rua Padre Feliciano n.º 58 1.ª Esq. na Baixa da Banheira, Moita, correm editos de TRINTA DIAS contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando aquela ré, para no prazo de VINTE DIAS, contestar querendo o pedido formulado pelo autor acima indicado, e que consiste em seu decretado divórcio entre ambos com fundamento nos arts.ºs 1779 e 1781 ambos do Código Civil.

BARREIRO 7 de Outubro de 1985

#### O Juiz de Direito

(Ezequiel Sanchez Casanova)

#### A Escrição Judicial

(Maria de Lurdes Garcia da Fonseca Carreira)

"D.L." - 14/10/85 - 1.ª Pub.

### Ainda o caso do "Achille Lauro"

## Governo italiano debate hoje crise nas relações com os EUA

O Conselho de Ministros italiano, terá, hoje, uma reunião extraordinária a fim de analisar todas as circunstâncias que rodearam o sequestro do paquete «Achille Lauro». Em questão estão três temas: o sequestro, propriamente dito, a libertação do dirigente da Frente de Libertação da Palestina, Abu Abbas, e a interceptação do Boeing 727 egípcio, por caças norte-americanos.

Recorde-se que os italianos, depois de recuperarem o «Achille Lauro», receberam, em Roma, a bordo dum avião egípcio (interceptado por caças norte-americanos) e que levava, em liberdade, para a Tunísia, os quatro palestinos acusados do sequestro do paquete. Prenderam o comando sequestrador, mas decidiram deixar partir, para a Jugoslávia, no maior segredo, dois dirigentes palestinos, Abu Abbas e um outro cuja identidade se desconhece.

Os norte-americanos já pediram, entretanto, à Jugoslávia a extradição de Abu Abbas, recebendo uma resposta veementemente negativa das autoridades de Belgrado.

A libertação de Abu Abbas

criou uma situação explosiva nas relações entre Roma e Washington, situação que alguns comentaristas não hesitam em classificar de «crise mais grave nas relações entre os dois países desde a segunda guerra».

O embaixador dos EUA em Roma julgou-se no direito de se dirigir, furioso, ao Ministério italiano dos Negócios Estrangeiros, exigir explicações e afirmar que o presidente Reagan considerou esta atitude como uma «afronta pessoal». Para a Itália, os dois dirigentes palestinos eram reféns do avião sequestrado pelos caças norte-americanos que descolaram do «Saratoga» o qual se encontra fundeado frente a Dubrovnik (Jugoslávia).

A acção dos EUA contra o avião egípcio criou uma séria crise em todo o Médio Oriente. O Egipto, pela voz do presidente Mubarak, considerou que a interceptação do seu avião era «um acto de pirataria» e que o incidente criou frieza e tensão entre os dois países. Os jornais egípcios não se poupam a violentas críticas e destacam os sentimentos nacionais humilhados e vexados por este gesto de arrogância dos EUA contra um país amigo e aliado.

Milhares de estudantes egípcios saíram, também, à rua, lembrando a Mubarak o destino do presidente Sadat, assassinado depois de uma carreira de humilhação e afronta que o falecido dirigente impôs ao seu país. Por sua vez, salienta-se a atitude tunisina, que, em violação dos acordos pan-árabes existentes, não consentiu que o avião aterrasse em Tunes, com o comando que sequestrou o paquete e que deu, assim, azo à acção norte-americana.

Por sua vez, o dirigente da OLP, Yasser Arafat, cuja es-

trela negocial empalidece cada dia mais, depois dos actos dos últimos tempos (ataque israelita aprovado pelos EUA contra a sede da OLP, em Tunes, o sequestro do paquete, o ataque dos EUA ao avião egípcio), considerou que este gesto, comandado directamente por Reagan, é um acto de terrorismo, e de pirataria, dizendo que a Administração dos EUA segue uma lógica de cowboys e prossegue uma política de terrorismo de Estado.

Saliente-se, por fim, que nenhum passageiro viu assassinar o cidadão judeu norte-americano que ia no paquete, Leon Klinghoffer, paraplégico, de 68 anos. Uma das versões diz que o passageiro morreu com um ataque cardíaco. Outra versão diz que foi assassinado, num gesto impulsivo, por um dos assaltantes, e que outro assaltante chorou ao saber do caso. Os jornais egípcios condenam, a este respeito, o capitão do paquete, por este se ter mostrado incapaz de esclarecer sobre a existência, ou não, de um assassínio a bordo.

### Bélgica

## Reforço eleitoral da coligação no poder

O primeiro-ministro belga Wilfried Martens proclamou a vitória da sua coligação de centro-direita após metade dos votos das eleições gerais de ontem estarem contados.

Martens, falando na Televisão, disse que a sua vitória eleitoral, significa que os belgas querem que a coligação continue o seu forte programa de austeridade para recuperar a economia.

A coligação quadripartida de Wilfried Martens deverá, segundo as projecções divulgadas, aumentar a sua maioria par-

lamentar em dois assentos passando a deter 115 dos 212 lugares da Câmara dos Representantes (Parlamento).

De facto, a coligação de centro-direita do primeiro-ministro Wilfried Martens aumentou a sua maioria na Câmara dos Representantes em dois lugares passando a deter 115 dos 212 assentos do Parlamento Belga, de acordo com os números divulgados quando estavam contados 93 por cento dos votos.

Nas eleições legislativas de ontem, o partido democrata-

-cristão flamengo (CDP), de Wilfried Martens, deverá ter obtido mais seis lugares do que tinha passando a constituir o maior partido, com 49 lugares, competindo-lhe portanto formar governo.

O Partido Liberal Flamengo (PVL) deverá ficar com 17 lugares, perdendo um dos assentos. O Partido Renovador Liberal francófono (PRL), que deverá ter sido o partido mais votado no círculo de Bruxelas, deverá ter ganho mais 3 lugares ficando com um total de 27.

O Partido Social Cristão

Francófono (PSD), o quarto parceiro da coligação, passa a ter 18 assentos.

Na oposição, o Partido Socialista Francófono (PS) terá 35 lugares na Câmara dos Representantes, enquanto o Partido Socialista Flamengo (SP) deverá passar a contar com 32 lugares, mais seis do que detinha anteriormente.

### África do Sul

## Soldado branco morto à facada

Um soldado branco sul-africano morreu a noite passada no Bairro Negro de Kwazakele, perto da cidade do Cabo, quando foi atacado por um grupo de negros, anunciou em Joanesburgo uma fonte policial.

Observadores interpretam a morte do soldado Johan Shoeman como o princípio de uma maior radicalização nos confrontos raciais entre a maioria negra e as autoridades sul-africanas.

Desde que a violência estalou há quatro meses na África do Sul já morreram pelo menos 750 pessoas, segundo fontes policiais.

### Eleições na Polónia

## 'Boicote boicotado'

Mais de 75 por cento dos polacos ignoraram Domingo um apelo da extinta central sindical «Solidariedade» para boicotar as eleições e apoiaram em massas as autoridades comunistas — declarou o porta-voz governamental Jerzy Urban.

O boicote foi boicotado — comentou Urban, numa conferência de Imprensa, citando resultados provisórios das eleições.

Na opinião do porta-voz governamental, a afluência às urnas foi elevada. O sentido das eleições foi uma grande aceitação por parte da maioria da permanência do sistema e da linha

política do governo — acentuou.

O líder da central «Solidariedade», Lech Walesa, que acreditava no êxito do boicote pelo menos em algumas partes do Norte da Polónia, rejeitou as palavras de Urban, dizendo: «Ele deve estar a brincar».

As eleições foram as primeiras para os 460 lugares do Parlamento, dominado por comunistas, desde uma crise laboral que levou à criação da «Solidariedade» de 1980.

O porta-voz governamental referiu-se a manifestações no porto báltico de Gdansk e junto da siderurgia de Nowa Huta,

próximo da cidade de Cracóvia — ambos redutos da «Solidariedade».

Testemunhas disseram que jovens atacaram com bastões várias centenas de manifestantes, em Nowa Huta, enquanto polícias observavam. Quando, mais tarde, os manifestantes se reagruparam, a polícia dispersou-as.

Jerzy Urban salientou que muitos bispos e padres da Igreja constitui a aprovação pela sociedade das nossas políticas e nas das da Igreja... Mas nós continuamos a querer relações positivas com a Igreja.



## Meade já é "leão"

Mais de um milhar de sportinguistas (e convidados) encheram a sala de bingo dos «leões», no passado sábado, na cerimónia em que foram distinguidos 380 associados com o emblema de 25 anos de filiação clubista, 73, com o distintivo que revela estarem há meio século no grémio leonino e, por último, Jorge Vieira, o sócio n.º 1, que recebeu o emblema que festeja 75 anos de presença nas hostes verde-brancas. A reunião fez confluir figuras ilustres: Emídio Pinheiro (presidente da Assembleia Geral do Sporting), João Rocha (presidente da direcção), general Melo Egídio (presidente do Gabinete de Estudos e Planeamento), general Horácio de Sá Viana Rebelo (antigo presidente da direcção), dr. Agostinho Abade (vice-presidente da direcção), dr. Luís Borges de Castro (presidente do agrupamento Os Cinquentenários), conselheiro Eudoro Pamplona Corte Real (membro da comissão de honra de Os Leões de Portugal), Mário Garcia (presidente da Comissão das Comemorações do 79.º aniversário do Sporting), João Palrão (presidente substituto da mesma Comissão), dr. Nunes dos Santos (presidente do Conselho Fiscal e Disciplinar do Sporting), juiz conselheiro dr. Calixto Pires (vice-presidente da Assembleia Geral), dr. Dias Ferreira (vice-presidente da direcção), general Martiniano Homem de Figueiredo (antigo presidente da direcção), Jorge Vieira (sócio n.º 1), dr. Amado de Freitas (vice-presidente da direcção) e eng.º Mário Themudo Barata (presidente do grupo Os Stomps).

Pontos altos do encontro resultaram das palavras de João Rocha quando revelou que o Sporting tinha chegado a completo acordo com os ingleses do Arsenal para a transferência de Meade (que a partir deste momento está às ordens de Manuel José, para alinhar quando o técnico o entender), que «o Sporting é o clube com o maior estádio da Europa, porque estádio é uma coisa e campo de futebol é outra (...) e dentro de poucos dias assinaremos a empreitada da construção da piscina olímpica e do novo pavilhão polivalente, que será um dos melhores e maiores da Europa. Esta obra está orçada em cerca de 700 mil contos».

## Aurora Cunha: "banho de multidão"

Depois de haver conquistado mais um triunfo de grande repercussão internacional ao vencer os 10 quilómetros da Taça do Mundo, em Cambera, Aurora Cunha teve, na sua chegada a Pedras Rubras, recepção só concedida a figuras que se destaquem por feitos relevantes. Foi o caso. A menina de Ronfe tem vindo a coleccionar êxitos ao longo de uma carreira desportiva e os seus conterrâneos, adeptos do clube da sua afeição e de uma forma generalizada todos os portugueses, lhe tributam o aplauso que tem vindo a justificar.

Desta vez, aconteceu autêntico «banho de multidão» e Aurora foi erguida em sinal de reconhecimento pelo brilhantismo do seu comportamento como único representante do nosso atletismo na equipa da Europa.



# Desporto

**Rita:**  
êxito  
em  
dólares

Pág. 18



Gomes, beneficiando de uma entrada de pé em riste de Jordão a um maltês (que o árbitro não sancionou) vai, à vontade, fazer o nosso primeiro tento

**Portugal, 3-Malta, 2**

## O sonho comanda a vida

Neves de Sousa

No final daquele triste rosário de penas que todos amargámos, na bela e solarenta tarde de sábado, um homem de cabelo impecavelmente preto, bigode oscilando nervosamente, sentava-se defronte de uma legião de microfones e canetas para só pedir:

— *Deixem-me, ao menos, sonhar mais um pouco...*

José Torres: realmente, como que a solicitar o benefício da dúvida, não se escusando a assumir uma fatia das muitas asneiras cometidas pela orgânica do futebol português mas, indefeso ou quixotesco, ainda disposto a esgrimir contra moinhos de vento por uma dama que nada o favorece com um só gesto que seja.



Jordão e Gomes: lanças que o intervalo quebrou



Mais uma das selecções de José Torres: esta foi a que inicialmente alinhou perante Malta, na Luz. Em cima a partir da esquerda: Venâncio, Jordão, Frederico, Alvaro, João Pinto e Bento. Ajoelhados: Litos, Gomes, Jaime Pacheco, Palhares e Carlos Manuel. No tempo complementar entraram Jaime e José Rafael, a render Palhares e Jordão (lesionado)

Não vale a pena repescar para aqui o pobre espectáculo dado por um heterogéneo conjunto de alguns excelentes futebolistas com outros rapazes que também dão uns razoáveis pontapés na bola, naquele palco que parecia incrustado em árido deserto. E aqui, já a primeira beliscadela na Federação de Futebol que jamais se cansa de cometer erros a granel: em tudo o que era jornal ou revista, com muita antecedência, lá veio que o jogo seria transmitido em directo dentro da rubrica «reportagem do exterior» a iniciar pelas 15 horas. Ora como os preços dos bilhetes de ingresso no parque da Luz eram módicos, o bom e incondicional adepto do jogo-rei ficou a torcer o nariz, estranhando a fartura: e preferiu ficar em casa, confiando em que a RTP (como o seu próprio órgão difusor anunciava previamente) daria o «show» integralmente e em directo. O pagode ficou a chuchar no dedo, porque até alguns comentários que cercaram as entrevistas finais, foram de quebrar pedra, sobretudo aquele que (dogmaticamente) proclamava que «tudo já acabou. Adeus, México».

Que diabo: ainda falta jogar com a RFA e, no fim de contas, o homem não pediu para o deixarem sonhar?

### «Fora com os jornalistas!»

Depois foi aquela incrível escalada de Palhares para um lugar que, dentro dos convocações, apenas poderia pertencer a Mário Jorge, já para não falarmos que até Laureta estava disponível. Mas, quando o primeiro silvo arbitral se escutou, toda a gente esquecia preferências para só se irmanar ao «team» que estava em funções perante um completo e integral aglomerado de amadores, pois o único profissional maltês (Degiorgio) só entrou lá para as Kalendas.

E começou-se muito bem, em apertado (mas também descontrolado) bombardeamento da pequena área dos

homens de La Valleta. Bento era espectador puro. Jordão e Gomes disparavam em torrente: mas sem pontaria calibrada. A certa altura, pumba: Portugal entrou a jogar uma espécie de rãguebi, bola recebida e, depois de muito mastigada, endossada para um parceiro atrasado em relação à linha de progressão. Era isso que queriam os malteses que, sem cerimónias nem rodriguiños, iam fazendo o calendário voar, sem olhar para onde aliviavam a bolinha.

Os lusos, mal industriados, cabeças confusas ou simplesmente quentes em demasia, só avançavam pelo flanco direito: na esquerda, tudo emperrava

Continua pág. 16

# Deixem o homem sonhar e façam o favor de ser felizes

Continuação da pág. 15

em Palhares, dali não andava um metro. E lá andava o pobre e abnegado Carlos Manuel enchendo o campo, correndo de fio a pavio, cortando e entregando, defendendo e atacando, um verdadeiro gigante de indomável coração e toda a fibra. Porém, quando a bola se soltava dos seus pés, o jogo tornava-se tão frio e taciturno, tão lento e morto, tão triste e pálido que a plateia apenas se manifestava para apontar a dedo os jornalistas que estavam sob o tímido refúgio de uns vidrilhos, como se eles continuassem a ser culpados deste país, em capítulo algum, nos dar a alegria maior. E, futebolisticamente, o Benfica estar como Portugal.

## Golo irregular abre contagem

E, enquanto os escribas, os radiófilos, tudo quanto estava atrás do vidro (por enquanto à prova de saliva) era achincalhado e apostrofado com aquelas frases que por vezes iam até à ancestral linha familiar, continuava o jogo no mesmo tom: nem atado, nem desatado. Felizmente que o árbitro consentiu que Portugal fizesse um golo, depois de Jordão ter cometido falta (nítido pé em risco, perante um adversário na zona da grande área maltesa) em lance aproveitado, como convinha, pelo sagaz e atento Gomes. Melhoraram as coisas para os «enclausurados» e também para os artistas da companhia, que continuavam a adiar golos mas (pensavam os optimistas) isso seria uma questão de esperar. Só que Jordão mostrou que continuava «tocado» na perna esquerda e tinha que desistir do esforço: e o público ficou com a pedra no sapato, durante o intervalo que precedeu a segunda metade da melancia. Vai daí, aquele grupo de amplos seguidores do grupo da casa, que colocaram com morada na fronteira das câmaras dos órgãos de Comunicação Social, virou-se outra vez para os palermas da Informação que, ao contrário do que impunemente afirmou Csernai, não estão vendidos ou arregimentados por qualquer emblema embora, como se vive num país democrático, nem todos afinem pelo mesmo diapasão clubista. E toca a malhar na rapaziada: à falta de

melhor, sempre estavam ali uns basbaques à mão de se-mear...

## Falta de treinos

Voltou a calma quando Jaime e José Rafael foram chamados ao serviço activo. Continuava a conquista de pontapés de canto (seriam 17 no total) mas daí não se passava: qual seis-zero, qual carapuça. Subitamente, um duche bem

gelado: mau atraso de Frederico e autogolo, possibilitado (especialmente) porque Ferrugia não largava, com faro de perdigueiro, a área nevrálgica que os portugueses não sabiam como cobrir. Se fazendo marcação homem a homem, se comandando a cobertura à zona. Um defeito (claro) da falta de treinos e do mau entrosamento de jogadores capazes de

bem assimilar qualquer esquema.

## E se, e se?

Adiante. Lesiona-se o maltês Vella, que estava (só) sendo o melhor da sua turma. Pede-se uma maca: demora. Lá vem ele, berrando como um possesso, lamentando-se da dor na perninha direita. O médico quer que ele marche para a ambulância, que vá ao hospital para ser radiografado. E, que vê, entre atônito e assapantado? Uma longa via láctea percorrida pelos soldados da paz, carregando o maltês aos gritos, de porta em porta à procura de uma nesga aberta por onde pudessem atingir a saída até à sua viatura. Se tem acontecido uma catástrofe, como é que os bombeiros explicavam depois que ninguém tinha feito um prévio reconhecimento da triagem de feridos ou acidentados?

## Jaime e Rafael óptimos

Volta-se ao jogo. Gomes cabeceia a esfera contra o poste direito. Jaime faz com o pé o mesmo que o colega. Escutam-se (finalmente) os primeiros incentivos da bancada, desta vez dirigidos a quem deles precisava. Jaime e José Rafael pegam nos cordelinhos do jogo e tornam-se demónios à solta. O boavisteiro faz o 2-1: podia ser que se subisse rapidamente no «placard», é isso que pensa o pequeno conclave. Mas, qual quê: outra vez o empate, festejado pelos malteses como se tivessem conquistado o campeonato deste mundo e do outro.

Todos novamente de credo na boca. Valeu-nos aquele precioso raide de Litos, a soltar a bola para a rede dos visitantes e Gomes (lampejo de ouro) a empurrá-la com tal força que tornou inútil o esforço de um corte «in extremis». Lá se ganhava, exigentemente, à rasquinha, de navalha encostada ao pescoço, à mais fraca selecção que, em qualquer época, veio até Portugal com as cores nacionais de um país.

## E agora?

Deveremos autorizar que José Torres continue sonhando? E, com quê? Com um tremendo golpe de sorte na RFA e, simultaneamente, com duplos falhanços de checos e suecos, na última corrida?

Com a certeza de que o pú-

blico não está, quase por inteiro, divorciado das sucessivas «selecções» que nos vão impingindo, sem recurso a jogadores favoritos e ficando de braços caídos perante algumas «negas» vindas daqui e dali? Que as lesões desapareçam e o nosso «onze» acabe por ser (mesmo) o de «todos nós»? Que o pé frio de José Torres não acompanhe a fama plúmbea de Fafá de Belém?

Uma selecção de futebol, qualquer ela seja, toque a quem tocar a varinha de seleccionador, será (até ver) o espelho da desorganização que emana da Praça da Alegria. Não se consegue um diálogo franco entre os donos dos cadeirões federativos e os dirigentes e técnicos dos clubes, marcam-se jogos perfeitamente à balda (embora para cada arranjo/sorteio marche uma legião de excursionistas), não temos em actividade, (mais ou menos razoável), nem a turma de AA nem um bloco de esperanças, ninguém consegue entender-se a nossa turma sabe que pode atacar pelos dois flancos ou é coxa por ordem superior, se à ansiedade pelo golo não será bem melhor contrapor a serenidade obrigatória para as belas conquistas, se é (mesmo) necessário estagiar na dispendiosa Palmela em lugar de se concentrar a rapaziada em Lamego (óptimas instalações no IND, criadas justamente com esse objectivo) ou, pelo menos na Cruz Quebrada, onde o ISEF tem portas rasgadas e os campos relvados do Jamor estão ao dispor.

Enfim: recorda-nos que, na gerência federativa do dr. António Marques, se efectuou uma reunião (durante dois dias) de muita gente ávida de dar palpites para uma melhoria do nosso futebol. Foi o que se viu: nem um só relatório veio a lume. E tudo vai prosseguindo na calma dos deuses até novo e cíclico golpe de sorte: que surja um Eusébio e um lúcido «paisana» chamado Manuel da Luz Afonso ou que os emigrantes e mais o trabalho de Fernando Cabrita e alguns parceiros consiga ficar na admiração do povo.

No fim de contas, o que é que custa sonhar? Então, embalem o «bom gigante» e ofereçam-lhe leite morno. Pode ser que, em Estugarda, toda a corte celestial apareça de camisola com as quinas. Para a gente não quinar e tudo voltar à estaca zero.

Neves de Sousa



A formação nacional de juniores que

**Juniores: Portugal, 6-0.**

## Visitas esm com péssim

Espectáculo verdadeiramente indecoroso, que os malteses esmaltaram com uma má educação que parecia afastada dos seus pergaminhos: quando se esperava que o encontro entre juniores, ontem de manhã, na Tapadinha, resultasse em agradável duelo futebolístico, acabou por assistir-se a uma autêntica batalha campal, com três expulsões dos jogadores visitantes e uma péssima imagem deixada nos três ou quatro mil espectadores presentes.

A selecção portuguesa de juniores «A» ganhou à Embaixada de Malta por 6-0, mas o resultado poderia ser muito superior se os portugueses não tivessem desperdiçado inúmeras oportunidades. Mas a nota dominante do encontro foi a indisciplina mostrada pelos jogadores malteses, com entradas duras e carregadas sem bola, depois do que discutiam as decisões do árbitro

espanh... A d... ceta M... três jo... mostr... amare... ancas... cadav... sáveis... como... devia... hilarie... na Ta... O p... 10 mi... livre e... tugues... rios, j... marca... a Nels... zado c... batenc... Dez i... isolou... reclan... tou fo... ao po...



*Ninguém acreditaria: nem eles próprios nem os camaradas da reportagem fotográfica, que se abstiveram de estar perto das balizas portuguesas. Mas a verdade é que os malteses (comemorando-o condignamente) fizeram dois golos nas malhas à guarda de Bento*

Sob arbitragem de Alan Snoddy, auxiliado por Robert Stewart e Mac Knight (equipa da Irlanda do Norte), alinharam:

**PORTUGAL:** Bento; João Pinto, Frederico, Venâncio e Álvaro; Litos, Carlos Manuel, Jaime Pacheco e Palhares (Jaime, na 2.ª parte); Jordão (José Rafael na 2.ª parte) e Gomes.

**MALTA:** Bonello, Buttigieg; Aquilina, Holland, Woods e Azzopardi; Busutil, Vella (Dergiorgio, aos 47 minutos) e Sperry; Farrugia e Gregory (Xueh, aos 84).

Golos: 1-0 por Gomes, aos 37 minutos; 1-1 por Frederico, na própria baliza, aos 47; 2-1, por José Rafael, aos 54; 2-2, por Dergiorgio, aos 79; 3-2, por Gomes, aos 82. Cartão amarelo para Azzopardi, aos 43 minutos.

## Comitativas para a RFA

Depois de um dia livre, as selecções nacionais «A» e «Esperanças» fizeram um leve treino, no Estádio Nacional, partindo juntas para a Alemanha, com destino a Estugarda e Karlsruhe, respectivamente. As comitativas são, assim, constituídas:

Selecção «A»: dr. Silva Resende, Amândio de Carvalho, César Grácio e Pedro Mouzinho (dirigentes e funcionários); José Torres e Jaime Graça (técnicos); dr. Camacho Vieira, João Silva e Joaquim Cotovio (médico e massagistas); António Gonçalves (roupeiro). Jogadores (16): Bento, Damas, Inácio, José An-

tónio, Frederico, Mário Jorge, João Pinto, Venâncio, Álvaro, José Rafael, Jaime Pacheco, Veloso, Carlos Manuel, Jaime, Gomes e Litos.

«Esperanças»: eng. Azevedo Félix, António Pimenta e Germano Óscar (federativos); Mário Mateus (técnico); dr. Abel da Silva e Hélder Martins (médico e massagista); Telmo Varreiros (roupeiro). Jogadores (16): Sérgio, Guimarães, Fernando Mendes, Xavier, Mito, Reinaldo, Jorge, Paulo Monteiro, Jaime (Boavista), Samuel, Tozé (Penafiel), Carvalho, Matias, Edmundo, Vicente e Vítor Santos (Covilhã).

## Panorama

A classificação do Grupo 2 é a seguinte:

|             | J | V | E | D | G  | P    |
|-------------|---|---|---|---|----|------|
| 1. RFA      | 6 | 5 | 1 | 0 | 20 | 6 11 |
| 2. Portugal | 7 | 4 | 0 | 3 | 11 | 10 8 |
| 3. Suécia   | 6 | 3 | 1 | 2 | 11 | 6 7  |
| 4. Checosl. | 6 | 2 | 1 | 3 | 7  | 9 5  |
| 5. Malta    | 7 | 0 | 1 | 6 | 5  | 23 1 |

Jogos que faltam disputar: Checoslováquia-Suécia (16 de Outubro), RFA-Portugal (16 de Outubro), RFA-Checoslováquia (17 de Novembro) e Malta-Suécia (17 de Novembro).



Carlos Manuel: «Cuidadinho com a bota, oh Buzutill. Olha que eu vivo disto!»



No princípio, ainda foi jogo por jo

Sob a direcção do espanhol Gui

alinharam:

Portugal: Carlos Alberto; José Ca

bral (José Fernandes, 40); Pauli

res, Nelson Reis; Zé Nando e Gast

Malta: Grec; Camilleri, Magri

Grima, Miccallef, Gerad e Musca

O 3.º golo pertenceu a Nelson l

esclarecidos) que ocorreu a um cent

cabeça, aos 53 minutos. Aos 63

aproveitou uma defesa incompleta

(fez o 0-4. O encontro continuou con

rem completamente e, aos 81 minut

leceu o 5-0, aproveitando um centro

Pires. Já a terminar a partida, Nelinh

quando o guarda-reis de Malta espe

bola entre este e o poste.

As expulsões decididas pelo juí

agressões sem bola (caso de Camille

lação de cartões amarelos (Gerada

para Paulito, Montebello e Grima.



res que iniciou a «cilindrada» aos malteses

al, 6-Malta, 0

## maltaaram jogo sima educação

espanhol Guruceta Muro.

A determinada altura, Guruceta Muro (depois de expulsar três jovens da equipa de Malta e mostrar diversas vezes o cartão amarelo), punha as mãos nas ancas e voltava-se para as bancadas e para o banco dos responsáveis da selecção maltesa, como que a perguntar o que devia fazer, o que provocou a hilariedade no público presente na Tapadinha.

O primeiro tento surgiu aos 10 minutos, na sequência de um livre em que a confusão dos portugueses foi manifesta, com vários jogadores a hesitarem na marcação. A bola chegou então a Nelson Reis, que rematou cruzado da esquerda para a direita, batendo o guarda-redes Grech. Dez minutos depois, Nelinho isolou-se e, quando os malteses reclamavam fora de jogo, rematou forte, entrando a bola junto ao poste esquerdo da baliza de



por jogo...

hol Guruceta Muro, as edquipas

José Carlos, Festas, Vítor Chow e Paulo, Nelinho, Fernando Pi e Gastão (António Maria).

Magri, Montebello e Fenech; Muscat; Attara e Sultana.

Nelson Reis (um dos jovens mais um centro de Nelinho e marcou de Aos 63 minutos, Fernando Pires completa de Grec a um remate seu e uou com os portugueses a domina- 1 minutos, José Fernandes estabe- n centro da esquerda por Fernando Nelinho entrou pelo lado direito e ta esperava o centro, introduziu a

pelo juiz Guruceta deveram-se a Camilleri e Muscat), e por acumu- Gerada). Cartão amarelo também Grima.

# “Taça” começou só para subalternos

Começou a disputar-se a «Taça de Portugal» que, como continua a ser triste atentado democrático, se inicia apenas com a «degola dos inocentes», aliviando os clubes principais dos cotijos de abertura para (até financeiramente) os poupar a grandes problemas.

Infelizmente, também neste aspecto é caduca e condenável a legislação federativa: mas não adianta chover no molhado, porque o organismo da Praça da Alegria prossegue sem alterar esta linha de rumo, de claro e ostensivo benefício aos «maiores» em detrimento da esmagadora maioria dos emblemas que abastecem o erário futebolístico.

Mas, vamos a resultados entre clubes da 3.ª divisão: Trofense - S. Martinho, 4-2; Monção - Cesarense, 0-0; Marão - Lamego, 2-0; Freamunde - União Lamas, 3-1 (a); Macedo Cavaleiros - Oliveira Douro, 1-1 (a); Vieira - Ponte da Barca, 1-1 (a); Ovarense - Merelense, 0-0 (a); Ermesinde - Mirandela, 5-0; Esposende - Valenciano, 1-0; Infesta - Vila Real, 4-2 (a); Cachão - Lousada, 0-1; Sanjoanense - Lixa, 0-0 (a); Gouveia - Oliveira do Hospital, 1-2; Anadia - Fundão, 3-1; Mealhada - Guiense, 0-2; Poiares - Mirense, 1-0; Portalegre - Alvaizere, 3-1; Guarda - Marialvas, 3-0; Rio Maior - Estarreja, 1-1 (a); Oliveirense - Marinhense, 1-0; Naval - Vilanovense, 5-2; Fátima - Lousanense, 3-0; B. Castelo Branco - Oliveira do Bairro, 3-1; Luso - Alcains, 6-0; Olivais e Moscavide - Seixal, 0-0 (a); Comércio Indústria - Santa Clara, 0-1; Amora - Quimigal, 3-1; Campinense - Imortal, 0-2; Atlético Cacém - União Montemor, 1-0; Campomaiorense - Esperança de Lagos, 1-0; Almada - Vasco da Gama, 2-2 (a); Odivelas - Aljustrelense, 3-0; União Cacém - Quarteirense, 1-0; Moura - Estremoz, 0-3; Samora Correia - SL. Olivais, 1-1.

Entre clubes da 3.ª divisão distritais: Valdevez - Maia, 4-1 (a); Joane - Celoricense, 7-3; Régua - Mondinense, 2-1; Lanhelas - Valonguense, 0-9; Vilanovense - Amares, 1-0; Bragança - Vinhais, 7-0; Valpaços - Santa Maria, 0-2; Bougadense - Limianos, 1-1 (a). Mirandense - Santacombadense, 3-1; Nazarenos-Tortozendo e Benfica, 1-1.

Entre clubes da 3.ª divisão distritais: Valdevez - Maia, 4-1 (a); Joane - Celoricense, 7-3; Régua - Mondinense, 2-1; Lanhelas - Valonguense, 0-9; Vilanovense - Amares, 1-0; Bragança - Vinhais, 7-0; Valpaços - Santa Maria, 0-2; Bougadense - Limianos, 1-1 (a). Mirandense - Santacombadense, 3-1; Nazarenos-Tortozendo e Benfica, 1-1.

Entre clubes da 3.ª divisão distritais: Valdevez - Maia, 4-1 (a); Joane - Celoricense, 7-3; Régua - Mondinense, 2-1; Lanhelas - Valonguense, 0-9; Vilanovense - Amares, 1-0; Bragança - Vinhais, 7-0; Valpaços - Santa Maria, 0-2; Bougadense - Limianos, 1-1 (a). Mirandense - Santacombadense, 3-1; Nazarenos-Tortozendo e Benfica, 1-1.

## Totobola Jogue connosco

CONCURSO N.º 42/85  
20 de Outubro de 1985

|                           |   |
|---------------------------|---|
| Portimonense-Sporting ..  | 2 |
| Guimarães-Chaves .....    | 1 |
| Covilhã-Penafiel .....    | 1 |
| Setúbal-Aves .....        | 1 |
| Marítimo-Braga .....      | 1 |
| Boavista-Belenenses ..... | 1 |

|                           |   |
|---------------------------|---|
| Gil Vicente-Leixões ..... | X |
| Vizela-Varzim .....       | X |
| Tirsense-Fafe .....       | X |

|                          |   |
|--------------------------|---|
| Beira Mar-Elvas .....    | X |
| U. Leiria-Águeda .....   | 2 |
| Olhanense-Farense .....  | X |
| E. Amadora-Montijo ..... | 1 |

CONCURSO N.º 43/85  
27 de Outubro de 1985

|                         |   |
|-------------------------|---|
| Sporting-Boavista ..... | 1 |
| Braga-Guimarães .....   | X |
| Belenenses-Porto .....  | 2 |

|                           |   |
|---------------------------|---|
| Salgueiros-Portimon. .... | 1 |
| Penafiel-Benfica .....    | 2 |
| Aves-Covilhã .....        | X |

|                          |   |
|--------------------------|---|
| Chaves-Setúbal .....     | 1 |
| Académica-Marítimo ..... | 1 |
| Rio Ave-Vizela .....     | 1 |

|                            |   |
|----------------------------|---|
| Elvas-Feirense .....       | X |
| Águeda-E. Portalegre ..... | 1 |
| Torraltá-Olhanense .....   | X |
| Oriental-E. Amadora .....  | 2 |

3-0; Avanca - Usseira, 1-0; Penalva do Castelo - Cancela, 2-1; Alba - Torres Novas, 2-1; Almeida - Elétrico Ponte Sor, 0-1; Veiçense - Bombarralense, 2-0 (a); Quaias - Águias Alpiarça, 2-4. Fronteirense - Vialonga, 0-1; Cuba - Fanhões, 2-2 (a); Sporting Ideal - Lusitânia, 0-1; Grandolense - Vilafranquense, 1-1 (a); Sintrense - Portosantense, 0-1; Costa de Caparica - Elvense, 2-0; Horta - Louletano, 0-1; Praiense - Portel, 4-2; Alverca - Sesimbra, 2-0; Casa Pia - Estrela Vendas Novas, 5-1 (a).

Entre clubes distritais: Nelas - Valcovense, 1-0; Moreirense - Fiães, 0-1. Angrense - Beira Mar Vila Real, 0-0 (a).

(a) Após prolongamento. O sorteio da segunda eliminação realiza-se no dia 21, às 18 horas, no Hotel Fénix. (Lisboa)

### Divisão 2

O União de Leiria venceu o Ginásio de Alcobaça por 4-1 no jogo em atraso da 1.ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol da 2.ª Divisão (Zona Centro). O União de Coimbra, bateu o Peniche por 1-0 (embate atrasado da 4.ª jornada do «Nacional» da Zona Centro), enquanto o Lourosa derrotou o Famalicão por 2-1, em encontro antecipado da 5.ª jornada (Zona Norte).

### Juniões

O Seixal venceu a Quimigal

por 2-1 no jogo em atraso da 1.ª ronda da Série F do Campeonato de Juniores.

### Juvenis

União de Coimbra, Belenenses e Estoril venceram os jogos em atraso da 1.ª jornada do Campeonato Nacional de Juvenis. Na Zona Norte (jogo da Série B), O União de Coimbra recebeu e bateu o Águeda (2-1), enquanto na Zona Sul (Série D), o Belenenses venceu em casa o Seixal (3-0) e o Estoril bateu em Corroios, a equipa local, por 4-0. Por seu turno, o Vianense venceu na Régua o clube local (1-0) no jogo em atraso da Série A da Zona Norte.

### Esperanças: pronto

A selecção nacional de esperanças derrotou no sábado a equipa do Atlético, por 4-1; num treino de conjunto efectuado no Estádio Nacional e integrado na preparação para o Europeu da categoria onde Portugal defronta a Alemanha Federal, amanhã em Karsaha, Jorge (2), Tozé (47 e 45) e Reinado (82) marcaram os golos do seleccionado nacional. Valentim reduziu para o Atlético, aos 90.

### Particulares

O Penafiel venceu o Paredes, (da zona norte da 2.ª (divisão) por 2-0, em jogo particular de

futebol disputado no seu campo. O jogo-treino serviu essencialmente para que o novo técnico, Fernando Cabrita, observasse a equipa a cujo comando regressou na passada 4.ª feira. Os golos foram marcados por Sanha (aos 12 minutos) e Babá, de grande penalidade (aos 89).

Enquanto, na Madeira, o União venceu o «Torneio Comunidade», por cá verificavam-se mais embates de carácter particular: Mangualde, 2-Braga, 2 e Caldas, 0-Vitória de Setúbal, 3.

### Faro: «honra»

Ao empatar no terreno do Silves a zero golos, no encontro da 2.ª «mão» da final da Taça de Honra da A.F. Faro, o Portimonense foi o vencedor da prova, valendo-lhe o resultado favorável alcançado no seu reduto (2-1).

Árbitro: Andreilino Pena (Faro).

Silves: João Manuel; Tito, Virgílio, Chico Santos e Jaime; José Paulo (Custódio, 69 m.), Tó Manuel, Luís Cláudio e Calhau (Rosinha, na 2.ª parte); Luís Fernando e Nanino.

Portimonense: Vital; Luís Saura, Alinho; Barão e Teixeira; Carvalho (Augusto, na 2.ª parte), Nivaldo, Skoda e Luís Reina (João Reina, 73 m.); Moisés e Pita.

Cartão amarelo: para Teixeira (77 m.) e João Reina (88 m.).

# ADÃO

móveis  
e electrodomésticos

FRIGORÍFICOS

TELEVISORES

MÁQUINAS LAVAR

| Nacional vai assim     | J | V | E | D | G  | P    |
|------------------------|---|---|---|---|----|------|
| 1.º SPORTING .....     | 6 | 5 | 1 | 0 | 16 | 2 11 |
| 2.º V. Guimarães ..... | 6 | 5 | 1 | 0 | 9  | 2 11 |
| 3.º FC Porto .....     | 6 | 4 | 2 | 0 | 11 | 3 10 |
| 4.º Boavista .....     | 6 | 4 | 1 | 1 | 13 | 5 9  |
| 5.º V. Setúbal .....   | 6 | 3 | 2 | 1 | 7  | 3 8  |
| 6.º Benfica .....      | 6 | 3 | 1 | 2 | 15 | 6 7  |
| 7.º Chaves .....       | 6 | 3 | 1 | 2 | 6  | 8 7  |
| 8.º Portimonense ..... | 6 | 2 | 2 | 2 | 6  | 7 6  |
| 9.º Belenenses .....   | 6 | 1 | 3 | 2 | 6  | 6 5  |
| 10.º Covilhã .....     | 6 | 2 | 1 | 3 | 5  | 7 5  |
| 11.º Académica .....   | 6 | 0 | 4 | 2 | 5  | 9 4  |
| 12.º Marítimo .....    | 6 | 2 | 0 | 4 | 3  | 11 4 |
| 13.º Braga .....       | 6 | 1 | 1 | 4 | 5  | 11 3 |
| 14.º Salgueiros .....  | 6 | 1 | 1 | 4 | 2  | 10 3 |
| 15.º Penafiel .....    | 6 | 1 | 0 | 5 | 3  | 12 2 |
| 16.º Aves .....        | 6 | 0 | 1 | 5 | 4  | 12 1 |

Próxima jornada: tendo em vista a participação das equipas portuguesas nas competições da UEFA, a jornada n.º 7 do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão tem os seguintes encontros antecipados para sábado: Benfica-Salgueiros e Boavista-Belenenses (às 15 horas), Portimonense-Sporting (18 horas, e FC Porto-Académica (21.30). A ronda completa-se no domingo (15 horas) com os jogos Covilhã-Penafiel, Setúbal-Aves, Guimarães-Chaves e Marítimo-Braga.

## TOTO BOLA

a chave

|                         |   |
|-------------------------|---|
| Freamunde-U. Lamas      | X |
| Sanjoanense-Lixa        | X |
| Rio Maior-Estarreja     | X |
| Oliveirense-Marinhense  | 1 |
| Amora-Quimigal          | 1 |
| Almada-Vasco da Gama    | X |
| Alverca-Sesimbra        | 1 |
| Aston Villa-Nottingham  | 2 |
| Chelsea-Everton         | 1 |
| Ipswich-Newcastle       | X |
| Tottenham-Birmingham    | 1 |
| Watford-Manchester City | 1 |
| West Ham-Arsenal        | X |

## TOTO LOTO

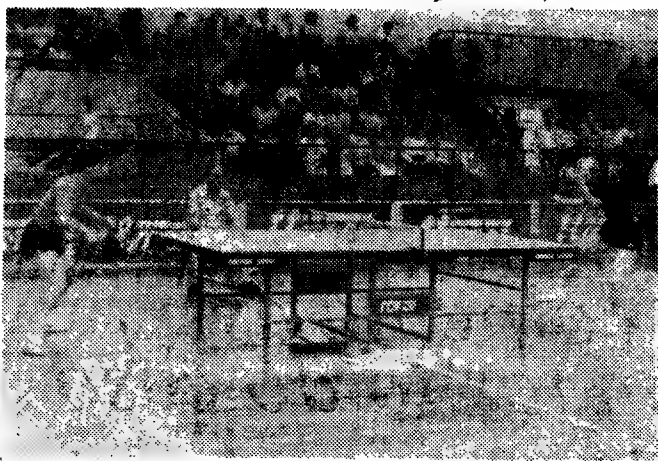
14 15 19 24 33 38 + 31

EXPOSIÇÃO DE MÓVEIS: (aberto até às 21 horas)

na Estrada da Falaqueira 14 B e C • ☎ 494 20 22 • AMADORA

### FACILIDADES DE PAGAMENTO

FILIAL: RUA GIL VICENTE, 7-8 (PERTO DA ESTAÇÃO DA CP) AMADORA



Casa Pia-Verona: portuguesas bateram-se bem mas nada puderam perante as meninas italianas (foto) de bom nível.

## Ténis de mesa: nossas meninas fora da Europa

As equipas femininas de ténis de mesa de Ramiro José e do Casa Pia ficaram na 2.ª eliminação das competições europeias, cujos jogos se disputaram na sede do primeiro e no Pavilhão do INATEL, no 1.º de Maio, ambas derrotadas por 5-9, respectivamente, pelo Statiska (da Hungria) e pelo Verona (de Itália). Os parciais entre Ramiro José e Statiska, forneceram as seguintes pontuações: Ana Plácido - Nagy, 13-21 e 11-21; Odete Cardoso - Fazekas,

11-21, 21-19 e 8-21; Cristina Aleixo - Olah, 2-21 e 4-21; Odete Cardoso - Nagy, 15-21 e 13-21; Anna Plácido - Olah, 9-21 e 9-21. No encontro entre o Casa Pia e o Verona, os resultados parciais foram os seguintes:

Vignola - Maria Alexandra, 21-14 e 21-15; Cergol - Marta Alexandra, 21-6 e 21-8; Zampini - Olga Meneses, 21-13 e 21-13; Cergol - Maria Alexandra, 21-8 e 21-9; Vignola - Olga Meneses, 21-11 e 21-11.

### Râguebi: campeonato «arrancou»

O «Nacional» da 1.ª Divisão começou no passado sábado tendo-se registado os seguintes resultados: Agronomia, 6-Benfica, 12; Cascais, 29-Belenenses, 26; CDUP, o-Direito, 3 e Campomaiorense, 17-Universidade Livre, 13. A classificação após esta primeira «ronda» é liderada pelo Cascais, Direito, Campomaiorense e Benfica com 3 pontos cada. Próxima jornada: Universidade Livre-CDUL, Académica-CDUP, Direito-Cascais, Belenenses - Agronomia e Benfica - Campomaiorense.

### Basquetebol: Sangalhos a surpresa

Com a participação de doze clubes começou a disputar-se o campeonato nacional de basquetebol da primeira divisão, tendo-se verificado os seguintes resultados na 1.ª jornada: Olivais-Ovarense, 85-90; Ginásio-Illiabum, 53-59; Queluz-Imortal, 98-84; Sanjoanense-Académica,

92-64; FC Porto-Sangalhos, 71-75. Segunda jornada: Olivais-Illiabum, 57-92; Ginásio Fig.-Ovarense, 86-79; Queluz-Barreirense, 66-100; Benfica-Imortal, 107-77; Sanjoanense-Sangalhos, 73-71 e FC Porto- Acad. Coimbra, 128-30.

Classificação: 1.ºs Benfica, Sanjoanense e Illiabum, 6 pontos; 4.ºs FC Porto, Ovarense, Ginásio, Queluz, Barreirense, Sangalhos, 3; 9.ºs Olivais, Imortal e Académica de Coimbra, 2.

### Hóquei: «Taça de Portugal»

O Paredes derrotou no seu pavilhão, o Sporting (por 2-1) em jogo da 1.ª «mão» dos quartos-de-final da Taça de Portugal de Hóquei em Patins. Outros resultados da jornada: Barcelinhos-Benfica, 4-10; FC Porto-Sanjoanense, 4-0; Juventude Azeitonense-Hóquei de Barcelos, 4-3.

### Xadrez mundial: empate

Os soviéticos Anatoli Karpov e Garri Kasparov empataram ao 23.º lance a 15.ª partida da final do mundial de xadrez.

# Rita Borralho: êxito nos EUA

Rita Borralho (Benfica) ganhou uma prova de estrada em Nova Jersey (Estados Unidos), na preparação para a Maratona de Chicago em que participa (dia 20). Rita Borralho, olímpica em Los Angeles, venceu a corrida na distância de cinco milhas, em 27,34 minutos, batendo por larga vantagem a norte-americana Mersey Adams creditada com 33m e 20s. Em masculinos a vitória pertenceu ao norte-americano David Meyer, com 24m e 53s. Participaram na prova denominada Run for the Liberty, cerca de dois mil atletas.

### Atletismo em congresso

As associações regionais, reunidas em congresso extraordinário reprovaram por maioria, o alargamento do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão de Atletismo de quatro para oito clubes. Apresentada pela Associação de Setúbal, a proposta foi reprovada, por 26 votos contra 23 com 20 abstenções.

O congresso extraordinário teve como outro dos pontos quentes uma proposta federativa que contemplava um projecto de regulamentação de transferências já para a próxima temporada, proposta que ficou adiada

por merecer um estudo mais aprofundado, por sugestão de Aveiro.

### Capítulo vence «Corrida do Tejo»

Carlos Capítulo, em representação da firma Silvino J. Silva, ganhou a quinta edição da Corrida do Tejo em Atletismo, disputada entre Algés e Oeiras.

capítulo, que se isolou dos seus adversários, ainda antes de metade do percurso, gastou o tempo de 30,10 minutos para os cerca de 10 quilómetros da prova. Em segundo lugar classificou-se Fernando Reis (Electroliber) com mais 23 segundos, seguido do popular António Riscado, com 30,48 minutos, tendo José Abrantes (Irsil), com 31,02 e Ciriapno Lucas (Belenenses), com 31,18 minutos, obtido as posições seguintes (4.º e 5.º).

Lucília Soares (Benfica) foi a primeira senhora, classificando-se, na geral, em 191.º lugar.

Participaram, na prova, cerca de 1500 atletas.

### Carlos Cabral vence em Vilamoura

O sportinguista Carlos Cabral venceu a segunda corrida de

atletismo «Outono de Vilamoura» em seniores, batendo o individual Jorge Candeias e Luís Romão, do Imortal de Albufeira.

Em seniores femininos, a vitória foi para Helena Figueira, do Desportivo de Vilamoura, que superou a sua companheira de equipa Cândida Almeida.

Por equipas, a vitória pertenceu ao Esperança de Lagos.

Joaquim Santos, dos Jograis António Aleixo, venceu, em juvenis masculinos, e, em juvenis femininos, o triunfo pertenceu a Nilda Teixeira, na mesma equipa. Colectivamente, ganhou, em masculinos, o Desportivo da Penha e, em femininos, o Louletano.

A prova de pré-veteranos, em que apenas participaram homens, foi ganha pelo individual João Silva e pelo Clube de Veteranos de Faro. Maria Armada, do Louletano, e Carlos Barbosa, do Desportivo de Vilamoura, venceram, em veteranos, pertencendo o triunfo, por equipas, ao Desportivo de Vilamoura e, em infantis femininos, venceu Ana Isabel, dos Jograis António Aleixo, e, em masculinos, Carlos Juliano, do Desportivo da Penha, equipa que venceu, colectivamente, nos sectores masculino e feminino.

## INATEL debate o seu desporto

Integrado no 50.º aniversário do Inatel, decorreu a reunião anual do Comité Director do C.S.I.T. (Comité Sportif International du Travail). No Centro de Férias do Inatel (em Oeiras) e durante três dias, os delegados técnicos do CSIT decidiram sobre alguns dos aspectos mais relevantes da actividade desportiva a nível de trabalhadores. Foram evidenciados pormenores que se prendem com o funcionamento das Comissões Técnicas, organização e campeonatos, política do CSIT no domínio do desporto para todos e, duma forma geral, o desporto internacional a nível de preenchimento dos tempos livres dos trabalhadores. Esta reunião anual precedeu o Congresso que se realizará em Mantona (Itália) em Outubro de 1987.

Pelas 18 e 30, em conferência de Imprensa, o Inatel faz um balanço dos trabalhos efectuados em Oeiras.

## Balestre: outro cargo

Jean Marie Balestre foi ontem eleito por unanimidade novo presidente da Federação Internacional de Automobilismo (FIA), cargo em que sucede ao príncipe Von Metternich, que se demitiu.

Balestre ocupava já o cargo de presidente da Federação Internacional do Desporto Automóvel (FISA) e da Federação Francesa de Automobilismo.

## Microscópio

### Andebol: Benfica perde nas Antas

Durante o fim-de-semana disputaram-se duas jornadas do campeonato nacional (4.ª e 5.ª ronda) com a curiosidade da turma benfiquista ter baqueado no Pavilhão das Antas. Sporting e Belenenses comandam isolados a classificação com 15 pontos situando-se o FC Porto na 3.ª posição com 13 pontos. Resultados na 4.ª jornada: Académico de Braga-Encarnação, 28-17; Sanjoanense-Setúbal, 22-32; Belenenses-Académica de S. Mamede, 34-19; Sporting-Salgueiros, 36-13 e FC Porto-Boa Hora, 29-15. Na 5.ª jornada: Sanjoanense-Encarnação, 26-19; Académico Braga-Vitória de Setúbal, 29-27; Belenenses-Salgueiros, 31-15; Sporting-Académica de S. Mamede, 33-21 e FC Porto-Benfica, 30-21.

### Andebol homenageia

Em homenagem a Henrique Feist, pioneiro do andebol em Portugal, a União Recreativa Brandoense, realiza na 4.ª-feira um torneio da modalidade denominado 2.º Troféu do Município da Amadora, cujos encontros se realizam no Pavilhão de Alfarelos com o seguinte programa: UR Brandoense-Benfica (em femininos, às 20 horas); Benfica-Vitória de Setúbal (seniores masculinos, às 21 e 30 h.). No intervalo entre

os dois jogos, às 21 horas, terá lugar a cerimónia de homenagem a Henrique Feist.

### Acácio Silva: 10.º no Critério dos Ases

Acácio Silva classificou-se ontem em 10.º lugar no Critério dos Ases, disputado num percurso de 99 quilómetros na localidade francesa de Montreuil e ganho pelo irlandês Sean Kelly. O vencedor da prova gastou o tempo de 1.55,27, à média horária de 49,164 quilómetros. Classificação final: 1.º Sean Kelly (Irl/Skill); 2.º Eric Vanderaerden (Bél/Panasonic); 3.º Claude Criquelion (Bél/Hitachi); 4.º Joop Zoetemelk (Hol/Kwantum Hallen); 5.º Hennie Kuiper (Hol/Kwantum Hallen); 6.º Jorg Muller (Suí.); 7.º Adri Van Der Poel (Hol.); 8.º Ludo Peeters (Bél.); 9.º Thierry Marie (Fra.) (todos com o mesmo tempo do vencedor); 10.º Acácio Silva (Port.) 1.55,55.

### Ginástica rítmica: Campeonato do Mundo

Patrícia Jorge foi a melhor portuguesa no Campeonato do Mundo de Ginástica Rítmica Desportiva a decorrer em Valladolid, Espanha, classificando-se em 56.º lugar no conjunto dos exercícios individuais, totalizando 36,85 pontos contra 39,90 pontos da vencedora, a búlgara Diliána Gueorguieva.



Andebol: fase do encontro Sporting-Salgueiros que os «leões» venceram pela concludente marca de 36-13

Em segundo e terceiro lugares ficaram também duas búlgaras: Lília Ignatova com 39,80 e Bianca Panov com 39,75 pontos, respectivamente.

Margarida do Carmo foi a segunda representante portuguesa, classificando-se em 63.º lugar com 36,55 pontos e Ana Pereira foi 73.º com 36,25 pontos.

A búlgara Diliána Gueorguieva alcançou o título de campeã do Mundo de ginástica rítmica com 39,90 pontos, no geral individual que se realizou na cidade espanhola de Valladolid.

Classificação final das dez primeiras: 1.ª Diliána Gueorguieva (Bul.) 39,90; 2.ª Lília Ignatova (Bul.) 39,80; 3.ª Bianca Panova (Bul.) 39,75; 4.ª Galina Beloglazova (URSS) 39,60; 5.ª Bianca Dittrich (RDA) 39,55; 6.ª Tatiana

Druochina (URSS) 39,50; 7.ª Marina Lobath (URSS) 39,45; 8.ª Florentina Butaru (Rom.) 39,10; 9.ª Lori Fung (Can.) 38,95; 10.ª Yenn Ran Kang (Coreia do Norte) 38,90.

### Halterofilia: Luso vence Torneio do Sporting

O Luso do Barreiro ganhou o Torneio Halterofilismo organizado pelo Sporting e integrado nas comemorações do 79.º aniversário do clube.

O clube vencedor somou 1077 pontos contra 1043 da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense, em terceiro lugar ficou o Ginásio da Baixa da Banheira com 1015 pontos.

Individualmente, o melhor elemento foi Carlos Alves (SFUAP) com 328,5 pontos.

■ *Françoise Sagan apresenta correspondência entre Georges Sand e Alfred de Musset* Págs. 22 e 23

■ *Robert Merle comenta as "hipocrisias" em torno do caso Greenpeace* Pág. 21

■ *Janelas Indiscretas* Pág. 20

■ *Mensagens pessoais* Pág. 26



**Viagem: as férias no interior**

Págs. 24 e 25

# O ovo e a concha

O nascimento de Vénus

Interrogando-nos sobre o quadro de Botticelli, encontramos fatalmente no nosso percurso a *Madona do ovo* de Piero della Francesca. Inseridos na problemática que prosseguimos ao longo das «Janelas Indiscretas», estes dois quadros fazem pendant, e um aparece como o reverso do outro. Assim, longe de pretender esgotar o conteúdo dessas duas obras (o que seria ridículo e de qualquer modo impossível), contentamo-nos, em considerar do ponto de vista da temática escolhida, isto é, como pertencendo a uma *História do olho*, como elemento de uma *Dióptrica*, como acontecimento na vida de um *Sujeito* à sua janela.

Vénus substitui pois a Virgem, a concha já não serve de abóbada mas de base, tudo parece mais vaporoso, mais fluante, o exterior onde sopra um vento tépido substitui o interior de pedra meio iluminado pelo Sol.

Francastel observa que no quadro de Botticelli, o principal é a concha porque «é ela que confirma a necessidade de uma transposição muito delicada dos valores a um tempo alegóricos e espaciais da obra» (1, pag. 128). O regresso ao mito que, para Francastel, constitui um dos aspectos importantes do Quattrocento, corresponde à abertura de novos espaços. Ele abre para a interpretação infinita de uma origem (um ovo), da mesma maneira que a perspectiva abre para o infinito como fuga para um ponto. A construção lictórica do mito acompanha desde então a representação do espaço, não podendo um deixar de reflectir o outro. «Os artistas do Quattrocento quiseram, em certos casos mais numerosos do que se imagina, criar elos míticos tão abstractos como os elos geométricos com que sonhavam Brunelleschi e Alberti» (1, pag. 129). Piero e Botticelli utilizam vias contrárias para mostrar, finalmente, a essência da representação. Num e noutro caso trata-se de assistir a um espectáculo. Mas Piero insiste no teatro como edifício, ao passo que Botticelli privilegia o pano da

pintada pelo artista no *Polittico della Misericordia*, 1445-1462 —, inclui o espectador no espaço da capela, assim como o constata Peter e Linda Murray que o definem como «an architectural setting which is treated as a continuation of the actual architecture of the chapel in which it was set, thus creating a spatial setting involving the spectator within the compass of the altarpiece» (2, pag. 131).

Se Piero nos encerra no espaço arquitectural do quadro, é porque o quadro, representando a representação, indica que o cosmos é um espaço e que as coisas se situam necessariamente no espaço, e que uma forma simples ou um corpo

está, no meio de uma coroa de santos, numa abside onde desce um ovo de avestruz, que justifica ao mesmo tempo o simbolismo medieval da Imaculada Conceição e a emblemática intelectual do cosmos» (3, pag. 263). O espaço que nos envolve é o espaço curvo da concha.

Dáí, procurar o que há de visão equivale a pensar a maneira como as coisas se desenrolam no espaço curvo. Assim, é preciso admitir antes de mais a relação que se estabelece entre a coisa e o espaço porque é nesta relação que se inscreve a essência da visão: «lo spazio si da interamente nelle cose, ogni cosa è forma dello spazio. Piero scriveva un trattato di prospet-

qui sta a indicare che nulla è tanto piccolo da non rientrare in una proporzione universale: e il termine «medio» tra il «minimo» dell' uovo e il «massimo» dell' abside è la forma della testa umana della Madonna. Non solo: la stessa forma si dá, in grandezze diverse, in tutte le cose della natura, nell'uovo come nella conchiglia e nella persona umana, ed il valore di quella formanon muta passando dal concavo al convesso» (4, pag. 220). Se a *Pala* de Piero manifesta o impacto da arquitectura na perspectiva, a *Vénus* de Botticelli sugere, através do espaço fluante, que é preciso atingir a *idela* da representação, até porque a tarefa do pintor é,

que nos afirma a obra de Mantegna e a de Botticelli é que a reflexão do Quattrocento não vai de modo algum desembocar, como nos querem fazer crer, na doutrina das duas verdades, isto é, numa conciliação entre a ordem cristã e a ordem pagã. Uma terceira ordem é considerada pelos homens deste tempo como não menos importante que as duas outras, é uma ordem moral e social incarnada no novo sistema de imagens» (pag. 285). Por isso mesmo Argan inscreveu a obra de Botticelli na «filosofia della crisi» que caracteriza o neoplatonismo, «crisi dei grandi valori affermati dall' Umanesimo del principio del secolo, ma anche delle grandi



Nascimento de Vénus, Botticelli

cena. O espaço da *Madona do ovo* de Piero envolve-nos como uma concha — (ou como a generosa capa dessa outra *Madona*

«puro» rediz por si só a harmonia do mundo: «Elé (Piero) compõe enfim, por volta de 1475, a «pala» onde a Virgem

tiva e lo intitolera *De prospettiva pingendi* per dimostrare, come dimostra, che la prospettiva non è una premessa dell'operazione pittorica, ma la pittura stessa; e svilupperà una complessa casistica perché ormai la prospettiva non è la legge o il principio della visione, ma la visione nella sua totalità» (4, pag. 207). Depois trata-se de considerar a maneira como as coisas se projectam no espaço curvo, o que leva Piero a pensar a teoria como indissociável da praxis: «Il problema chi ora Piero si pone è quello della proiezione Prospettica sulla superficie curva cioè della prospettiva communis, quella degli antichi, descritta da Plinio il Vecchio e da Vitruvio» (4, pag. 220). A proporção uma vez encontrada repete-se da concha à cabeça ovóide da *Madona* passando pelo ovo suspenso. O elo entre os três elementos — (o fio) — dá-nos a «chave» da teoria de Piero. «L'uovo è una forma ricca di significati simbolici; ma

come a do filósofo, atingir um além do espaço e do tempo. Botticelli é um neoplatónico, o que significa que, para ele, a ideia não se separa da verdade cristã e que, consequentemente, Vénus também tem algo a ver com a Virgem. O quadro de *Vénus* e o da *Primavera* são «really elaborate images of Neo-platonic interpretations, in a Christian sense, of the Venus myth... the Birth of Venus is a very long way from the Venus Pandemos» (2, pag. 217). Defendendo a ideia e um além da temporalidade, os neoplatónicos atestavam que «il cristianismo preesisteva, come idea, alla venuta storica di Cristo» e que, consequentemente, a antiguidade hebraica e greco-romana «sono soltanto prefigurazione della rivelazione cristiana» (4, págs 238-239).

No entanto, o que Botticelli mostra ultrapassa amplamente o tema da reconciliação entre o paganismo e o cristianismo. Tal como escreveu Francastel, «o

aspirazioni politiche e culturali di Firenze» (4, pag. 238).

Veremos igualmente como a obra de Botticelli também põe em cena a crise da pintura.

## Notas:

- (1) P. FRANCASTEL, *Peinture et société*, Paris, Denoel/Gonthier, 1977.
- (2) P. and L. MURRAY, *The Art of the Renaissance*, London, Thames and Hudson, 1978.
- (3) A. CHASTEL, *L'Art italien*, Paris, Flammarion, 1982.
- (4) GC ARGAN, *Storia dell'Arte italiana* (II), Firenze, Sansoni, 1977.
- (5) P. FRANCASTEL, *La figure et le lieu*, Paris, Gallimard, 1967.

A seguir: A tela-cortina, a velocidade do caracol, perspectivas multiplicadas em Broodthaers e Fontana.



# Hipocrisias

Robert Merle

## Nem todos se podem proclamar professores de moral

O que me desola no caso Greenpeace é a morte desse infeliz fotógrafo que, depois da primeira explosão, correu o risco de ir a bordo buscar os seus aparelhos. É essa para mim a nota realmente dramática de um caso cuja exploração deu lugar a um tal desdobramento de hipocrisias vindas de todo o lado, que é necessário descobrir nele um elemento de comédia. Mas de comédia, é certo, à maneira de Molière: segundo a famosa frase, quando acabamos de rir de uma coisa, devíamos chorar por causa dela.

Em França, os três grandes líderes da oposição envolvem-se num silêncio «digno e responsável», não querendo fazer de tudo isto «política-política». Dito isto, eles mandam que na Televisão sejam destiladas frases assassinas contra o presidente e o primeiro-ministro — conforme o alvo que o interesse de cada um, a curto ou longo termo, lhe designa.

Um dos zelosos encarregados da tourada de morte, conclui a sua virulenta intervenção dizendo que esse caso dá uma nova prova do «amadorismo dos socialistas», fazendo assim eco, mais infelizmente sem nenhum humor, à infeliz *boutade* do general de Gaulle acusando-se de «inexperiência» no caso Ben Barka.

Outro indigna-se por terem preso oficiais faladores, atingindo assim o moral das Forças Armadas, as quais, pela boca do general Imbot lhe infligem quarenta e oito horas mais tarde um forte desmentido qualificando

esses mesmos oficiais de «ramos podres». Como se vê, é sempre imprudente um civil falar em nome dos militares.

Outro, que só busca a inspiração em si próprio, anuncia depois do caso Greenpeace, a *coabitação com Mitterrand acabou* — virando assim para o lado barrista a sua casaca giscardiana, e explorando de passagem, por assim dizer, uma ocasião que há muito procurava.

Outro ainda, que outrora se definiu como um «antigo deportado do trabalho», queixa-se amargamente das mentiras do poder. Ao ouvir este discurso o seu anjo da guarda tirou a auréola. Ela ameaçava cair, de tanto que ele ria.

Mas se se passa da França para o estrangeiro, o riso torna-se enorme, mesmo que se lhe misture alguma amargura, quando se pensa que os censores são nossos amigos.

### Amnésias

A Casa Branca condena a destruição do *Rainbow War-*



rior um acto de violência, esquecendo que o seu Congresso, a instâncias do seu presidente, votou milhões de dólares para deitar abaixo, na América La-

tina, um governo que lhe desagradava. Mas é sem dúvida com doçura e não com violência que a CIA, tanto ali como em toda a parte, tratará da desestabiliza-

ção dos sandinistas.

A mesma amnésia ataca a Austrália que se indigna com o facto de as experiências subterâneas de Muroroa poluírem o

Pacífico tendo esquecido completamente as experiências nucleares ao ar livre levadas a efeito no seu solo, pelos ingleses até 1966, data em que cessaram, depois de terem contaminado um certo número de «nativos». O que emocionou muito a Austrália. A sua memória, porém, é curta. É sem dúvida por isso que subvenciona, através dos seus sindicatos, o movimento independentista canaca na Nova Caledónia.

A Nova Zelândia faz, decerto, eco às queixas da Austrália sobre Muroroa e dá, para mais, às empresas de Greenpeace contra os nossos ensaios, um apoio logístico considerável. É certo que em 1983 a Nova Zelândia quase esteve de boa-fé. Ela permitiu que o professor Atkinson, director do laboratório das radiações da Nova Zelândia, fosse a Muroroa e retirasse, com outros cientistas, amostras de ar, de água e de solo. Resultados bastante desencorajadores: foram todos negativos.

A Nova Zelândia jurou que não insistiria. E respondeu negativamente a um convite de François Mitterrand para repetir visita e amostras. A Austrália também. Tanto um como outro podem pois continuar a acusar a França de contaminar o oceano, visto que recusam examinar as provas da sua inocência. Atinjam-se aqui os cumes da mais nauseante hipocrisia.

Quanto à Greenpeace, depois de ter confessado que cometeu um erro monumental perseguindo os caçadores de bebés-foca, cometeu outro ao querer ignorar as análises negativas de Muroroa e fazendo tudo para entrar e desacreditar os nossos ensaios, como se a França fosse no mundo e em particular neste canto do mundo a única potência que leva a efeito experiências atómicas.

Foi decerto um erro fazer naufragar um barco da Greenpeace. O acontecimento mostrou que estes cruzados dos tempos modernos dispõem de fundos enormes (de que origem?) para comprar ou alugar todos os barcos que quiserem. Mas seria imprudente por parte dos políticos franceses pôr e voltar a pôr este assunto constantemente em causa com fins editorialistas. A urna esconde-lhes o bem do país.

Quem não vê que eles fazem assim o jogo das potências que acalentam o sonho de nos expulsar do Pacífico para recolher a nossa herança? Não creio que seja esse o nosso interesse, nem, de resto, dos nossos «nativos», a quem, no nosso pior passado colonialista nunca tratámos tão mal como os australianos trataram os seus. Em especial na Tasmânia onde, entre massacres e doenças, nenhum restou.

Nem todos se podem proclamar professores de moral.



A Imprensa francesa e o caso Greenpeace: quando a mentira de Estado lava mais branco

# Um amor do século XIX

Françoise Sagan

*"Gostaria mais de ser amiga de Sand do que de Musset. Quando se tem amigos, é mais fácil consolar do que censurar"*

1833-1835; George Sand e Alfred de Musset escrevem-se, depois da sua ruptura em Veneza. Françoise Sagan releu e prefaciou as suas cartas. Segue-se um amplo trecho do seu texto.

(...) Mas Sand, mas Musset, cujas cartas vamos hoje ler? Que recordação clássica nos fica? Uma mulher um pouco forte, um pouco **bas bleu** que em Paris se vestia de homem, fumava charuto e era excêntrica, e que no campo voltava a ser a boa senhora de Nohant: croquis já um pouco paradoxal, temos que o reconhecer. Musset? Um jovem poeta batalhador, tísico e alcoólico que teve uma história passionnal com a dita George Sand, e que ela enganou horivelmente em Veneza, onde viviam juntos, com um tal Pagello, médico mais ou menos suspeito mas com quem essa erudita amazona o ridicularizou durante muito tempo.

Não estou a exagerar muito. Todo o estudante francês que tinha ouvido e lido com atenção as palavras dos professores e as digressões do seu manual de literatura, guarda uma recordação cómica-horrorizada do trio de Veneza: o infernal trio, a infernal viagem, a infernal Veneza! Em todo o caso, se bem me lembro, essa história não perturbava as nossas imaginações: George Sand, essa mulher que incendiava os sentidos e os corações quando estava na cidade, e que se dedicava a trabalhos agrícolas quando estava no campo, comportou-se como era de esperar nessa velha cidade de Veneza que, na verdade, nada tem de campestre. Quanto a esse pobre Musset, teve a pouca sorte de estar ali durante uma das suas fases incendiárias, só isso!

De resto, confundíamos um pouco a silhueta de Musset com a de Chopin: atribuíamos a ambas a mesma palidez romântica, a mesma tosse, a mesma magreza, o mesmo lado de criança de colo choramingas e talentoso de que parecia gostar essa mulher rude (de quem suportamos com grande dificuldade *la Petite Fadette* e *la Mare au Diable*, perguntando uma vez mais à leitura dos nossos livros de estudo o que pudera chocar os leitores da época nessas duas pequenas novelas que estão entre as mais ajuizadas e aborrecidas...). E, finalmente, essa ligação cinica com um belo italiano, perante um poeta meio morto agradava ao cinismo próprio da nossa idade: George Sand tornava-se quase uma heroína de série B americana.

Para explicar essa imagem primária e injusta presente nos nossos espíritos, deve dizer-se que, na época de Sand não havia o menor media para seguir as peripécias amorosas dos nossos

escritores. Claro que na nossa época o *Paris-Match*, o *VSD* e talvez outros jornais estrangeiros teriam seguido os dois apaixonados, teriam fotografado com teleobjectiva grandes planos das suas disputas e, um belo dia, um **paparazzo** qualquer, habilmente mascarado de gendarme teria apresentado a todo o Paris, talvez ao mundo inteiro, o perfil mais ou menos mole daquele médico encantador. E talvez isso tivesse provocado um belo escândalo que os senhores académicos das nossas várias academias e os senhores cronistas dos nossos vários jornais nos teriam dado até à saciedade. Sand teria entrado triunfalmente em Paris e teria aí feito uma declaração gritante, muito aplaudida por senhoras feministas ou profundamente enganadas consigo próprias. Quanto a Musset ter-se-ia escondido algum tempo em Saint-Tropez com qualquer jovem, bela e dócil cover-girl para que lhe perdoassem o ter sido tão enganado! Quanto a Pagello, esse teria recebido uma bonita soma pelas suas Memórias: talvez em França, dada por um *Express* ainda um pouco mais libertino do que é, ou talvez, e pela mesma razão, nos Estados Unidos, por *Vanity Fair*!... Mas que pena! Que pena! Na altura não havia, ou poucos eram os valentes repórteres capazes de seguir os apaixonados, de fotografar, contra a vontade deles a sua vida mais íntima e de contar sobre os seus amores, os detalhes mais extravagantes e menos interessantes.

**Uma época em que o sentimento era rei**

Falta a Sand, Musset e tantos outros, esses valentes cronistas de que, graças a Deus, dispomos, para grande alegria dos leitores. Ah! — pensava eu anteontem — se aos trinta e dois

anos eu tivesse, como George Sand, tomado o caminho de Cap Cod com o belo Jean-Marie Le Clézio, para voltar, deixando-o de cama com beriberi, pelo braço, por exemplo, do doutor Barnard (já que sonhamos, sonhemos coisas agradáveis!...) ah! pensava eu, que barulho que isso faria! Barulho, alguns scopos, algumas fotos inesquecíveis e o meu nome, mais tarde, nos livros de estudo (admitindo que um dia, por milagre, ele entre nesses livros e chegue assim aos nossos pobres filhos, se antes disso eles não forem atomizados), o meu nome teria sido pois, também, enlameado.

E, no entanto, no meu caso, não sei o que se teria passado mas posso desde já afirmar que o leitor o verá lendo hoje as cartas desses dois amantes terríveis. Sand não merecia essa vergonha nem ele essa compaixão: a sua história foi naturalmente, e como sempre, muito diferente da que nos propõe a História, com o seu famoso «H-maisculó».

E visto que foi a própria Sand quem as guardou e as confiou a um amigo para que fossem pu-



Alfred de Musset

blicadas depois da sua morte, e da sua imagem limpa — porque Sand também devia sonhar com a glória, e mais ainda do que Musset... — visto que foi ela que o permitiu, vamos lê-las.

Mas antes de ler estas cartas temos que pensar bem nos heróis, os dois autores das cartas,



Georges Sand

a sua vida passada, a sua vida presente, a sua época. Claro que é impossível resumir tão depressa uma época tão rica, tão lírica e tão romântica. Mas digamos simplesmente, muito depressa, que era uma época em que o sentimento era rei. Cada um, cada uma tinha sentimentos

e falava deles com liberdade, com efusão e, claro está, muitas vezes com grandiloquência. Isto não quer dizer que todos contassem os factos da sua própria vida a um magnetofone ou a um «nègre» encarregado de tirar daí um desses livros quase sempre muito chatos e sempre levemente impudicos! Não, as pessoas escreviam, pelo contrário, sobre si próprias, os sentimentos que os factos lhes inspiravam, os acontecimentos da sua vida, e procuravam sobre tudo o impulso, a música, tentavam pôr a sua emoção escurecida pelas velas e que escondiam cuidadosamente em gavetas ou liam em voz baixa aos seus melhores amigos. Escrever era um acto sagrado, ser impresso era um ideal inacessível, e a literatura era considerada uma arte, uma arte reservada aos escritores. Época, como se vê, das mais retardatárias, mas na qual floresciam, em todo o caso, alguns belos talentos tão evidentes e diversos como Stendhal, Flaubert, Hugo e tantos outros.

Em 1832, George Sand publicara *Indiana*, que fizera escândalo, porque ela falava da sua vida como mulher, mulher pensante, novo objecto que desconcertava os homens, e Musset, esse escrevera *Namouna* na língua que era a sua e cuja beleza desconcertava ou encantava, tanto as mulheres como os homens. Ele tinha vinte e dois anos, ela mais seis, e, estranhamente, a vantagem era de George Sand. Na época, a juventude não era uma virtude: era uma idade ignorante, agitada e aborrecida, e que era preciso ultrapassar o mais depressa possível. Em todo o caso Musset agradou a Sand. Agradou-lhe porque era belo, porque era sedutor, porque era jovem e entusiasta, assim como ela lhe agradara a ele porque era im-



Françoise Sagan

Continuação da pág. 22

pulsiva e boa, porque tinha uma coluna vertebral que ele ainda não possuía, e porque tinha algo de muito quente que transparecia na sua aparência de seriedade e dignidade.

Como se verá Sand não tinha mais a ver com a amazona excêntrica da cidade do que com a camponesa atarracada do campo. Era humana, irônica, graciosa, às vezes talvez um pouco escolar, mas era uma verdadeira mulher com um verdadeiro coração, verdadeiras fraquezas e verdadeiros abandonos; enquanto que ele já era um homem feito. Na medida em que os seus apetites, os seus sentimentos e as suas ambições já estavam confundidos, misturados, indistinguíveis. Ele já era essa espécie de estranho magma, nem sempre sedutor, a que se chama um homem de letras, mas a época estava cheia deles. Ao passo que Sand, em Paris ou fora dele, em todas as latitudes, era uma das primeiras mulheres de letras; e ela ainda tinha toda a falta de vontade, toda a infância dessa nova espécie que nascera ao mesmo tempo que ela, ainda titubeante com uma liberdade que exigia mais do que obtinha e de que só os homens, os seus homens, pensava, podiam compreender a necessidade. Musset portanto, o jovem e instável, o poético e poeta Musset. Ambos pareciam formar um novo casal, o novo casal, em que a mulher teria as rédeas, a força, a direcção, e em que o homem seria o objecto, a submissão, a fraqueza. Mas eles já eram, e contra vontade, e apesar de tudo o que se podia dizer, já eram e ainda e principalmente, o outro casal, o casal imutável, o casal mais velho e mais clássico do mundo.

Havia ele que queria tomar o que ela queria dar-lhe ele que queria guardar o que ela já lhe abandonara: havia ele que se emprestava e ela que se perdia. Ele era o caçador e ela a presa, mais nada. E mesmo que ele lhe chamasse George, meu rapaziinho, meu amiguinho, e que enjoasse nos barcos enquanto ela se ria fumando charutos, e que ele se sentasse e se deitasse com mais vontade do que ela, e tivesse caprichos e nervos de mulher, nada disso impedia que fosse ele o predador e ela a vítima; como muitas vezes, como tantas vezes: como sempre em todos os idílios vividos por mulheres e escritos por homens.

Musset não era, creio eu, mais sensível a essa nova mulher dotada, inteligente, a essa nova raça, a essa nova espécie de ser sensível com quem podia partilhar a sua vida e os seus pensamentos. Musset não era mais «feminista» neste sentido, no sentido nobre da palavra, do que os ferozes «dandys» do boulevard des Italiens. Não era mais sensível, era simplesmente mais inteligente, mais irônico, tinha mais humor, devia sentir uma espécie de prazer divertido, talvez perverso, ao mesmo tempo que um encanto infantil, em se sentir amparado por essa mulher de ombros largos e maternais, em deitar, aparentemente, fora as armas e em ficar desnudo perante o seu olhar imperioso e os seus negros cabelos.

Ele devia achar graça a ser aparentemente conduzido por alguém cujo coração tinha nas mãos. Era derrota permitir-lhe acusar a idade dos seus jovens deboches, dos seus vícios. Deixava que todos os seus defeitos, como outros tantos álbis, dessem resposta à sua conduta, o que já era, em todo o caso, o máximo do cinismo, e se ele admitia, suspirando, que a igualdade de George existia, dava a entender que ela era muito severa, quase tanto como os seus defeitos, que esses eram divertidos.

Como se vê não havia grande diferença dos séculos precedentes, nem mesmo do que se seguiria. Não que se trate de sublinhar aqui em George Sand, uma dessas mulheres feministas que ela, ao fim e ao cabo nunca foi, nem mesmo tentou ser. Mas é bem certo que a tentativa desse casal de rapazinhos — esse casal de iguais, esse casal equilibrado — homem/mulher — mulher/homem — é bem certo que a tentativa desse casal também foi uma série de enganos, apesar de duas inteligências muito atentas e de duas personalidades por vez iguais em força, em nome e em prestígio, mesmo em talento.

Porque ambos tinham uma paixão comum, uma grande paixão mas que, ao que parece, dava certa vantagem a George Sand: a literatura. Ela era sua aliada, quando é, tantas vezes, a inimiga fugitiva e demoníaca do poeta. Talvez porque ele não a seguia muitas vezes, ao passo que ela lhe consagrava, acontecesse o que acontecesse, três horas dos seus dias, de todos os dias da sua vida. Talvez também porque a literatura estava um pouco cansada de só ouvir desde sempre, no vozear da História, grossas vozes roucas e masculinas, e lhe apetecia um tom mais desatento ou mais fútil ou mais desprendido ou sincero. E talvez fosse essa, na verdade, a força de Sand, essa sinceridade que a punha bem no alto, nas suas obras, e no inferno, na sua vida profissional.

Mas não nos enganemos: eu gosto mil vezes mais de Musset do que de Sand. Na sua obra, na sua pessoa e na sua personalidade. Gosto mil vezes mais do versátil, do inquieto, do louco, do desordenado, do alcoólico, do excessivo, do colérico, do infantil, do desesperado Musset, do que da sensata, da industriosa, da boa, da calorosa, da generosa e aplicada Sand.

Eu dava todas as obras dela por uma só peça dele. Há algo em Musset, uma graça, um desespero, uma facilidade, um impulso e uma gratuidade que sempre me fascinarão mil vezes mais do que toda a inteligência e a razão e a calma poesia de Sand.

O que não quer dizer que, ao ler as suas cartas eu não tivesse preferido, devo confessar, ser amiga de Sand do que de Musset. Quando se tem amigos é mais fácil consolar do que censurar, e quando chegasse o momento de consolar Musset eu teria dificuldade em saber de que consolá-lo mas nenhuma em saber de que acusá-lo. Ela, pelo contrário, sofria de amor, sofria de amizade, sofria de es-



tima, sofria de tudo aquilo que eu amo e admiro, ao passo que ele sofria de tudo o que eu receio e desprezo, mas que, às vezes, sinto.

E o leitor destas cartas também se sentiria inclinado para um ou para outro. É, no entanto, preciso tê-las, creio, como se vive, finalmente, sem pensar em julgar quem quer que seja (...).

Estes dois amantes decidiram deixar-se, largar o seu amor, não sem dificuldade, porque ainda se sentem presos um ao outro, têm recordações ácidas e dolorosas e difíceis que ainda lhe apertam a memória e o coração. Decidiram continuar amigos, já que se estimam. Há pois uma mulher que tenta na verdade essa experiência e que, quando ele parte, fica com outro companheiro a quem não ama mas de quem gosta, e que a ajuda e que, esse, a ama. E depois há o homem que se vai embora com um grande ar de desencantamento e mesmo com esse ar, como dizer, imperceptível sob os remorsos, esse ar de generosidade e de grandeza que faz com que se pareça furiosamente com o poeta traído dos livros de escola que lemos. E depois há, a pouco e pouco, esse homem que se aborrece e não encontra em Paris ninguém para o divertir ou para o distrair, como o fazia essa mulher que tinha todos os prestígios da inteligência e da sensibilidade, e os do amor que tinha por ele. Esse homem está em Paris e não deve haver muita gente em Paris. Está um pouco só e aborrece-se. Como sempre que se aborrece, não tem coragem de solettrar verdadeiramente aborrecimento, a palavra **aborrecimento (ennui)** que tem um

e, 2 n, um u e um ponto. O aborrecimento de si próprio, o aborrecimento que se inspira ou que a vida lhe inspira, chama-lhe ele saudades dela, porque ela é a mais próxima, a mais verosímil, a mais prestigiosa.

Então cai, decide cair, deixar-se ir. Insiste em se apaixonar de novo por Sand. E, a pouco e pouco, as suas cartas mudam, e, quanto mais cartas lhe escreve mais este homem que, no entanto, ao longo da viagem, tanto brutalizara Sand, lhe censurara a sua frieza na cama, a enganara com todas as prostitutas de Veneza, ridicularizara fria e clinicamente as suas relações carnavais, este homem dá deliberadamente na sua conversa, nas suas cartas, um ar sensual a saudades muito precisas. E como tem talento e como tem coração e todas as aparências do coração mesmo que este só bata por si, consegue tocá-la, comovê-la.

E ele escreve-lhe um dia uma soberba carta de amor, talvez de todas a única completamente moderna e que nos põe os cabelos em pé quando a lemos, porque ela é terrível, terrível como a paixão. Simplesmente, também é terrível quando a lemos depois da última carta de Musset. E então pensamos: não é possível, que se terá passado entre esta carta que caía como um raio e que deixava esse amante nu, a tremer sob a chuva, as saudades e o desejo, que o deixava de mãos nuas e olhar nu, que o deixava de braços abertos, disposto a tudo, disposto a dar-se enfim a alguém, que se terá passado entre esta carta e a última, tão próxima, em que faz comentários sarcásticos sobre si mesmo, em que inventa remorsos, em que

representa uma comédia furiosa só para a enganar e para a abandonar para sempre, agora que a reconquistou e ela sofre de novo por sua causa?

É que Musset, como muitos artistas, nem sequer é um jovem, e sim, uma criança, e uma criança a quem não devem tirar os brinquedos. Um médico veneziano quase o fez, um jovem médico italiano quase o conseguiu.

Pois bem, como acaba por dizer numa das suas cartas, pois bem, ele, Musset, vai provar-lhe que não lhe tiram assim os seus brinquedos. E mesmo que tenha na verdade sofrido quando escreveu essa carta, essa famosa e soberba carta, sua famosa e soberba carta, não sofreu demasiado tempo.

Porque ela cedeu ao receber esse grito de amor com que ele lhe lembrava enfim o que ela nunca esquecera completamente, que era ele a quem amava e que o outro, era o aborrecimento. Ele fez-lhe então falsas perguntas, mostrou falsas desconfianças, falsas complicações, fez-lhe falsas censuras. Ela não tem diosheo, os seus filhos são odiados, tudo corre mal, não a deixa respirar um segundo. Não a deixa mesmo trabalhar e este «mesmo» é terrível para ela.

Aparentemente Sand perdeu tudo porque no fim é ele quem parte visto ser ele o primeiro a confessar que a vida de ambos não é possível (mesmo tendo-lhe suplicado que destruísse o coração de outro homem). No entanto, embora seja ele quem parte, depois de, pela segunda vez ter destruído o terreno, e deixado uma terra nua e queimada, como um Átila sentimental, no entanto é ela quem tem a última palavra. Porque ela re-

cupera, creio que na ante-penúltima carta, o que fez a força, o seu encanto, e, subitamente, o lado tão moderno deste livro: a sua ironia! Ah, a terrível ironia dessa carta que os leitores vão ler, imagino, com a mesma estupefacção e o mesmo prático evidente que eu! Sim. Sim, e que nasce enfim, pela primeira vez, essa famosa mulher moderna, essa famosa mulher livre, essa famosa mulher indomada, de que tanto nos falamos de que a própria Sand fala com demasiado ênfase e insistentemente verdade. Essa famosa mulher está ali, nessa pequena carta, aconselhando tranquilamente a Musset que se acalme.

A ironia, o humor, tudo o que se julgava armas reservadas ao mundo masculino, a ironia, a graça estão ali nela, na sua resposta a uma carta tão moníaca e furiosa que se torna ridícula, de Alfred de Mus-

set. É ali e só ali que ela é clara que ela ganha porque ela que ama e se deixa amar. Claro, e na altura e ainda se diz claro que é o amor que é a indiferença que não por terra.

### As vitórias demasiadamente duras

É possível, mas certas rotas dão lugar a vitórias demasiadamente duras, e a dor e o rejeitado nunca mais receio, devo dizê-lo, das embriagadoras. Não, o **salva** Sand é essa carta, e tenhamos calma... Tenhamos calma! Tenhamos calma! que estamos nós a jogar? fizemos todos estes meses este papel azul e branco, corria de Veneza para Paris e de Paris para Veneza, este papel que fez com que nos encontrássemos, que fez encontrarmos-se o teu corpo e o meu, tua boca e a minha, os teus cabelos e os meus como tu tanto querias, estas palavras que de novo os soltam e os separam? Todo este papel! Todo este papel! Vamos viver com o papel toda a nossa vida? Tu, sim, Alfred, tu nasceste para isso, eu não, sou uma mulher.

E aí, bruscamente, a palavra mulher torna-se aquilo que devia ser, o nome de uma coisa redonda parecida com a Terra e que se chama Terra, que se chamava «Gee» para os gregos, e que é redonda e que rola, rola, e ri e está disposta a apertar tudo e a levar tudo consigo. Mas também a derrubar tudo, a deixar derrubar tudo, no silêncio e no nada do esquecimento. Porque Sand esquecerá Musset, Sand amará o no-pin. E Musset, quem amará ele depois dela, que mulher, que amigo, quem?

É uma pergunta a que ele não pôde responder e à qual, em todo o caso, a própria História não inventou nenhuma resposta.

\* La correspondance entre Sand et Musset, de 1833 à 1835 va ser reeditada pela editora Hermann, com o título: Sand et Musset, Lettres d'amour présentées par Françoise Sagan.

# Viagem

Rui Eduardo Paes

Fotos Francisco Paraíso

É no regresso, e não na partida, que a alteridade se faz sentir. A grande diferença que um outro lugar evidentemente tem em relação ao que se deixou nunca chega a ser, apesar do mais, contraditória; está-se como visitante, não se perde a geografia anterior. Quando se volta à origem é que se percebe completamente o que ficou transformado, e isso dá-nos angústia. Os dias são mais frescos, escurece mais cedo do que se previa, sente-se então nos ritmos do corpo, e finalmente, o corte que se deu à rotina ao começar a viagem.

O comboio, nota quem se sentar à frente, segue por duas linhas que vão convergir adiante, numa mancha; é um fenómeno contrário a dispersão das apreensões que vai acontecer — sem referências locais e de momento, ou quaisquer termos comparativos que logo organizem o conhecimento do novo lugar, tudo é muito superficial e indistinto: não há histórias ainda que se colem às paredes das casas e nos façam ver mais do que aquilo que reside na aparência mais imediata.

De passagem, nada nos é absolutamente evidente, nem mesmo a noção de que aquele sítio está solidamente longe de onde se veio — carregamos todo o dia de ontem, mais os seus gestos repetidos e inconscientes e o seu universo inerte. Só depois de algum tempo de visita-se repara existirem novos hábitos em nós: impregna-nos já o local do que o caracteriza. No entanto, informa-nos o inconsciente da efemeridade da nossa presença, relativizando-nos até ao mal-estar as adequações iniciadas. Só depois se pode compor os sentidos das coisas entrevistas, ouvidas, sentidas, e até adivinhadas.

Daí a perplexidade do retorno: o nosso próprio mundo perde o seu real, a sua concretude; parece-nos mais estranho até do que as regiões atravessadas. Reencontra-se o que se tinha deixado e o que éramos antes da partida como se entre nós e aquilo que é nosso e nos prolonga estivesse uma distância incompreensível. Mas não é bem de distância que se trata, antes de tempo: é principalmente nele que viajamos e por isso o regresso é um recuo.

As coisas foram-se alterando sem nós. Aqui, tínhamo-nos transformado conjuntamente com tudo o que se transforma, num processo tão natural que não causaria atenção ou consciência efectiva: a tonalidade da luz parece-nos assim falsa, estranha a humidade da brisa ou a roupa extra que já é preciso vestir, desconcertante a hora que tem de se atrasar no relógio. E mesmo por se voltar ao passado é que assusta perceber que o Verão acaba e o Outono começa, que «isto» continua, indiferentemente, um rumo de ciclos e fases em direcção a ninguém, sabe bem o quê: restituímo-nos a um passado diferente, quase absurdo, quase ilusório.

Ficámos do lado de fora da vida, nós que fomos procurar a sua palpitância onde a anestesia do quotidiano não a disfarçasse.

Assim se descobre melhor, que, viver é um acto assombroso; como motociclistas recebemos súbitas lufadas de oxigénio e já não podemos respirar. Quero dizer: a vida, no seu esplendor, não está onde a procuramos, mas sim onde não é esperada. Viajamos pelo que encontraremos na volta, sem saber.

## Praças e ruas direitas

Em várias das cidades do nosso litoral e do interior, logo à saída das estações de caminho-de-ferro ou nos terminos das carreiras de camionetas, uma seta aponta — «Turismo».

Leva-nos à parte mais privilegiada da cidade, onde estão os edifícios históricos, o principal comércio, os restaurantes e os cafés, circundando estrategicamente o empedrado de uma praça ou dispendo-se ao longo de uma rua só para peões. Ai os visitantes encontram as esplanadas, os jornais estrangeiros, os câmbios.

Praças e ruas direitas que são comuns a muitas outras de países europeus, sempre com a mesma feição estilizada. A uniformidade destas zonas evita que o turista encontre demasiadas particularidades não apreensíveis por si à primeira vista, já que as que seguem repetem-na no gosto do que apenas aparenta, sendo simples: o estrangeiro viajante espera sempre o mesmo noutro lugar, motiva-se não pela curiosidade mas pela ociosidade desproblematizada; está nisso uma concepção do descanso fácil, passivo, uma concepção de férias internacionais assepsizada de dados etnológicos.

A velha igreja, o monumento, a casa bem antiga, o fontanário, jogando arquitectonicamente com a moderna crois-santeria e a sofisticada loja de modas, ficam revestidos de uma outra significação, de leitura necessariamente «kitsch». Não está ali a História, mas o seu espectáculo encenado, a banalização para consumo turístico,



Portugal caindo para o mar, condicionalismo dos olhares

rápido, não envolvente.

O «kitsch» agrada, claro, ele é a subtilização das coisas, ou o que lhes tira a seriedade, o conteúdo. Dessas praças e ruas direitas facilmente se guarda o tom de brancura que têm o chão e as paredes, mesmo que outras cores existam — a leveza, essa, é sempre branca na memória. Um branco sujo, que mostra acidental o que é intencionado.

A mim, porém, salta-me sempre o artifício à vista: acontecendo isso o «kitsch» desfaz-se, inevitavelmente, porque lhe é condição ser um artifício naturalizado; o meio, quando exposto, neutraliza o efeito. Podem ser os projectores incidindo sobre uma igreja secular, ou os guarda-sóis num pátio de castelo — ambiguidade insolvente, mas que para outros olhos poderá (é essa a ideia) representar a participação de uma realidade noutra, desinvestindo-as de especialidades próprias.

O «kitsch» implica uma mentalidade sintética, que junte e congrege; a minha, porém, é dispersiva em demasia, divide e espalha, discrimina. Pertencemos mais à raça dos que imaginam o «kitsch» do que à dos que o consomem. Gosto tanto mais dele quanto mais desmontável e remontável for o seu todo e a sua lógica.

## Olhares

Nos largos de província alguns dos habitantes deixam-se ficar sentados pelos bancos, nos fins de tarde e aos domingos de manhã, observando os viajantes que passam. São olhares difíceis de perceber, dizem e calam coisas num mesmo instante.

Não é só o espanto, ou a mofa, dirigidos à estranheza dos jovens turistas de brinco na orelha ou de rabo de cavalo. Curioso é eu muito poucas vezes ter reparado neles comentários a dois ou em grupo sobre a mais

insólita vestimenta, segundo os valores locais. É em silêncio que observam, e as reacções são quase sempre pessoais, meditadas. A propósito disso mesmo contou-me um amigo de ocasião sua ao passar por uma localidade perto de Braga. «La com uma mala a tiracolo e reparei que estava a ser olhado por um grupo de tipos. À frente havia uma tasca, eles tinham prolongado a reunião para o ar livre, justamente, deparei eu, para observarem gente que aparece de fora. Vi logo que era por causa da sacola, gozavam, mas não me diziam nada. Foi por intermédio de uma miudinha que soube da opinião deles de que só mulheres levam mala. O juízo era deles, mas não a voz. Felizmente que os emigrantes estão agora a mudar estas mentalidades, com o que viram lá fora.»

Não é só este tipo de olhar, dizia. Outro foi o daquele rapaz numa vila do interior que se colocou em lugar melhor para ver à transparência os seios de uma francesa que enchia o depósito do carro; diferente também o do vendedor de bolos de amêndoa das praias do Algarve, já familiarizado com a nudez veraneante mas continuando o sarcasmo. Em qualquer das atitudes, abaixo das diferenças há uma mesma interrogação face a outras maneiras de estar: não é esse um olhar que deseja encontrar-se, comunicar, é antes o de quem custa a abarcar a imensidão do mundo e a variedade dos costumes e dos homens.

Esses olhos perdem-se, vêm de muito fundo e não sabem onde se fixar, onde achar o alvo, num espaço que apagou o centro, num pensar que abandona a certeza. «Só as mulheres usam isso» não é mesquinhez, é desespero de causa, choque, medo profundo de se diluir toda a estrutura cultural, de se perder o tempo, alicerçado nos que esti-

veram antes.

Na megapoli já não olhamos, todos os mundos se cruzam, intensamente, e até nos é possível e fácil mudar os modos e os movimentos, temos a interioridade puxada para o exterior.

## O fim do rural

O Minho e as Beiras desfiguram-se: entre as vinhas, os campos de semeio e de pasto e os vulgares edifícios rurais, com a sua eterna e própria ruína, multiplicam-se delirantemente as vivendas construídas por emigrantes bem sucedidos que pelo Verão cá vêm ou já regressaram definitivamente.

A arquitectura estas casas, construídas como uma manifestação de vitória, espanta o cidadão: misturam-se vários tipos de habitação, desde o que se toma como luxo até ao típico de determinada região europeia, dando num resultado de incongruente hibridismo, com acabamentos perfeitamente «kitsch» ou do mais pobre mau gosto. São clandestinas, não existe uma rede geral de esgotos, de electricidade e canalização. É o mais recente novo-riquismo português, o burguesismo provinciano. No jardim crescem couves, mantêm-se vides, guardam-se porcos.

Assim está a avançar a urbanização pelo Norte agrícola, modificando a paisagem tradicional e anunciando o fim do rural nos aspectos com que o temos conhecido. Sem uma verdadeira industrialização, e um ordenamento, o interior norte está a ser inscrito pela mediocridade autocongratuada, a forma de mediocridade menos demovível que acontece porque a mais iludida em pretensas virtudes.

O condicionalismo existencial que levou à emigração e se desejaria esquecido, revela-se, no entanto, na própria ostenta-

ção de riqueza. A vivenda é um cenário preparado para a teatralização do sucesso. Não há, na realidade, efectiva assunção do novo estatuto, este serve sobretudo a aparência: o retrato de quem mora nestas casas enquadra pois a caracterização da vaidade. Ora, como se sabe, a vaidade apenas significa uma impotência cultural — a de não se ser o que se tem, o que se adquire sem simultânea formação mental. Estranho realmente que alguém demonstre o seu fundo precisamente quando o disfarça: pode ser essa uma definição de ingenuidade social.

Guardo do emigrante regressado e abastado esta imagem, a de um homem com cara de camponês, barba de dias, barriga, unhas sujas e dentes amarelados, mas vestido com um impecável fato azul, botões de ouro nos punhos da camisa. Volvo novo; um investidor precipitado, comprador de produtos inúteis, um homem que encomenda no estrangeiro uma fantástica aparelhagem de alta fidelidade para ouvir Marco Paulo e José Cid, que oferece jantaras aos amigos mas cobra altos juros ao que empresta. O tipo de pessoa imbecilmente feliz.

## Cartas de amor

A ruralidade, hoje, é praticamente só cultural, como sabemos ao contactar a gente do campo. É paradigma bem distinto por exemplo nos comportamentos amorosos; a nós, metropolitano, parecem-nos datados, atrasados no tempo, mas é porque aqui já foi assim, comportámo-nos desse modo na juventude, contam-nos os nossos pais e avós. A grande cidade vieram ter os ambiciosos da província; a segunda, a terceira, até a quarta geração foram marcadas culturalmente pelas diversas origens rurais. Se nos

Continua na pág. 25

# De passagem nada nos é absolutamente evidente, o inconsciente informa-nos da efemeridade da nossa presença num mal-estar de superfícies

Continuação da pág. 24

soltámos das referências, elas ainda estão no fundo, arquétipos remotos de que nos liberámos mas não podemos destruir. No campo o paradigma ficou vivo, mal o reconhecemos na sua integralidade, como nesta carta de amor endereçada a uma amiga minha, urbana mas agora vivendo e trabalhando numa quinta, escrita por um campônês:

— «Menina Rosa tal como o nascer do sol quando esta tua aldeia por cima da terra numa manhã de Verão e um momento inesquecível que nos põe na alma uma infinita serenidade espero que esta carta te encontre a ti e à tua família num desses momentos desejando-te igualmente uma perfeita e feliz saúde.

«Menina Rosa olha eu para principiar esta carta quero lhe dizer se você não tem namorado e se não se emporta de tumar namoro com migo porque disseram-me que você que não tinha mosso e eu estou apaixonado por arranjar uma rapariga, e se não se enportar de tomar namoro com sigo eu ia ter com sigo no Domingo á tarde.

«Menina Rosa eu peso-lhe desculpa por o meu atrevimento de lhe escrever esta carta mas eu gostaria de a conhecer. Rosa eu não tenho tempo para andar a passear porque eu estava a pensar em ir estar com sigo no sábado á tarde mas não tenho tempo. Rosa olha avias de me mandar uma resposta antes de sábado que era para eu saber Rosa agora passo aterminar e a minha direcção vai dentro olha não te xateies por eu te escrever Rosa eu no Domingo estou á beira da tua casa pelas quinze e trinta quando tu vires uma motorizada V5 azul sou eu mas vai um meu primo levar-me. Rosa não me ponhas á seca e sobre aquilo que eu te pesso não tenhas problemas por seres da lavou-ra que eu também sou.»

Escreveu ele que estava «apaixonado por arranjar uma rapariga» — aspirava, primeiro que tudo, a uma mulher, à Mulher, ao amor pela mulher. Quem leu Alberoni lembrar-se-á da sua afirmação de que o enamoramento por alguém vem depois da vontade de se enamorar. Pareceu estranha, mas veja-se na mentalidade camponesa a partida de um abstracto para se chegar ao concreto de uma pessoa dada, a Rosa.

Este é ainda um amor plenamente funcional, um factor de socialização: por ele se assenta economicamente, se inicia a idade adulta. A funcionalidade do amor rural pontifica na constituição da fundamental célula produtiva e consumidora, a família: no mundo agrário um homem sem família é um marginal. Percebe-se então o projecto dos jovens homens e mulheres do campo de terem cinco, dez filhos. É nestas regiões que o padre alerta contra a decadência da família.

Na cidade, o grupo familiar continua a ser a instituição so-

cietal de base, juridicamente regularizada, e se a família tradicional estoir, se surgem novas formas familiares, é devido à nossa distanciação da ruralidade original.

## Religiosidades

Em Viana do Castelo, cidade de muitas igrejas (dizem-me, não obstante, não estar actualmente muito generalizada a devoção), impressionam ao viajante características de duas capelas, uma que se encontra na Ribeira, onde moram os pescadores, outra próximo do centro, dedicada a S. Pedro.

No fundo do altar da capela dos pescadores está uma pintura figurando um cavaleiro de espada em riste, rodeado por corpos tombados. Ladeando os bancos, um barco escavado em madeira. A imagem para a qual se voltam os fiéis contém uma violência que nunca me tinha sido dada a ver num local de oração em qualquer outra parte do País. Incomoda por aquilo que quer exprimir, o espírito de Cruzada transposto para a vida dos homens do mar. Está ali contida a vontade, o risco, a morte possível, a força necessária, o impulso de vencer e voltar. O ambiente não é leve, como em grande parte das igrejas e capelas, mas agreste. Compreende-se melhor o pescador permanecendo ali um pouco, vendo as mulheres rezarem pelos seus companheiros e alguns homens encomendando a pesca ou agradecendo a boa ventura. Lá fora, na doca, as traíneiras foram baptizadas com os nomes da religião, «Nossa Senhora dos Remédios», «Salve Maria», «Bom Jesus».

Na capela a S. Pedro, por sua vez, e à semelhança do que sucede um pouco por todo o Norte, o visitante depara com pernas, mãos, seios ou outras partes do corpo moldados em cera, com rude aproximação e substituindo as vulgares velas. Os devotos pedem ali as melhoras ou a cura para a artrite ou o cancro da mama. Para quem não está familiarizado com as particularidades da fé em Portugal percebe-se no momento quão dentro da carne pode entrar a crença e a esperança religiosas, tal é a crueza da representação, sem lugar para o pudor mas no entanto como que sacralizando a mais humana mortalidade.

Mas foi numa estrada do Alentejo que vi algo que me confundiu, pela carga de fugidio paganismo que a visão não pôde deixar de ter, na sua ambiguidade imprevisível e no insólito do gesto: um miúdo voltava o rosto contra o nascer do Sol, fechando os olhos e abrindo os braços em cruz. Tudo de repente, sem dar para perceber mais: ver o instante anterior e o fim da-

quela atitude de um rapazito dos seus oito anos tirar-lhe-ia toda a mágica e eu não mais me lembraria do assunto, transformado apenas numa evocação ingénua de um qualquer ritual índio de cinema, para mais obviamente falseado. Assim, uma estranha mística soltou-se daquelas planícies secas e silenciosas, religiosidade espontânea e misteriosa.

## Da memória

A memória entrega os acontecimentos ao passado e por tal processo pode o passado ser-nos devolvido. No regresso a Casa, ao que ficou, memória e reencontro fazem do passado uma aquisição a rever: lembramo-nos e retomamos a linha rítmica anterior.

Quase parece haver um empastelamento — o imediato memoriado veste-se dos dados anteriores já tornados em categorias de apreensão de novos dados, fazendo a codificação das leituras da realidade circundante: é aquilo de que já se tomou conhecimento que vai permitir conhecer mais.

Só não acontece esse em-

pastelamento porque nos é próprio distinguir os intervalos do tempo: as apreensões de viagem temo-las a quente, sabemos-las moldadas pelas noções já estabelecidas, que assim ou se enriquecem ou se emendam ou dão o seu lugar...

A memória é uma máquina de enraizamento. Mas igualmente de projecção.



As casas são nem mais que as formas dos modos de estar

EU QUERO FA-  
ZER A MINHA CAM-  
PANHA  
PARA A  
PRESI-  
DÊNCIA!



DEPOIS CONVÉM SER  
INDEPENDEN-  
TE! ORA  
EU SOU  
BELENEN-  
SES!



E É PRECISO NÃO  
ESQUECER O ESSENCIAL:  
O PERFIL!  
TODOS  
OS OU-  
TROS CAN-  
DIDATOS JÁ  
ENCONTRARAM  
UM  
PERFIL!



MAS PARECE QUE  
PRIMEIRO É PRECI-  
SO ALU-  
GAR UNS  
PLACARDS  
PUBLICITÁRI-  
OS PARA  
LÁ COLOCAR-  
MOS A  
MINHA  
FOTOGRAFIA!



NADA FEITO!

E DEPOIS  
AINDA TÁ  
PRECISO  
RECO-  
LHER  
ASSI-  
NA-  
TU-  
RAS!



UM PER-  
FIL QUE É IGUAL  
QUER SE VE-  
JA DE  
FRENTE,  
QUER SE  
VEJA DE  
PERFIL!  
E ISSO  
LEVA  
MUITO  
TEMPO  
A CONSEGUIR-SE  
QUANDO SE PODE  
COMER APENAS  
BATATINHAS!



## Três anos para esposa castradora

Uma mulher das ilhas Samoa que cortou o pénis ao marido e o atirou para um caixote do lixo de hospital foi ontem condenada a três anos de cadeia, em Sidney, Austrália.

Vailamila Loisi, de 34 anos, que se confessou culpada das acusações de agressão e de ser a causadora de grave dano físico, cortara o órgão ao marido quando este ameaçou deixá-la — declarou a ré no tribunal de Sidney.

Cirurgiões de Sidney levaram cerca de sete horas a repor o pénis no seu devido lugar, numa operação realizada em Julho, data que ocorreu a agressão.

A vítima, cujo nome não foi divulgado, apareceu mais tarde na televisão australiana, onde afirmou que já tivera oportunidade de testar o órgão reimplatado, numa visita à zona das prostitutas, em Sidney. «E funcionou» — referiu.

Responsável de edição: João Mendes

Correspondência, «Diário de Lisboa»/SetePonto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa

## MENSAGENS PESSOAIS

### Massagens

Máquina eléctrica, para emagrecimento ou problemas de circulação, vendo por 17 contos. Consta de: Base, coluna, motor e cinto vibratório. Tudo em bom estado. Tel. 979022.

### Percussionista

Percussionista, com congas e outros instrumentos de percussão, procura integrar grupo ou indivíduo em qualquer corrente musical. Tel. 2463894.

### Oficina — Artes Plásticas

Pintura, desenho, barro, gravura, tecelagem, carpintaria, fantoches. Um espaço para estar, ler, imaginar, improvisar. Para crianças e jovens a partir dos 6 anos. Tel. 665258.

### Piano alemão

Piano alemão, cordas cruzadas armadas em ferro. Solidez e qualidade. Tel. 554504, noite.

### Curso de inglês

Vendo curso de inglês completamente novo em cassetes das Selecções Reader's Digest «O Inglês de Hoje» preço ao público 4 950\$00, por 3 000\$00, contactar: Tel. 897413 das 19 às 21.

### Mobiliário de quarto Queen-Anne

Completa e em muito bom estado. Vende-se. Tel. 890229.

### Quarto mobilado

Bem situado junto à Avenida do Brasil, alugo a rapariga estudante ou empregada. Dou e agradeço referências. Telef. 890229.

### Quintinha

Quintinha — 1200 m2 — aldeia do Arripiado, frente a Tancos, margem Tejo, junto Castelo Almourol que possui: casa 4 assoalhadas, wc, cozinha, água canalizada quente e fria, electricidade. Horta com poço; oliveiras, pessegueiros, laranjeiras, marmeleiros, nespereira, figueira, limoeiro; preço: apenas — 1500 contos — pela urgência; bom investimento. Tel. 636131 — sábado/domingo.

### Revista «Manchete»

Tenho colecções anos anteriores, perfeito estado. Vendo, desocupar espaço. Metade preço da capa. Telefone manhã/noite: 607415.

### Explicações

Professor licenciado dá lições de matemática, física, electrónica e electrotecnia a qualquer nível do ensino secundário. Trata telefone 539673.

### Animais

Unamo-nos também na defesa dos animais nossos amigos. Seja colaborador/a (sem quotas) da «Obra de Assistência aos Animais». Eles precisam muito de si. Montemuro 2665 Malveira.

### Regulamento:

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.

**Campeonato Europeu de Turismo: 500 quilómetros do Estoril**

# Vitória e título para Brancateli e Lindstrom

**Ao fim de mais de três horas e meia de prova disputada sob um calor intenso, o Autódromo do Estoril voltou a ditar um campeão internacional. Depois de, no ano passado, Niki Lauda ter chegado ao terceiro título na Fórmula 1, em 1985, a dupla Brancateli/Lindstrom tem razões para não esquecer a prova disputada na única pista permanente em Portugal. Não só alcançaram a sua quinta vitória esta época como conseguiram o ceptro de Campeões da Europa de Turismos.**

«A primeira parte da corrida foi difícil, estávamos rodeados de Rover's e tivemos que lutar muito», confiava aos jornalistas, no final da prova, um italiano bem disposto e cansado. A seu lado, cabelo ralo e louro, a contrastar com os caracóis negros e os gestos efusivos do transalpino, um sueco saboreava, a seu modo, a vitória. A dupla Brancateli/Lindstrom era, independentemente do resultado da prova de Salzburig — onde ganharam e foram posteriormente desclassificados —, Campeão da Europa de Turismo. Terminava, assim, para esta equipa e a marca que representam — a Volvo — um ano de odisséia nas pistas da Europa, cumprindo um programa de provas delineado para levar os pilotos até ao título. E, a confirmar os bons resultados do carro sueco, o segundo degrau do pódio era ocupado pela outra dupla da fábrica, os melhores portugueses classificados em sexto lugar também tripulavam um carro sueco, e a grande rival dos carros brancos, a Rover, via-se arredada nas últimas voltas, da honra de subir ao pódio, embora tenha tido direito a bandeira e hino... por erro da organização.

## Luta desde os treinos

O conjunto de treinos livres e cronometrados tinha dado já o mote: Volvo e Rover disputavam palmo a palmo, segundo a segundo, alternando entre os seus pilotos, em especial as duas equipas em corrida para o título, os melhores tempos. E, se a «pole position» era ocupada pelo carro de Brancateli/Lindstrom, nos treinos livres da manhã o Rover de Walkinshaw/Percy obtinha o melhor tempo. Sabendo-se que nestes treinos, os carros correm bem próximo da versão que disputa a prova, o optimismo começou por ser britânico.

As primeiras três linhas da grelha de partida eram, aliás, divididas entre os carros suecos e britânicos, com Brancateli a partir em primeiro, Walkinshaw em segundo, Olofson e Soper — um Volvo e um Rover a partilharem a segunda fila — e Muller e Allan, a serem o papel químico da linha antecedente.

A superioridade dos Volvo e Rover nunca tinha estado em causa, e a surpresa vinha da excelente posição do Ford Sierra XR4Ti da dupla Ludwig/Niedz, seguida pelo carro mais rápido da Schnitzer, o preparador dos BMW, constituída por Ravaglia e Berger.

Nas posições imediatas partiam o Sierra XR4 Ti, tripulado por Reuter e Mário Araújo Cabral, que, assim, era o piloto português melhor classificado, e o Volvo 240 Turbo da primeira dupla nacional, constituída por António Rodrigues e Ferreira da Silva.

Entre os pilotos nacionais vinham a seguir Manuel Fernandes, que conduzia com Dieter Quester, o segundo carro da Schnitzer, Peres e Moutinho, também em BMW, e Rufino Fontes/Sá Nogueira, em Alfa Romeo e, à partida, os quintos classificados da Divisão 2, e os primeiros dos pilotos que tripulavam carros italianos preparados pela Imberti.

## Início sem fleuma britânica

Dada a partida lançada depois da volta de apresentação, o «pace-car» desviou-se, dando passagem ao pelotão. Brancateli impôs-se durante as primeiras voltas a Walkinshaw, seguindo nas posições imediatas os outros carros britânicos e os suecos, tendo como intruso o BMW tripulado por Berger.

Mas, à força da pressão que vinha exercendo sobre o Volvo do italiano, Walkinshaw assume o comando. A passagem da primeira meia hora de prova, o carro número 1 desce à quinta posição, sendo substituído no comando pelo Rover de Soper, seguido por Allam, em carro idêntico. Então, os carros britânicos ditavam leis, situação que se manteve até à 40.ª passagem pela recta da meta.

## Fórmula Ford

### Simões ganha a corrida

O piloto António Simões venceu no sábado a segunda prova do prémio de Fórmula Ford disputada no Autódromo do Estoril.

A prova, com 12 voltas ao circuito, foi comandada desde início por Pêquêpe e António Simões, pilotos que partiram das duas primeiras posições da grelha.

Pêquêpe assumiu o comando logo à largada, liderando durante as cinco primeiras voltas, passou em quinto lugar pela meta à sexta volta e abandonou depois, enquanto o seu companheiro António Simões passou para guia da corrida à sexta volta, para não mais abandonar essa posição.

Na segunda posição ficou Hernando Sobral e na terceira Pedro Leite Faria.

Após a segunda das quatro corridas do prémio da Fórmu-

O Volvo de Brancateli/Lindstrom, afectado, a partir das primeiras voltas, por problemas de pneus, era obrigado a um andamento mais moderado. O início da corrida para a marca sueca não foi feliz. O carro da Magnum Racing, equipa privada mas que obtém resultados ao nível das equipas de fábrica, tinha abandonado, pouco antes da primeira hora de prova, devido a acidente na recta interior do circuito. O Volvo subiu o corrector da pista e semeou a confusão no pelotão, batendo no Alfa-Romeo de Meireles e levando também à desistência, o BMW inscrito pelo checoslovaco Seikel.

No clan da Rover tudo corria bem e Tom Walkinshaw era então o piloto mais rápido na pista, ao fazer 1'50 e 340 centésimos. E enquanto que os carros suecos seguiam espaçados os britânicos, dado o seu maior número («ganhavam», então, por 3-2), corriam quase em pelotão, alternando no comando da prova.

No entanto, à 40.ª volta, com as paragens necessárias para reabastecimentos e trocas de pilotos, Brancateli assume o comando da prova, seguido a segundos por Walkinshaw. Os Rover voltariam ao comando, mas a segunda parte da prova seria-lhes fatal, depois de um início ao ataque, a fazer esquecer as referências sobre a fleuma dos britânicos.

## A derrota pelo fumo azul

Pelo caminho já tinham ficado alguns dos focos de animação da prova, como Pedro Meireles, terceiro da divisão 2, o BMW de Quester/Miguel Fernandes, com problemas irreparáveis no motor, e o Toyota dos alemães Schumacker e Tilke, até então sétimos do Campeonato da Europa e primeiros na divisão 1.

Depois de um início de prova mais rápido um segundo e meio

que todos os outros carros, os Rover com 1 hora e 45 minutos de prova começavam a denotar alguns problemas. E, tal como numa espiral de azar, Walkinshaw vê-se retardado com problemas numa rosca do cubo da roda e o esquema da assistência da equipa é alterado, o que leva a que o carro então tripulado por Hanne tenha trocado de piloto mas não de pneus o que obrigou a uma paragem suplementar. As grandes preocupações começariam, quando, como dando um aviso a toda a equipa, o Rover n.º 12 faz algumas voltas largando um fumo azul. Na box, os mecânicos metem óleo mas cinco minutos depois Joosen pára e desiste; o veredicto da assistência refere uma quebra de pressão de óleo. Cerca de uma hora depois, o carro tripulado pela dupla da marca candidata ao título vê-se arredado dos 500 Quilómetros do Estoril por motivo idêntico.

Também com muito fumo, o Ford Sierra XR4-Ti, tripulado por Mário Araújo Cabral entra na «box» de onde já não volta a sair.

Na divisão 2, por cujo comando passa a dupla portuguesa

Rufino Fontes/Bernardo Sá Nogueira, os três carros da Luigi Racing estão fora de prova. Pedro Meireles teve, como já referimos, um acidente e os outros dois Alfa Romeo partem a caixa de velocidades e a transmissão. Depois do atraso inicial do BMW do alemão Vogt, os carros da Imberti tinham o caminho livre.

Entre os portugueses, depois de um atraso de António Rodrigues, as últimas voltas levam o Volvo a superiorizar-se ao BMW de José Peres, autor de uma prova extremamente regular. Ambas as equipas mereceram, aliás, o apoio das assistências oficiais e, se no caso da Volvo a estreita cooperação

com a Magnus Racing vinha desde antes da prova, já o BMW n.º 19 de Peres/Moutinho teve a atenção da Schnitzer nos últimos reabastecimentos.

Nos dois primeiros lugares classificaram-se os dois Volvo de fábrica e o terceiro lugar, ocupado pelo Rover sobrevivente, viria a ser arrebatado nas últimas voltas pelo BMW de Berger/Ravaglia. O quinto lugar era para o BMW da equipa italiana Cibieme, tripulado por Miccangeli e Zapico que foi subindo lugares à medida que as desistências ocorriam no primeiro pelotão da corrida, e que travou animada luta com os portugueses mais rápidos.

## Classificação final

- 1.º Brancateli/Lindstrom — Volvo 240 Turbo — 115 voltas
- 2.º Muller/Dieudonné — Volvo 240 Turbo — a 30'',150
- 3.º Ravaglia/Berger — BMW 635 CSI — a 1' 42'',660
- 4.º Allam/Hanne — Rover Vitesse — 114 voltas
- 5.º Micangeli/Zapico — 112 voltas
- 6.º Rodrigues/Ferreira da Silva — Volvo 240 Turbo — 112 voltas
- 7.º Peres/Moutinho — BMW 635 CSI — 111 voltas
- 8.º Grano/Bossard — BMW 635 CSI — 111 voltas
- 9.º Cipriani/Cipoli — Alfa Romeo — 109 voltas
- 10.º Fontes/Sá Nogueira — Alfa Romeo.



E.P.

**OUTUBRO / 1985**

**O MINISTERIO DA CULTURA E O TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS APRESENTAM**

**UM ESPECTACULO GRATUITO DEDICADO AOS ESTUDANTES, CONCERTO COMEMORATIVO DO CINQUENTENARIO DA MORTE DE FERNANDO PESSOA**

**COLISEU DOS RECREIOS — AMANHÃ - 21.30 H**

**MISSA DE REQUIEM (G. VERDI)**

**MARA ZAMPIERI** soprano • **MANUELA CASTANI** mezzo  
**BENIAMINO PRIOR** tenor • **GIORGIO SURJAN** baixo  
**ORFEÃO DE PAMPLONA**

**Maestro titular José António Huarte Azparren**  
**ORQUESTRA SINFONICA DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS**  
**Director musical: JOHN NESCHLING**

BILHETES EM DISTRIBUICAO NA BILHETEIRA DO COLISEU DIAS 14 e 15 PELAS 13 HORAS. MELHOR PREÇO: 1000\$00. APRESENTAÇÃO DE CARTÃO DE ESTUDANTE

APÓIOS: RADIO COMERCIAL - RADIOTELEVISAO PORTUGUESA - RADIODIFUSAO PORTUGUESA-PROGRAMA 2 - (MAIORES DE 3 ANOS)

# "Desesperadamente procurando Susana"

de Susan Seidelman

Jorge Leitão Ramos

**Comédia que aposta num pós-modernismo de superfície, na aura de Madonna, na desconstracção, Desesperadamente procurando Susana, é uma daquelas fitas frescas, veraneantes, escurritas: mas o grande cinema é outra coisa.**

A que propósito falar de "grande cinema" se este filme se queda, de modo voluntário, muito antes de sequer aflorar esse território? A propósito, apenas, de alguns rumores críticos que, um tanto sobre o jo-

elho, começaram a convocar referentes grados (houve até quem chamasse Antonioni para o terreno) para uma fita que mais não pode, nem quer, que funcionar num registo de comédia sorridente, aliás indo buscar traves

para o argumento que tem tanto de utilitário como de «já-visto»...

Susan Seidelman, a realizadora, apura-se, claro, no bom gosto dos planos (alguns até um tanto compostos em excesso — deixando ver, em autocontemplação, a geometria de cores e formas de que se fazem, sobrepondo, por vezes, a dominante plástica ao fio narrativo), dirige os seus actores na justa medida (e se Madonna tem *raça* — que raio de palavra esta, nem sequer estamos a falar de cavalos!... — Rosanna Arquette tem talento e muito), deixa o filme vogar na deriva bem humorada,

segurando a rédea com conveniente elegância. Indiscutível que **Desesperadamente procurando Susana** é uma fita arguta — até no facto de não investigar nem seguir em excesso o personagem «marginal» de Madonna, criando assim condições para que o discurso se não radicalize e permaneça num espaço moral social que agrade a todo o mundo e não secundarize ninguém.

Esse, de resto, o lado menos agradável do filme, uma certa cobardia moral que, acenando da margem, acaba por propor algo de muito menos intenso que não interpela nenhuma convicção social do espectador: as margens são, nesta fita, apenas o folclore da norma.

## FICHA:

**Título original:** Desperately seeking Susan

**Realização:** Susan Seidelman (EUA-1985)

**Argumento:** Leora Barish

**Fotografia:** Edward Lachman

**Cenários:** Santo Loquasto (production designer), Speed Hopkins (art director), George Detitta, Jr. (set decorator)

**Música:** Thomas Newman

**Montagem:** Andrew Mondshein

**Produção:** Sarah Pillsbury e Midge Sanford

**Interpretação:** Rosanna Arquette (Roberta), Madonna (Susan), Aidan Quinn (Dez), Mark Blum (Gary), Robert Joy (Jim), Laurie Metcalf (Leslie), etc.

**Distribuição em Portugal:**

Filmes Castello Lopes/Orion

**Cinemas:** Condes e Hollywood

**Classificação:** Para maiores de 12 anos



Madonna é Susana mas não é sobre ela que este filme se centra

## Exposição biblio-iconográfica

### Aquilino hoje

### na Biblioteca Nacional

Assinalando o centenário do nascimento de Aquilino Ribeiro, a Biblioteca Nacional organizou e inaugura hoje, pelas 17 horas, uma exposição biblio-iconográfica sobre o grande escritor, que foi, aliás, funcionário da Biblioteca Nacional no tempo em que esta era dirigida por Jaime Cortesão.

Ainda esta tarde, é lançado o catálogo da exposição, para a qual também foi feito um cartaz e se editou um postal.

Às 18 horas, no anfiteatro da Biblioteca, o escritor David Mourão-Ferreira profere uma conferência subordinada ao título «Aquilino por Aquilino».

Para ser passado no decorrer da exposição, que se manterá aberta até ao fim de Novembro, de segunda a sexta-feira das 10 às 20 horas, foi feito um diaporama sobre a vida de Aquilino.



Aquilino caricaturado por Sant'Ana — em primeira mão no "Diário de Lisboa" de 3 de Julho de 1950

## Interesse por Camões perdura na Polónia

Em 1984, a Cooperativa Editora Popular de Varsóvia, numa série dedicada aos grandes poetas da literatura mundial, editou um livro, tiragem 10 000 exemplares, intitulado: Poesias Escolhidas / Luís de Camões, elaborado e traduzido por Józef Waczków.

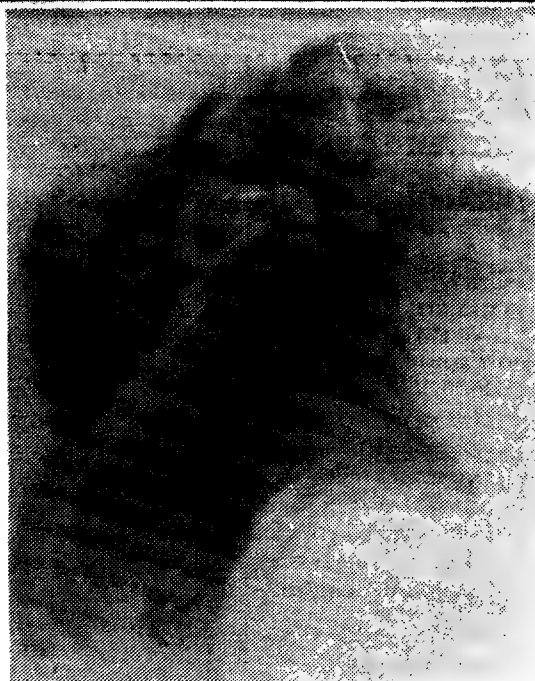
Este livro, tendo como objectivo apresentar aos leitores polacos a poesia de Luís de Camões, é recomendado pelo Ministério da Educação a todas as bibliotecas escolares.

Józef Waczków é muito conhecido na Polónia como tradutor da poesia francesa; aprendeu o idioma português especialmente para traduzir a poesia de Camões.

Até agora, somente a tradução dos Lusíadas era conhecida na Polónia (a primeira feita em 1970), foi muito interessante para os poetas românticos polacos: A. Mickiewicz, J. Slo-

wacki e KC Norwid. A falta de tradução da restante poesia de Camões inspirou J. Waczków e Krystyna Rodowska a fazerem um trabalho bem marcante sobre a lírica de Camões. Estas traduções foram baseadas nas **Obras Completas de Luís de Camões**, 4.ª edição, Lisboa 1971.

O interesse que existe na Polónia pelo grande escritor português dura há muito e expressa-se em várias formas: Em 1980, quando por ocasião do 400.º aniversário da morte de Camões, o Instituto da Língua e Cultura Portuguesa organizou um concurso internacional para todos os estrangeiros estudantes deste idioma, o prémio principal foi então atribuída a Zbigniew Wódkowski, estudante do 3.º ano de Filologia Portuguesa na Universidade de Varsóvia, que prepara agora a sua tese de doutoramento sobre a literatura portuguesa do século XVI.



Um quadro de Helena San Payo exposto na Galeria S. Francisco

## Exposições

● Na Galeria S. Francisco, em Lisboa, mantém-se patente ao público uma exposição de 20 telas e uma serigrafia da pintora **Helena San Payo**, das 10 às 13 e das 15 às 19 horas. A exposição integra-se num conjunto de actividades de homenagem a Fernando Pessoa, que contou já com a participação do actor Francisco Pestana, que fez intervenções teatrais inéditas.

● A partir de hoje e até ao próximo dia 25 está patente na Sala Maestro Frederico de Freitas da Sociedade Portuguesa de Autores uma exposição colectiva de fotografias da autoria de **António Pereira Ramos, Carlos Paiva, Elsa Maria Moura, José Carrión e Manuel J. Oliveira**, subordinado ao tema «Itinerários ou Quase já Vistos». A mostra pode ser visitada todos os dias úteis, das 15 às 19 horas e 30.

● Integrada nas comemorações do 30.º aniversário do Centro Cultural e Desportivo da EFACEC, em Lisboa, inaugura-se hoje uma exposição de pintura e desenho com obras dos artistas **Cipriano Dourado, Humberto de Castro, José Narciso, Luís Lopes, Luís Mota e Rui Paralta Lopes**. Esta tarde a exposição pode ser vista das 13 às 14 horas.

● São onze pintores e um escultor: Artur Bual, Francisco Relógio, Gil Teixeira Lopes, Ilda Reis, Isabel Laginhas, João Aires, Joaquim Baltazar, Matilde Marçal, Paiva Raposo e Pedro Saraiva e João Duarte. São eles que têm uma exposição no Atrium da Imprensa, ao Camões, que pode ser visitada das 10 às 20 horas.

● Almada e a Revolução de 5 de Outubro de 1910 é o tema da exposição bibliográfica e iconográfica que se encontra exposta na sala de exposições da Biblioteca Municipal de Almada até ao dia 30 do corrente mês.

## Feira do Livro

● Em Carmanal, Alenquer, está a decorrer a 3.ª **Feira do Livro**, que se prolonga até 19 deste mês. Paralelamente, nas instalações da Sociedade Recreativa de Camanal realiza-se a primeira mostra local de poesia popular, com a participação de poetas da região e amantes da poesia.

## Cinema

● O Instituto Alemão/Goethe Institut realiza durante este mês uma mostra de filmes que, salvo um caso ou outro, ainda não foram vistos em Portugal. Assim, esta tarde pelas 18 horas e 30, é exibido o filme **Celeste**, do realizador Percy Adlon, legendado em português. A sessão tem lugar nas instalações daquele instituto.

● Também às 18 horas e 30, no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian há cinema. Trata-se da projecção de mais um filme integrado no **Ciclo de Cinema Pier Paolo Pasolini**.

● Na Cinemateca Portuguesa são exibidos hoje os filmes **The Undead**, realizado em 1959 por Roger Corman, às 18 horas e 30 e, mais tarde, pelas 21 horas e 30 é projectado o filme **Rock All Night**, de 1956, realizado pelo mesmo cineasta.

## Alfas Triplex

— T. 806496

## Alfa 1

**JAMES BOND 007**  
**"ALVO EM MOVIMENTO"**  
 (para maiores 12 anos)  
 14, 16.30, 19, 21.30 e 24h

## Alfa 2

**"DUNE"**  
 (maiores 12 anos)  
 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

## Alfa 3

**HISTÓRIA INTERMINÁVEL**  
 (para maiores 6 anos)  
 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45h

## Alfa Club

— T. 763319

**A TESTEMUNHA**  
 (para maiores 12 anos)  
 14, 16.30, 19, 21.30 e 24h

## Shopping Center de Lisboa

## Amoreiras 1

**"007 - ALVO EM MOVIMENTO"**  
 (maiores 12 anos)  
 14, 16.30, 19, 21.30 e 24h

**"HISTÓRIA INTERMINÁVEL"**  
 (maiores 16 anos)  
 13.30, 16.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45h

**"UM HOMEM APAIXONADO"**  
 (para maiores 12 anos)  
 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

## Apolo 70

**A TESTEMUNHA**  
 (para maiores 12 anos)  
 14, 16.30, 19, 21.30 e 24h

## Ávila

— T. 539930

**HERÓIS E AMANTES**  
 (para maiores 12 anos)  
 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45h

## Avis

— T. 547163

**MALÍCIA DE VÊNUS**  
 (n. acons. men. 18 anos)  
 15.30, 18.30 e 21.30h

## Berna

— T. 776098

**"DUNE"**  
 (para maiores 12 anos)  
 14, 16.30, 19, 21.30h

## Caleidoscópio

— T. 795093

**HERBIE**  
 (para maiores 6 anos)  
 14, 16.30, 19 e 21.30h

## Capitolio

— T. 372358

**ÁVIDAS DE SEXO**  
 (para maiores 18 anos)  
 15, 17, 19, 21 e 23h



Uma cena do filme **"AMAR NÃO MATA"**, realizado por **VILGOT SJÖMAN**.  
 Uma comédia sueca como nunca se viu.  
 Em exibição no Estúdio 444.

## Castil

— T. 530194

**MAD MAX — ALÉM DA CÚPULA DO TROVÃO**  
 (para maiores 12 anos)  
 15.30, 18.30 e 21.30h

## Cinebloco

— T. 556824

**"DUNE"**  
 (maiores 12 anos)  
 14.30, 16.45, 19 e 21.30h  
**"SETE MAGNÍFICOS GLADIADORES"**  
 (maiores 12 anos)  
 24h

## Cine Camões

— T. 324194

**OS ESGOTOS DO PARAÍSO**  
 (não acons. men. 13 anos)  
 14.15, 16.30 e 21.30h

## Cinemateca

**THE UNDEAD**  
 18.30h  
**ROCK ALL NIGHT**  
 21.30h

## Cine 222

— T. 579460

**A MULHER DO ÍDOLO**  
 (maiores 12 anos)  
 14, 16.30, 19, 21.30h  
**O PROFISSIONAL**  
 (não acons. men. 18 anos)  
 24h

## Cine Portela

— T. 2524761

## Estúdio Anusha

**"OS SALTEADORES DA COBRA DE OURO"**  
 (para maiores 12 anos)  
 16.00 e 21.45h

## Estúdio Sheza

**GELADO DE LIMÃO III**  
 (int. 13 anos)  
 15.30 e 21.30h

## City Cine

— T. 549999

**A PRIMEIRA MISSÃO**  
 (maiores 12 anos)  
 14.30, 16.45, 19 e 21.30h  
**OS SELVAGENS DA NOITE**  
 (não acons. men. 18 anos)  
 23.45h

## Condes

— T. 322523

**DESESPERADAMENTE PROCURANDO SUSANA**  
 (para maiores 12 anos)  
 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

## Eden

— T. 320768

**A FÚRIA DO HERÓI**  
 (para maiores 16 anos)  
 14, 16.30, 19 e 21.30h

## Estúdio

— T. 555134

**GENTE GIRA**  
 (para maiores 12 anos)  
 15.30, 18.30 e 21.30h

## Estúdio ACS

— T. 887255

**A BALADA DE NARAYAMA**  
 (para maiores 16 anos)  
 15.30, 18.30 e 21.30h

## Estúdio 444

— T. 768078

**AMAR NÃO MATA**  
 (int. men. 18 anos)  
 15.30, 18.30, 21.30 e 24h

## Fonte Nova

— T. 7145109

**REACÇÃO EM CADEIA**  
 (para maiores 12 anos)  
 14, 16.30, 19 e 21.30h

## Sala 2

**DESAPARECIDO EM COMBATE**  
 (para maiores 12 anos)  
 14.45, 17, 19.15 e 21.45h

## Sala 3

**FUGA DO INFERNO**  
 (maiores 16 anos)  
 15.15, 18.15 e 21.15h

## Gemini

— T. 734009

**JAMES BOND 007**  
**"ALVO EM MOVIMENTO"**  
 (para maiores 12 anos)  
 14, 16.30, 19, 21.30 e 24h

## Hollywood

— T. 802859

**ELECTRIC DREAMS**  
 14.15, 16.30, 19.00, 21.30 e 24h

**DESESPERADAMENTE PROCURANDO SUSANA**  
 (maiores 12 anos)  
 14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45h

## Imperio

— T. 555134

**DR. JIVAGO**  
 (para maiores 12 anos)  
 14.45, 18.15 e 21.30h  
 (O filme começa no início das sessões)

## Las Vegas

— T. 631162

**ROSA PÚRPURA DO CAIRO**  
 (para maiores 6 anos)  
 15.15, 18.30 e 21.30h

## Sala 2

**JOGOS DE AMOR**  
 (maiores 16 anos)  
 15.30, 18.45 e 21.45h

## Londres

— T. 801313

**A ROSA PÚRPURA DO CAIRO**  
 (para maiores 6 anos)  
 14, 16.30, 19, 21.30 e 24h

## Montecarlo

— T. 681117

**COLÉGIO DE JOVENS**  
 (int. men. 13 anos)  
 14.15, 16.30 e 21.30h

## Mundial

— T. 538743

**ANGEL**  
 (maiores 16 anos)  
 14, 16.30, 19 e 21.30h

## Nimas

— T. 574362

**HISTÓRIA INTERMINÁVEL**  
 (maiores 6 anos)  
 14, 16.30, 19 e 21.30h

## Odeon

— T. 326283

**CONTINUAM A CHARMAR-ME TRINITÁ**  
 (não acons. men. 13 anos)  
 14.30, 16.45, 19 e 21.30h

## Olimpia

— T. 325309

**SEXO À CHINESA**  
 A partir das 14 horas  
 Sessões contínuas  
 Filme pornográfico

## Pathé

— T. 821933

**MORTE DUM CANALHA**  
 (maiores 13 anos)  
 14, 16.30 e 21.30h  
**VIVER SEM AMANHÃ**  
 (maiores 18 anos)  
 24h

## Politeama

— T. 326305

**OS SELVAGENS DA ESTRADA 66**  
 (maiores 12 anos)  
 14.15, 16.30, 19 e 21.30h

## Quarteto

— T. 771378

**OS FAVORITOS DA LUA**  
 (maiores 12 anos)  
 14.30, 16.45, 19 e 21.15h  
**ESTADO DE GUERRA**  
 (maiores 18 anos)  
 23.30h

## Sala 2

**PARA ALÉM DAS MURALHAS**  
 (para maiores 16 anos)  
 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15h  
**O EXTERMINADOR**  
 (maiores 18 anos)  
 23.30h

## Sala 3

**AMANTES — LOVE STREAMS**  
 (maiores 12 anos)  
 14, 16.30, 19.00 e 21.30 e 24h

## Sala 4

**MAD MAX III — PARA ALÉM DA CÚPULA DO TROVÃO**  
 (para maiores 12 anos)  
 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30h

## BALBÚRDIA NO LESTE

(maiores 18 anos)  
 00.45h

## N'GOLA

**JE VOUS SALUE MARIE**  
 (maiores 16 anos)  
 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45h

## Restelo

— T. 610375

**DESAPARECIDO EM COMBATE**  
 (maiores 16 anos)  
 15.30 e 21.30h

## Roma

— T. 889192

**ANGEL**  
 (maiores 16 anos)  
 14, 16.30, 19 e 21.30h

## Roxy

— T. 548560

**O TRITURADOR**  
 (não acons. men. 18 anos)  
 14, 16.30, 19 e 21.30h

## S. Jorge

— T. 579144

## Sala 1

**007 — ALVO EM MOVIMENTO**  
 (para maiores 12 anos)  
 15.30, 18.30 e 21.30h

## Sala 2

**A ROSA PÚRPURA DO CAIRO**  
 (para maiores 6 anos)  
 15, 17, 19 e 21.45h

## Sala 3

**A TESTEMUNHA**  
 (para maiores 12 anos)  
 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45h

## 7.ª Arte

— T. 730715

**CUSTOU MAS VALEU**  
 (maiores 12 anos)  
 15, 17, 19.10, 21.45 e 23.45h

## Star

— T. 804210

**UM HOMEM APAIXONADO**  
 (para maiores 12 anos)  
 15.00, 18.15 e 21.30h

## Terminal

— T. 371573

**MAD MAX — ALÉM DA CÚPULA DO TROVÃO**  
 (para maiores 12 anos)  
 13, 15, 17, 19 e 21.30h

## Tivoli

— T. 570595

**HISTÓRIA INTERMINÁVEL**  
 (maiores 6 anos)  
 14, 16.30, 19 e 21.30h

## Turim

— T. 706666

**STARMAN**  
 (maiores 12 anos)  
 15.00, 17.30 e 21.45h  
**"A CLASSE DE 1984"**  
 (maiores 18 anos)

## Vox

— T. 880808

**MAD MAX — ALÉM DA CÚPULA DO TROVÃO**  
 (maiores 12 anos)  
 15, 18.15 e 21.30h

## Xenon

— T. 368480

**NOVA YORK 2 HORAS DA MANHÃ**  
 (maiores 12 anos)  
 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30h

## Zodiaco

— T. 570151

**O IMPÉRIO DO DESEJO**  
 (int. men. 18 anos)  
 15.17, 19 e 21.30h

## Linha de Sintra

**AMADORA — Cinestúdio** — "A Filha de Ryan", às 15.30 e 21.30 (não acons. 13 anos)  
**AMADORA — Cineteatro Lido** — "O Clube", às 21.30 (maiores 12 anos)  
**AMADORA — Cine Plaza** — "O Último Comboio de Gun Hill", às 15.30 e 21.30 (não acons. 13 anos)  
**AMADORA — Babilónia** — "Starman", às 15.15, 18.30 e 21.30 (maiores 12 anos)  
**CACÉM — Cinestúdio Flores** — "Férias quentes", às 15 e 21.30 (maiores 12 anos).  
**MEM MARTINS — Cine Chaby** — Descanso

## Linha de Cascais

**CASINO ESTORIL** — "A Testemunha", às 17.00 e 21.15 (maiores 12 anos)  
**SPORT ALGÉS E DAFUNDO** — Descanso  
**CINE IMPALA** — "Nunca Mais Digas Nunca", às 16, 21.30 e 24 (maiores 12 anos)

## Outra Banda

**ALMADA — Academia** — "Dune", às 15.00 e 21.30 (maiores 12 anos)  
**ALMADA — Incrível** — Descanso

## Porto

**ÁGUA DE OURO** — "A Fúria do Herói", às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 (maiores 16 anos)  
**BATALHA** — "Mad Max — Além da cúpula do trovão", às 14.30, 16.30 e 21.45 (maiores 12 anos)  
**CHARLOT** — "Excalibur", às 15.15, 18 e 21.30 (int. 13 anos)

**COLISEU** — "007 — Alvo em Movimento", às 16.40, 18 e 21.30 (maiores 12 anos)  
**FOCO** — "História Interminável", às 14, 16.30 e 21.45 (maiores 6 anos)  
**JULIO DINIZ** — "Meninas bem", às 15.30 e 21.30 (não acons. 18 anos)

**LUMIÈRE — Sala A** — "Jerry, tu és louco", às 15, 17.45 e 21.30 (maiores 16 anos)  
**NUN'ÁLVARES** — "007 — Alvo em Movimento", às 15.30 e 21.45 (maiores 12 anos)  
**OLÍMPIA** — "Caçada ao leão", às 14.30 (maiores 12 anos)

**PASSOS MANUEL** — "História Interminável", às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 (maiores 6 anos)  
**PEDRO CEM** — "Os Deuses Devem Estar Loucos", às 15, 18.30 e 21.30 (não acons. 13 anos)  
**RIVOLI** — "Thor" — O Conquistador", às 15, 18.15 e 21.30 (maiores 12 anos)

**SALA BEBÊ** — "A Rosa Púrpura do Cairo", às 14.15, 16.20, 18.30 e 21.20 (maiores 6 anos)

**Lisboa — PERMANENTE**  
— AJUDA: Lúcia Almeida, C. da Ajuda, 170 (T. 637318); AL-  
VALADE: Cartaxo, Av. da  
Igreja, 21-C (T. 897958); AVE-  
NIDAS NOVAS: Valle, Av.  
Marques de Tomar, 47 (T.  
773043); BENFICA -IGREJA:  
Marques, E. de Benfca, 648 (T.  
700096); CAMOES: Andrade,  
R. do Alecrim, 125-127 (T.  
322328); CAMPO DE SAN-  
TANA: Peninsular, Campo dos  
Mártires da Pátria, 117-118 (T.  
553308); CAMPOLIDE: Pa-  
tria, C. dos Mestres, 30-A (T.  
680627); LAPA: Rodrigues &  
Alves, R. da Lapa, 52-54 (T.  
662246); LUMIAR -QUINTA  
DAS MOURAS: Matos Viegas,  
Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T.  
794174); MERCADO DO  
CHILE: Alcais, R. Carvalho  
Araújo, 46-B (T. 841708);  
PENHA DE FRANÇA: Central  
da Penha, R. da Penha de França,  
58-60 (T. 849245); VALE  
FORMOSO - POÇO DO  
BISPO: Barros Gouveia, R.  
Vale Formoso de Cima, 79-B (T.  
855180); CODIVEL - ODIVE-  
LAS: Nabais Vicente, R. A. Lote  
19-A, loja, Urbanização Codivel  
(T. 9816803); PONTINHA:  
Pontinha, E. de Santo Elói, 4,  
lote SE (T. 990220).

**REFORÇO — AREIRO**  
-APEADEIRO: Nova Lisboa,  
R. Guilhermina Suggia, 12 (T.  
887721); CAMPO DE OURI-  
QUE: Lobel, R. Infancia 16,  
98-B (T. 688807); ESTEFÂNIA:  
Mundial, L. D. Estefânia, 10 (T.  
545578); JOÃO XXI: Onilda,  
Av. João XXI, 13-A (T. 886848);  
MARTIM MONIZ: Ferrão, R.  
da Mouraria, 12-16 (T. 860464);  
OLIVAIS NORTE: Central dos  
Olivaes, R. Alfes Barilho  
Ruas, 7-C (T. 315539); PA-  
LHAVA: Aguiar, Av. Colum-  
bano Bordoal Pinheiro, 98-A (T.  
720934); PARQUE EDUARDO  
VII: Gomes, R. Rodrigo da Fon-  
seca, 101-A (T. 682333); PI-  
CHELEIRA: Mariz, C. da Pi-  
cheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira  
Fernandes, MAF (T. 880703);  
SANTO AMARO: Correia  
Azevedo, R. Luis de Camões,  
42-B (T. 638625); SAPADO-  
RES: Zema, R. General Justiano  
Padrel, 21-A (T. 832580); BU-  
RACA - AMADORA: Vaz  
Martins, R. António Ferro, 6-A  
(T. 970660); COLINA DO SOL  
- BRANDO - AMADORA:  
Vidal Reis, Urbanização Alfo-  
mos, célula G, lote 35 (T. 996540);  
OLIVAL BASTO: Nova, R.  
Açores, 11-A (T. 9810305);  
PRIOR VELHO: Matos, T. das  
Prioras (T. 2519939).

**Outra Banda — AL-**  
MADA: Reis, R. Comandante  
António Feio, 19 (T. 2750504);  
Permanente; COVA DA PIE-  
DADE: Cerqueira, L. 5 de Ou-  
tubro, 18 (T. 2750254); Perma-  
nente; COSTA DE CAPA-  
RICA: Higienica, Av. da Repú-  
blica, 23 (T. 2400020). Até às 19  
horas; LARANJEIRO: Mo-  
derna, R. Dr. António Elvas, 8-A  
(T. 2290305). Até às 22 horas;  
SESIMBRA: Lopes, R. Cândido  
dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às  
19 horas; LAVRADIO: Par-  
reira, R. D. Silva Cristino, 15-A  
(T. 2042016). Até às 19 horas;  
BARREIRO: Santa Marta, R.  
Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B  
(T. 2072141). Permanente;  
BAIXA DA BANHEIRA: Nova  
Fátima, E. Nacional, 244-A (T.  
2040141). Até às 19 horas;  
CORROIOS: Lino, Alfarrim,  
Sesimbra (T. 22332841). Até às  
19 horas; CRUZ DE PAU: Fon-  
seca, R. do Ribatejo, 2-A (T.  
2211131). Até às 22 horas; AL-  
DEIA DE PAIO PIRES: Cen-  
tral, E. Nacional, 9 (T. 2210365).  
Até às 22 horas; MONTIJO:  
Higienica, R. José J. Marques, 142  
(T. 2310370). Até às 22 horas;  
MOTTA: União Moltense, Av.  
Dr. Teófilo Braga (T. 239025).

Até às 19 horas; ALHOS VE-  
DROS: Portugal, Av. da Bela  
Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19  
horas; ALCOCHETE: Nunes,  
L. Coronel Ramos da Costa, 10  
(T. 234137). Até às 19 horas;  
SETUBAL: Brasil, P. do Brasil,  
15 (T. 24788). Permanente;  
Costa, R. da Misericórdia, 48 (T.  
22760). Permanente; Moreira  
Martins, P. Olga Sarmiento, 14  
(T. 26051). Até às 22 horas.

**Linha de Cascais —**  
ALGÉS: Miraflores, R. Dr. An-  
tónio Granjo, 2-B (T. 2101161).  
Permanente; LINDA-A-VE-  
LHA: Moderna, Av. 25 de  
Abril, 30-C (T. 4191235). Até às  
19 horas; TIRES: Guimarães, L.  
Duarte, lote A, r/c (T. 2441616).  
Até às 22 horas; ALCABIDE-  
CHE: Carvalho, B. Padre P.  
Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22  
horas; PORTO SALVO: Fer-  
reira Bastos, R. D. Firmino, Re-  
bello (T. 2421015). Até às 22 ho-  
ras; MALVEIRA DA SERRA:  
Luz, E. Nacional (T. 2850635).  
Até às 22 horas; OEIRAS: Mou-  
rão Vaz, Av. de Moçambique,  
18-C (T. 2437196). Permanente;  
NOVA OEIRAS: Leal, Quinta  
da Palmeira, lote 24 (T.  
2478737). Até às 22 horas;  
CARCAVELOS: Vilar, Av.  
Maria da Conceição, lote B (T.  
2470777). Permanente; SÃO  
DOMINGOS DE RANA: Go-  
dinho da Silveira, R. A. Albu-  
querque, lote B, loja 2 (T.  
2470361). Até às 22 horas; PA-  
REDE: Grinco, Av. da Repú-  
blica, 87-A (T. 2471204). Perma-  
nente; SASSOEIROS: Amaral  
Sembiano, Quinta das Encostas  
(T. 2461312). Até às 22 horas;  
BIRRE: Imami, lote 7-B, Hera  
(T. 2852121); MADORNA:  
Madeira, R. A (T. 2476326). Até  
às 22 horas; AMOREIRA:  
Abrantes, Vivenda Maria Carlos  
Anjos (T. 2682313). Até às 22  
horas; ESTORIL: Marques dos  
Santos, R. Ferreira J. A., 15 (T.  
260116). Até às 22 horas; CAS-  
CAIS: Misericórdia, R. Regi-  
mento 19, 41 (T. 280141). Perma-  
nente.

**Linha de Sintra — AMA-**  
DORA: Confiança, Av. D.  
Nuno Álvares Pereira, 15-A (T.  
4938149). Permanente; Nunes,  
E. Serra da Mira, Falagueira (T.  
4937543). Permanente; Jardim,  
Av. Conde de Oeiras, 120, Rebo-  
leira (T. 493424). Até às 22 horas;  
DAMAIA: Confiança, R. Barto-  
lomeu Dias, lote D (T. 971023).  
Até às 22 horas; QUELUZ: An-  
dré, Av. Elias Garcia, 151 (T.  
950043). Até às 22 horas; CA-  
MARATE: Nova da Charneca,  
R. Cidade de Lisboa, 9-A (T.  
2571626). Até às 19 horas; CA-  
CÉM: Garcia, Av. dos Missio-  
nários, 2 (T. 9242181). Perma-  
nente; ALGUEIRÃO: Rodri-  
gues Rato, R. dos Morés, 1 (T.  
9212038). Permanente; MER-  
CÊS: Claro Russo, R. Abade  
Faria, 2-A (T. 9215275). Até às  
22 horas; RINCHOA: Carga-  
leiro Lourenço, C. da Rinchoa,  
38 (T. 9262006). Até às 22 horas;  
SINTRA: Teresa Garcia, L. D.  
Afonso, 3-A (T. 9232747). Per-  
manente; COLARES: Abreja  
(T. 9290088).

**MOSCAVIDE: Pedro Go-**  
mes, B. 25 de Abril, lote 13 (T.  
2519670). Permanente; SACA-  
VÉM: Soares, R. José L. Morais,  
15-A (T. 2518025). Até às 22  
horas; LOURES: Sálvia, Av. da  
República, 29 (T. 2531240). Até  
às 22 horas.

**Coimbra — SÃO JOSÉ.**  
Al. Calouste Gulbenkian, lote  
5, r/c, à Cruz de Celas (T.  
24697); RODRIGUES DA  
SILVA, R. Ferreira Borges, 32  
(T. 24348); MARIA DO CÉU  
ALBUQUERQUE, Adémia  
(T. 31205).

## Teatro e Copos — Finalmente Club

R. da Palmeira, 36 — Tel. 37 26 52

De segunda a sábado, às 00.30

«NÃO HA NADA P'RA NINGUÉM». Espectá-  
culo em travesti. Conduzido por Lydia Barloff, com  
interpretações de Cindy Scrash, Lydia Barloff, Ruth  
Briden e Vicky Batton.

## Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Tel. 768609

De terça a sábado às 21.30, domingos às 16.00

«JARDIM DE OUTONO», de Lillian Hellman.  
Encenação de Luzia Maria Martins. Com Carlos  
Mourato, Carlos Santos, Carmen Mendes, Clara  
Joana, Fernanda Coimbra, Fernanda Montemor e  
Helena Félix.

## Instituto Franco-português

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 45 74

De quarta a sábado, às 21.30; domingos, às 17.30.

«EMBALAGEM PERDIDA», de Vera Feyder.  
Encenação: Ricardo Marquez. Cenografia: Mário Jorge  
Bonito.

## Teatro Maria Vitória

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos,  
às 16.00, 20.30 e 22.45).

«NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO!», de Má-  
rio Zambujal, Henrique Santana e Francisco Ni-  
cholson.

## ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

(De 2.ª a domingo, às 21.45; Sábados e domín-  
gos, às 21.45 e 16.00).

«FININHO MAS JEITOSINHO». Original de  
João Bettencourt. Versão portuguesa de César Oli-  
veira e Raul Solnado. Com Carlos Miguel, Simone  
de Oliveira e Filipe Ferrer (12 anos).

## Teatro Nacional D. Maria II

P. D. Pedro IV — Tel. 37 22 46

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos às 16.00

«O MORGADO DE FAFE EM LISBOA», de  
Camilo Castelo Branco. Encenação de Ruy Furtado.

## Cascais Espaço TEC

Av. Marechal Carmona, 6-B Tel. 2867933

De terça a sábado às 21.45

domingos às 17.00

«DUAS ANEDOTAS PROVINCIANAS», de  
ALEXANDER VALENTINO PONAS. Tradução de  
Helena Ramos e Artur Ramos. Encenação de Artur  
Ramos.

## Centro de Arte Moderna

Sala Polivalente  
R. Nicolau Bettencourt(Tel. 73 01 830) «De terça a sábado, às 21.00; do-  
mingos, às 17.00»

Pilades, de Pier Paolo Pasolini. Encenação de  
Mário Feliciano, música: Constança Capdeville.  
Cenografia: Carlos Amado. Figurinos: Rosa Ra-  
mos.

## Comuna

P. de Espanha — Tel. 72 08 18

As quintas, sextas e sábados, às 22.00.

«COZIDO À PORTUGUESA», de Fernando  
Gomes. Interpretação de Cândida Vieira, Fernando  
Gomes e Teresa Madruga.

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«AMADIS», de Abel Neves. Encenação: João  
Mota.

## Casa da Comédia

Rua S. Francisco de Borja, 24 (às Janelas Verdes) —  
Tel. 607299

De terça a sábado, às 21.45

domingos, às 18.00

«SAVANNAH BAY», de Marguerite Duras. Ence-  
nação e cenografia: Filipe La Féria. Interpretação:  
Glória Quartim e Zita Duarte.

## Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 875626

De terça a sábado, às 22. sábados e Domingos, às 17.00

O Grupo Teatro Hoje apresenta a peça de Cebillon Fill  
— «A NOITE E O MOMENTO». Tradução de  
Manuel João Gomes, encenação de Carlos Fernando, e  
interpretado por Teresa Madruga, Diogo Dória e Paulo  
Bicho.

Cenografia de José Manuel Castanheira e figurinos de  
Jasmim.

## SETUBAL Teatro de Balsa de IAS

R. dr. Aníbal Álvares Pereira, 9

Telef. 29130

As sextas, sábados e domingos às 21.30

«LUIA TODI», de Fernando Gomes e Rui Mes-  
quita.

Encenação de Fernando Gomes. Cenografia de Rui  
Mesquita e José Teófilo Duarte. Música de José Ro-  
drigues (Azoia). Interpretação de Asdrúbal Teles Pe-  
reira, Célia David, Fernando Luís, Filomena Gonçal-  
ves, Isabel Ganilho, João Manuel, José Pompeu,  
Manuel Bola, Manuela Couto, Mimi, e Nuno Belo.

## Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 58 — Tel. 89 70 17

De quarta a sábado, às 21.45; aos sábados e  
domingos, às 16.00 horas)

Um Homem é um Homem — Damião de Góis.  
Texto e encenação: Helder Costa. Cenografia: João  
Brites. Figurinos: Maria do Céu Guerra. Música:  
António Vitorino d'Almeida. Interpretação: António  
Gomes, Carmen Santos, João Azevedo, João Maria  
Pinto, Jorge Sequeira, José Carretas, José Gomes,  
Paulo Sousa, Teresa Faria e Vítor Carvalho.

## Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

Todos os dias, às 21.30; domingos às 16.00

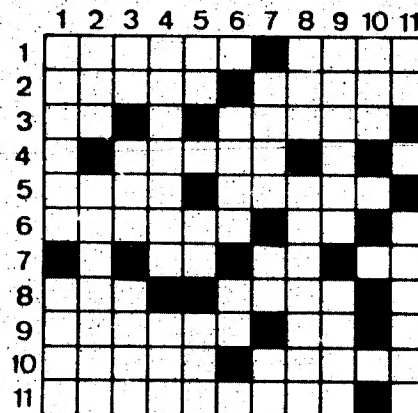
«POUCO BARULHO», de Michael Frayn. Ence-  
nação e direcção de Varella Silva. Com Nicolay Brey-  
ner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria,  
Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge  
Nery e Henrique Santos.

## PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14 555

## HORIZONTAIS:

- 1 Aterroriza. Fuma.
- 2 Assolai. Pétaia.
- 3 Satélite de Júpiter. Mencionei  
um texto, facto, opinião,  
como exemplo ou autoridade.
- 4 Mulher de idade avançada.
- 5 Terra nova e arroteada de  
fresco. Terra lavrada.
- 6 Narração. Cobalto (s.q.).
- 7 Pronome reflexo. Pronome  
pessoal. Boro (s.q.).
- 8 Sadias. Nome de mulher.
- 9 Guarnecer de arames. Erbio  
(s.q.).
- 10 Molhar com baía. Urde.
- 11 Meterias em mala.



## VERTICAIS:

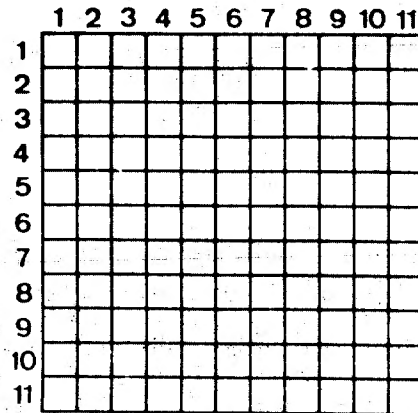
- 1 Acertar. Percebe.
- 2 Tanto. Moveram os remos.
- 3 Artigo definido (ant). Forma  
apocópica e proclítica de  
vale: Bilha para maluco na  
Lunda.
- 4 O mesmo que remelas. Des-  
graça.
- 5 Zomba. Pronome pessoal.  
Arara.
- 6 Sobrado. Clima.
- 7 Vender a crédito. Mililitro.  
Pronome pessoal.
- 8 Rio de França. Anuira.
- 9 Encerado. Lavras.
- 10 Abraço (pop).
- 11 Autores. Talhar.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 396

## HORIZONTAIS:

- 1 Ofício divino. Sacerdotes  
budistas.
- 2 Terreiro em frente ou em volta  
das igrejas. Guardava se-  
gredo.
- 3 Provar. Semelhante.
- 4 Arsenio (s.q.). Acorrentara.
- 5 Solitário. Terreno fechado,  
destinado a torneios. Césio  
(s.q.).
- 6 Apelido. Mastigas sem engo-  
lir.
- 7 Duna na Suécia.
- 8 Transferiram para outro dia.  
Ribeira de Portugal.
- 9 Ver. Nota musical (inv).  
Transparente.
- 10 Deras mios. Estimai.
- 11 Freguesia do concelho de Mi-  
randela. Suspiros.



## VERTICAIS:

- 1 Feiticeiras. Palmeira.
- 2 Velhos. Ofereci.
- 3 Senhores. Arremessar.
- 4 Extensivos (inv). Letra grega.
- 5 Acariariam.
- 6 Planta leguminosa. Toste.
- 7 Nota musical. Nivelam.
- 8 O mais. Aqui.
- 9 Utensílio doméstico.
- 10 Carta geográfica. Arrogue.
- 11 Avarentos. Rezaí.

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 555

## HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- |                   |                  |
|-------------------|------------------|
| 1 A. BURRA. Ara.  | 1 Aas. VELHA.    |
| 2 Acabais. Mec.   | 2 CILHA. Aal.    |
| 3 Siras. Sane.    | 3 Barão. Curva.  |
| 4 La. Acerar.     | 4 Uba. Cer. Gas. |
| 5 Chocara. Ela.   | 5 Ras. Atinaí.   |
| 6 Te. Sol.        | 6 Ri. Ar. Cor.   |
| 7 Crica. AAA.     | 7 As. Casarias.  |
| 8 Nora.           | 8 Se. Aar.       |
| 9 Largariamos.    | 9 AMARELA. Mar.  |
| 10 Havai. Aramã.  | 10 Renal. Aroma. |
| 11 Alas. Cs. Ras. | 11 Acerara. Sás. |

PROVERBIO: A burra velha,  
cilha amarela.

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 395

## HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- |                   |                  |
|-------------------|------------------|
| 1 Marca. Apas.    | 1 Massa. Parma.  |
| 2 Arrear. Ácaro.  | 2 Arara. Atoar.  |
| 3 Saída. Nasal.   | 3 Rei. Sem. Sr.  |
| 4 Ar. Aoro. Má.   | 4 Cada. Pifaro.  |
| 5 Aas. Sa.        | 5 Arão. Rases.   |
| 6 Pê. Sioba.      | 6 Ris.           |
| 7 Pamir. Arava.   | 7 Panp. Ia. MMI. |
| 8 At. Faz. Bi.    | 8 Aca. Sorrias.  |
| 9 Rosas. Missa.   | 9 Pás. Sra.      |
| 10 Marre. Marat.  | 10 Aram. Avisar. |
| 11 Ar. Os. Isará. | 11 Solar. Abata. |

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles;  
17.00: Informação regional;  
17.15: Musicomania; 19.00:  
Informação e música; 20.00:  
Musical; 20.15: No estúdio e  
no estádio; 20.30: Música por-  
tuguesa; 21.00: Cozinha eco-  
nómica; 21.30: Noites de luar;  
23.30: Último jornal. Noticiá-  
rios de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século  
XX; 16.30: O violinista Salva-  
tore Accardo; 16.45: Fragmentos  
da ópera inacabada «Rog-  
dana», de Dargomyjsky;  
17.00: Sinfonia, n.º 2, em dó  
maior, op. 61, de Schumann;  
17.38: Música tradicional e  
folclórica da Arménia; 18.00:  
Sonata, em dó maior, op. 53,  
«Waldstein», de Beethoven;  
18.40: Música vocal; 19.30:  
Terra viva, planeta azul; 20.00:  
Quarteto, em lá bemol maior,  
op. 105, de Dvorak; 20.40:  
Suite, n.º 2, «Arlesiana», de  
Bizet; 21.00: Antologia dos  
músicos portugueses; 21.30:  
Tempo de bailado; 22.30: O  
canto e os seus intérpretes;  
23.30: Música sacra; 00.16:  
Sonata, em lá maior, op. 82, de  
Sergei Prokofiev; 01.00: Fe-  
cho. Noticiários de hora a hora.

**RÁDIO COMERCIAL**  
Onda Média (283, 290 e  
397m)

14.00: Tarde à portuguesa;  
17.00: Rápido das cinco;  
19.00: Musical; 20.00: Conta  
corrente; 21.00: Musical;  
21.30: Quando o telefone toca;  
22.00: Portugal e a CEE;  
22.30: Tempo de desporto;  
22.45: Programas religiosos;  
23.00: Vigésima quarta hora;  
01.00: Peça o que quiser;  
02.00: No calor da noite. Noti-  
ciários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: Som  
da frente; 17.00: Pé-de-vento;  
18.00: Círculo em FM; 19.00:  
Em órbita; 20.00: Nova gera-  
ção; 21.00: Musonautas;  
22.00: Blues index; 23.00:  
Flauta de Pá; 24.00: Só com  
gelo; 02.00: No calor da noite.  
Noticiários de hora a hora.

**RÁDIO RENASCANÇA**  
Onda Média

16.00: Rua Capelo; 18.00:  
Jornal das regiões; 18.30:  
Transmissão do terço; 19.30:  
Memorando; 20.00: Programa  
da LARR; 20.30: Do dia para a  
noite; 21.00: Horizonte; 22.00:  
Quando o telefone toca; 22.30:  
Diário do desporto; 23.00:  
Clube dos colecionadores;  
24.00: Som de uma noite de  
Verão; 02.00: Estação de ser-  
viço.



18.00 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das séries «A Volta ao Mundo com Willy Fog» e «Calimero»

18.35 — Notícias

19.15 — A Primeira República Portuguesa 1910-1926

«O Poder e o Povo»: Depois da euforia pela vitória do 5 de Outubro, os políticos republicanos dividem-se quanto ao destino a dar à República e à mobilização popular. Conservadores, moderadores e radicais, o Estado e a Igreja, o Governo e o Exército, o Poder e o Povo encontrar-se-ão em breve fragmentados e divididos na diversidade dos seus projectos políticos. A luta contra a Monarquia tinha terminado. A luta pelo controlo da República ia começar. Argumento e texto de Fernando Marques da Costa. Produção e realização: João Serradas Duarte.

19.45 — Boletim Meteorológico para a Agricultura

19.50 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.27 — Boletim Meteorológico

20.35 — «Louco Amor»

Lúcia consegue vender a serigrafia ganhando a comissão prometida. Em casa, tenta demonstrar ao marido a crise que o casamento deles atravessa. Edgar convida Gisela para jantar e é visto por Nanda que imediatamente telefona a Renata. Esta dirige-se ao restaurante desejando confirmar a presença da esteticista. Patrícia despede-se da família e parte de férias para Londres. Marcia pede a Lúcia que a represente num almoço de negócios com um pintor. Fernando surpreende a mulher durante este almoço e obriga-a a abandonar o restaurante.

21.30 — Badarosíssimo

(5.º programa)

22.25 — Opinião Pública

«Saúde — O Regresso de João Semana»: Dentre as grandes transformações operadas no capítulo da saúde, em Portugal, uma merece especial atenção e destaque: a colocação para atendimento permanente da população de médicos residentes em todos os concelhos e localidades de maior expressão demográfica. Essa medida possibilita o estabelecimento real do médico de família no verdadeiro sentido do termo. Opinião Pública quer saber em que estado se encontra a aplicação do decreto que, criou os médicos de família residentes e qual o impacto que ele vai provocar no nosso sistema de saúde. Reportagem: Mário Lindolfo.

23.05 — Último Jornal



19.30 — Desenhos Animados

«Heathcliff e Marmaduke»

19.45 — Animação

20.10 — Documentário

«A Conquista do Modernismo»

20.35 — RTP/Madeira

«Um Olhar sobre a Madeira»



«Badososíssimo» na RTP-1

20.55 — Telefilme

«Malmequeres em Agosto»: Athol Fugard, autor e intérprete do telefilme «Marygold in August» disse, a propósito do personagem principal da peça: «Daan era uma alma bela, complexa e notável. Eu direi que ele era uma das pessoas que eu estava fadada para conhecer — Eu não seria a mesma pessoa se as nossas vidas se não tivessem cruzado.» «O tema principal do filme é» — ainda segundo as declarações de Fugard — «apresentar Daan, o operário simples, o negro invisível, em toda a sua complexidade e também especular sobre a sua situação no mundo, sobre as suas interrogações, os seus conflitos e sobre o seu relacionamento com os companheiros de raça.» «Malmequeres em Agosto» foi filmado em Schoenmarskop, uma localidade de veraneio para sul-africanos brancos. A aldeia de negros mais próxima é Wal-



«A Volta ao Mundo com Willy Fog» no Tempo dos Mais Novos

mer, que dista 10 km. Ambas ficam próximas da cidade de Port Elizabeth. Esta zona regista um elevado índice de desemprego, sendo a subnutrição e a mortalidade infantil dois flagelos comuns na área. A acção desenrola-se no último mês do Inverno sul-africano. Daan é jardineiro particular e vê-se um dia confrontado com a situação desesperada de um seu companheiro que rouba para alimentar os seus filhos. Daan vai ter que decidir entre denunciar ou ocultar o seu amigo, pondo em risco a estabilidade da sua própria situação. Athol Fugard foi considerado pelo jornal londrino «Sunday Times» como o mais importante dramaturgo do nosso tempo, opinião partilhada pelos meios literários sul-africanos, país de origem deste escritor. Intérpretes: Athol Fugard, Winston Ntshona, John Kani. Realização: Ross Devenish. Ano de estreia: 1980.

22.35 — Jornal da Noite

AMANHÃ

RTP-1

12.00 — Notícias  
12.05 — Espaço 12/13  
12.45 — Notícias  
13.00 — Origens  
13.35 — Ciclo Preparatório TV  
18.00 — Tempo dos Mais Novos

18.35 — Notícias  
18.50 — Século XX  
19.55 — O Livro Grande de Petete  
20.00 — Telejornal

20.27 — Boletim Meteorológico  
20.35 — «Louco Amor»  
21.15 — O Corpo Humano  
21.45 — Actual  
22.45 — «Tudo em Família»  
23.15 — Último Jornal

RTP-2

19.30 — Desenhos Animados  
20.00 — Videopolis  
20.30 — O Mundo em Guerra  
21.00 — Sessão das Nove — «A Dama de Constantinopla»  
22.30 — Jornal da Noite

**CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES**  
**SOS CTC**  
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO  
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA  
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE  
T. 88 27 86 - 89 98 26  
Av. S. João de Deus, 13 B • R. de Macau, 8-1.ª LISBOA

**MELO**  
INFORMÁTICA  
**CLUBE VIDEO VISITE-NOS!**  
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.  
Escritório: R. Bernardino Ribeiro, 15 - cave/dt.  
Loja Zodíaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C  
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (INAUGURAÇÃO 1/10/85)  
Tel. Zodíaco: 54 99 04 - Tel. Melo: 52 56 69 - 1100 LISBOA  
Demonstrações 3.ª e 5.ª das 18 às 20 horas

**GRUNDIG** a segurança de um grande nome  
seleccionou para si...

**RTP1**  
21.30  
Badarosíssimo

**RTP2**  
20.55  
Telefilme

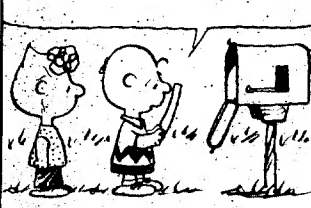
Assistência Técnica Grundig  
**NACIONAL RÁDIO**

Rua Bento Jesus Caraça 17 - Cruz Quebrada - Telef 2112871



«Louco Amor» na RTP-1

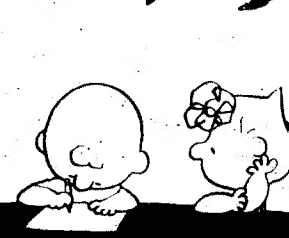
NÃO ACREDITO... AGORA A PATTY HORTELA - PIMENTA ESTÁ FURIOSA PORQUE NÃO RESPONDI A CARTA DELA!



DETESTO ESCRIVER CARTAS!



Querida Patty



NÃO DESISTAS... ABRE CAMINHO COM OS TEUS BORRÕES.



## MARÉS DE HOJE

| PREIA-MAR    | BAIXA-MAR    |
|--------------|--------------|
| 02.47 4,30 m | 08.27 0,60 m |
| 15.03 4,40 m | 20.51 0,50 m |
| Dia 15       |              |
| 03.28 4,40 m | 09.08 0,60 m |
| 15.46 4,50 m | 21.31 0,60 m |

| TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS: |     |
|--------------------------------|-----|
| BRAGANÇA                       | 11° |
| VIANA DO CASTELO               | 13° |
| VILA REAL                      | 13° |
| PORTO                          | 17° |
| COIMBRA                        | 19° |
| CABO CARVOEIRO                 | 16° |
| CASTELO BRANCO                 | 18° |
| PORTALEGRE                     | 23° |
| LISBOA                         | 17° |
| ÉVORA                          | 21° |
| BEJA                           | 17° |
| FARO                           | 17° |
| SAGRES                         | 19° |
| PONTA DELGADA                  | 21° |
| FUNCHAL                        | 21° |

## Os dois jovens africanos vão voltar à Mauritânia

Dois jovens guineenses, um da Guiné-Conacri e outro da Guiné-Bissau, estão há cerca de duas semanas detidos num camarote do pesqueiro «Anamar», por ordem da Guarda Fiscal, por terem tentado entrar ilegalmente em Portugal. Vieram da Mauritânia, em circunstâncias ainda por esclarecer, a bordo daquele barco de pesca do alto, da empresa «Nasci-Pesca», com escritório na Doca de Pedrouços, e foram impedidos de sair do barco depois de um contacto prévio, em pleno mar, entre o capitão substituto do «Anamar» e as autoridades portuguesas.

O «Anamar» descarregou na doca de Pedrouços, há dezasseis dias, a sua maior safra de sempre: 105 mil toneladas de peixe apanhado nas águas da Mauritânia (corvina, garoupa e pargo encarnado). Os dois jovens africanos haviam entrado em Nouaghibu, a capital económica daquele país com 1400 quilómetros de costa, com destino a um pesqueiro português chamado «Mar Vermelho», o qual já não está no activo piscatório. Mas só tardiamente o capitão substituto se apercebeu — apurámos esta manhã na Doca de Pedrouços — desse facto, e, alegadamente, que eram falsos os documentos apresentados.

Estão por esclarecer cabalmente as circunstâncias que envolveram o embarque de Bió Farinhanga, um jovem de 25 anos natural da Guiné-Bissau, que se diz estudante, e Touré Danda, de 23, que se apresenta como futebolista (parece que homem de ataque), natural da Guiné-Conacri. Ter-se-ão conhecido no Senegal, onde Farinhanga estudava e Danda jogava futebol.

Não nos foi permitido entrar no «Anamar», atracado à Doca DE Pedrouços como outros pesqueiros do alto, entre eles o «Teresa-Mar», também da empresa de João Carlos Nascimento, a «Nasci-Pesca».

O «Anamar» continuará em Pedrouços até que se ajuste a aplicação do novo acordo de pesca entre Portugal e a Mauritânia, o qual já entrou em vigor, mas, no caso daquele pesqueiro — e de todos, individualmente — implica, antes de cada viagem, contactos prévios. É uma tarefa mensal, porquanto o pesqueiro está cerca de vinte dias nas águas da Mauritânia e todos os meses volta a Portugal.

A viagem, desta vez, atrasou-se. E enquanto o «Anamar» se mantiver na Doca de Pedrouços, continuarão presos, num camarote de dois por três metros (onde mal cabe uma pessoa), dois jovens africanos que pensavam desembarcar em Lisboa há dezasseis dias e que da nossa capital só conhecem as paredes dos casarões da Doca de Pedrouços. Como o tempo passa e o seu problema não é resolvido, já por mais de uma vez se desentenderam, chegando a vias de facto, soube o «DL» no próprio local. Ao que parece, com tal ódio e violência que apresentam ferimentos em todo o corpo...

Os dois jovens não solicitaram a ninguém para falar com os representantes diplomáticos dos seus países em Lisboa, a dar crédito ao que nos disse um funcionário da Nasci-Pesca, nem esta empresa ou as autoridades portuguesas diligenciaram neste sentido. Francisco Carvalho, que nós falou na ausência do patrão, João Carlos Nascimento, adiantou ao «DL» que a situação ficará resolvida logo que o «Anamar» receber ordens para largar rumo à Mauritânia, devolvendo os dois «intrusos» ao seu ponto de partida: Nouaghibu.

Nada mais podemos fazer, porque eles sabiam bem as condições em que entraram no barco. Eles sabiam que não podiam desembarcar em Portugal, acrescentou este jovem que apenas os viu uma vez. «Não, eles estão guardados no camarote por dois guardas-fiscais, e portanto inacessíveis às pessoas. Só os vi uma vez e meteram-me tanto dó que não tive coragem para os ver mais vezes».

Entretanto, são diariamente alimentados pela Nasci-Pesca. Um dos homens das máquinas vai à cantina da Doca de Pedrouços, de manhã e ao fim da tarde, buscar-lhes a alimentação que o armador paga. «Comem carne ou peixe, porque é à escolha. E na viagem até aqui não lhes faltou nada, pois até vinho lhes demos...».

## D/E/C/A/R/A/S/



**RAMALHO EANES** visitou, no sábado, uma exposição de pintura subordinada ao tema «A Batalha de Aljubarrota na História e na Lenda», da autoria de Carlos Alberto Santos. A exposição encontra-se patente em Leiria, tendo o Presidente da República sido convidado, pelo proprietário da galeria. Embora se tratasse de uma visita inesperada, uma pequena multidão ocorreu ao local, para cumprimentar Ramalho Eanes, que se encontrava acompanhado pela mulher. Presente na inauguração esteve também Ribeiro Vieira, mandatário da ex-CNARPE e candidato do PRD pelo círculo de Leiria, nas últimas eleições.

**LUCAS PIRES** partiu, hoje, para o Algarve, onde permanecerá, de férias, durante uma semana. O ex-presidente do CDS, partiu para o Sul do País, mais concretamente, para Albufeira, depois de se ter despedido dos seus colegas dirigentes na Comissão Nacional do CDS. Lucas Pires demitiu-se, na terça-feira, do cargo de presidente do CDS, assumindo a responsabilidade da quebra de votação do seu partido nas eleições de 6 de Outubro.



**NATÁLIA CORREIA** afirmou, sábado, não estar ligada ao PRD, tendo frisado que é independente e, «se me apetece, mudava de partido as vezes que quisesse». A poetisa e ex-deputada do PSD falava durante uma entrevista ao programa «Nem Mais Nem Menos», da Antena 1. Referindo-se aos resultados eleitorais, Natália Correia sublinhou que a derrota do PS é lógica, pois «o PS quer ter uma ideologia que não pode praticar» e que o Governo do PSD, agora eleito, «tem uma chance, mas é uma oportunidade que sairá cara aos portugueses e ao próprio partido».

**MARGARETH THATCHER** celebrou, ontem, o seu sexagésimo aniversário natalício, com a família, na sua residência oficial de Chequers, no Sul de Inglaterra. Mais de 200 cartões desejando à primeira-ministra britânica feliz aniversário e dezenas de flores, chegaram, entretanto, à sua residência oficial, em Londres, o número 10 de Downing Street. A Imprensa britânica fez alusão ao aniversário da «dama de ferro», comentando que Margaret Thatcher não aparenta a idade que acaba de completar.



**GEORGE BUSH** chegou, ontem, à China, para uma visita oficial, de seis dias, durante a qual deverá manter conversações, a alto nível, sobre comércio. O vice-presidente norte-americano foi recebido no aeroporto de Pequim pelo vice-ministro dos Negócios Estrangeiros da China, Zhu Qizhen. Bush seguiu, depois, em caravana automóvel, para um encontro com o vice-primeiro-ministro, Wan Lim, tendo passado revista à guarda de honra e assistido a uma exibição de danças tradicionais executadas por crianças.

**DAVID BOWIE** regressou ao top dos singles, em Inglaterra, com a composição «Dancing in the Street». Só que, desta vez, Bowie tem de repartir o mérito com outra das grandes «estrelas» do rock: Mick Jagger. Com efeito, o disco, que acaba também de ser lançado em Portugal, surge na sequência do concerto «Live Aid», e é mesmo a única gravação editada, oficialmente, como parte daquele projecto para o qual revertem todos os direitos relativos à venda do single. Assinale-se que esta é a primeira vez que Bowie e Jagger aparecem juntos em disco.

## Nobel da Medicina para dois norte-americanos

O Instituto Karolinska, da Suécia, atribuiu hoje o Nobel da Medicina a dois americanos pelas suas descobertas em relação a «regulação do metabolismo do colesterol».

Os dois americanos, Michael S. Brown e Joseph L. Goldstein, trabalham no Departamento de Genética Molecular da Universidade do Texas, onde são professores.

Brown e Goldstein «conseguiram, com as suas descobertas, revolucionar o nosso conhecimento acerca da regulação do metabolismo do colesterol e do tratamento de doenças relacionadas com níveis excepcionalmente elevados de colesterol no sangue» — salienta o Instituto Karolinska.

## VISITE A URSS EM 1985

VIAGEM ESPECIAL POR OCASIÃO DAS COMEMORAÇÕES DO 7 DE NOVEMBRO

Partida 05 Novembro (14 dias)  
Visitando: Moscovo, Leninegrado, Kiev e Volgograd

PASSE O FIM DE ANO NA URSS

Partida: 27 de Dezembro (7 dias)  
Visitando: Moscovo e Leninegrado

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL URSS

Rua de S. João nº 14 - 1200 Lisboa  
Tels. 60 11 12 - 60 10 94

MUNDURAMA